



C. Rochefort
**O Repouso do
Guerreiro**



Grandes Sucessos



Christiane Rochefort

**O Repouso do
Guerreiro**

Christiane Rochefort

O Repouso do Guerreiro

Tradução de **Barreto Borges**

Digitalização: **Argonauta**, o guerreiro

*Laissez-moi souffrir si vous voulez
mais laissez-moi
éveillé du sommeil.*

VALLEJO

PRIMEIRA PARTE

I

Pois bem, aí está. Consumou-se. Tenho o que queria. O terreno está desobstruído. Limpo. Completamente limpo. E me pertence. Uma vitória tão completa e a tanto custo conseguida, de repente deixa-me insegura. Assusta-me: as pontes estão cortadas atrás de mim, é preciso avançar. Criei um vácuo sob meus passos, para onde caminharei? No limiar da felicidade, por mais merecida que seja, por mais que nos tenha custado, o coração hesita; tenho medo de meus remorsos, de minhas complacências. Irei transformar-me em estátua de sal? Não é bom voltar-se sobre ruínas; já não sabemos para onde vamos.

Mas não: a angústia está ligada a meu estado e de ambos me livrarei ao mesmo tempo. Esse mal-estar da alma é normal, disseram-me. São as glândulas. É preciso queimar esse passado de uma vez, como se faz com as velhas cartas, e não mais pensar nele. E continuar. No mesmo sentido. E viver. Com o que tenho. O que eu queria.

.....
O caso de uma herança trazia-me àquela cidade, onde nada indicava que minha vida ia ser jogada. Ninguém me esperava na estação para me prevenir, para me aconselhar a arrear caminho. Eram onze e cinquenta. Chovia. O trem partiu atrás de mim sem estrépito, deslizou sobre os trilhos molhados, tendo

deixado naquela localidade apenas eu e algumas bicicletas. Eu tiritava. Devia ter trazido um impermeável. Em Paris fazia bom tempo. Pensa-se sempre que faz bom tempo em toda parte. No outono, todavia, devia-se desconfiar.

Contra a parede brilhava um cartaz azul da Rede Ferroviária representando uma aldeia do sul, encarpitada num espigão rochoso. Saint-Paul-de-Vence. Seu clima. Suas laranjeiras. Prometi a mim mesma ir até lá tão logo minha nova situação o permitisse.

Reparei no horário de volta. Não ia me arrastar. Arranjaria tudo em vinte e quatro horas e tomaria no dia seguinte o dezoito e vinte e sete, muito prático, que me deixaria em Paris às vinte e uma e dois. Escreveria a Pierre para que me esperasse na estação. Estava tudo traçado. Gosto de que tudo esteja traçado.

Era meio-dia. Desemboquei sem surpresa numa feia praça batida pelo vento. Em frente de um e de outro lado de uma avenida onde plátanos acabavam de se desfolhar, erguiam-se dois hotéis igualmente medíocres, entre os quais hesitei por um instante; hesitação fugaz, cuja importância, no momento, me escapou — optei pelo *La Paix*, à direita, contra o *Le Gare*, que nada ficava a dever ao outro, mas me custava a mais a travessia de uma rua; além disso, como já disse, chovia, e eu não trazia capa. De resto, foi sem pensar, ou quase. Em suma entrei no *La Paix*.

"Quarto para uma ou duas pessoas?" disse um homem gordo, enrolado atrás de seu balcão.

Não via que eu estava só? Dei-lhe a confirmação.

"Cama de casal ou cama de solteiro?"

— Para mim é indiferente, senhor.

— Vou lhe dar o 7.

Estendeu-me uma ficha. Geneviève Le Theil. Estudante. Motivo da viagem: negócios. Negócios. Os olhos semicerrados, o homem examinou o documento com uma atenção que ele não merecia, e lançou-me um olhar inutilmente suspeito. Deformação profissional. Ou miopia. Subi, escoltada por um empregado de higiene duvidosa. A pia se esvaziava mal e a água quente não era quente. Acomodei-me. Mudei o *chemisier* e desci. O gerente, levantando o nariz de seu jornal, acompanhou-me com os olhos, como se minha conduta o surpreendesse. Contudo, ela não tinha nada de mais; era quase uma hora e eu ia almoçar, antes de apresentar-me ao tabelião.

Deixei o tabelião às cinco horas. Era proprietária de dois prédios na cidade, de uma moradia nos arredores: e, à frente dos bens, rendimentos e um líquido cujo montante — assim como a adição dos vagões de couve e dos cavalos ao comprido — me era impreciso, mas parecia prometer-me uma existência confortável. Avançando pelas ruas, o sobrececho franzido, dava livre curso aos sonhos que, até ali, temendo uma decepção, havia-me sensatamente proibido: por vezes nos surpreendemos com as pessoas de idade; maus investimentos, desvalorizações... Tia Lucie, aparentemente, tinha evitado esses tropeços. Veio-me um pensamento de gratidão para com essa parenta que eu não vira mais desde a primeira comunhão e que, colhida por uma morte tranqüila, numa idade lógica, havia-me, na falta de outra descendência, feito sua legatária. Que ela esteja, lá em cima, tranqüila: quanto a seus bens, que acabavam de me tocar, tinha eu a mais pura das intenções. Seriam consagrados à infância desamparada, conforme o

projeto que, havia já muito tempo, concebera com uma amiga: eu gostava de crianças, tanto mais que minha saúde não permitiria jamais tê-las; quanto a Claude Amyot, sua natureza a inclinava espontaneamente para o bem, num impulso que eu às vezes admirava, às vezes invejava; só pensava nos outros; comigo acontecia que eu pensava em mim, em minha felicidade, em minha própria vida. Não obstante, esses caminhos diferentes nos levavam com igual fervor ao mesmo objetivo, à vista do qual havíamos organizado nossos estudos; quanto ao resto, e em particular no que se referia à solução dos problemas materiais, contávamos um pouco com a Providência: de fato, ela não fora insensível. A Claude, deixada na incerteza, na plataforma de uma estação parisiense, devia eu a notícia tranquilizadora; pus-me a procurar a agência do correio, de onde passei um telegrama falsamente lacônico: "Tudo bem. Pode fazer projetos." Ao enviar esse telegrama foi que realmente me dei conta de minha situação, a tal ponto que, lembrando-me de que chovia, comprei para mim, numa loja da cidade, uma capa que eu nunca usaria fora de seus muros tão duvidoso era o corte e rústico o tecido. Assim preparada, desabalei para o hotel, aonde não havia a menor necessidade de voltar, exceto que eu não tinha mais nada a fazer e experimentava confusamente uma sensação de "não teria já perdido tempo demais?" Impressão sem nenhum fundamento, que eu atribuía, então, pois raciocínio, ao desejo de fazer ponto final. Não gosto de não saber onde estou. Caminhava depressa e atravessei numerosas pontes de ferro, cintilantes de chuva. Ainda não eram seis horas quando transpuse a soleira do hotel, e o homem me lançou ao entregar-me a

chave, aquele olhar ao mesmo tempo indiscreto e surpreso, que finalmente atribuí à miopia. Subi imediatamente. A fechadura funcionava mal. Insisti. Uma chave caiu do lado de dentro, a porta se abriu.

Tornei a fechá-la rapidamente. Havia-me enganado. O número confirmou: 6. O meu era o 7, ao lado.

Plantei-me ali, sem me mexer. A imagem incrivelmente nítida, permanecia fixa em meu espírito: numa cama de casal, um homem dormia completamente vestido, a boca aberta. Tudo nele, as dimensões, o rosto, era normal. Roncos irregulares saíam-lhe da garganta. O conjunto, na claridade do entardecer, tinha um aspecto sinistro. Entretanto, era apenas um homem que dormia; há muito eu devia ter seguido, entrado em meu quarto — mas não me movia. O coração batia, como se soubesse mais do que eu. Era apenas um homem que dormia; morto de bêbado, talvez. A palavra soou de maneira inquietante. Não me contive mais. Resolutamente, tornei a abrir, e o primeiro objeto que vi foi de fato, sobre a mesa de cabeceira, o tubo ao lado do copo. Dois tubos, mesmo. Nenhum rótulo. Entendi enfim porque ele roncava: estertores. Uma enorme mão pendia fora da cama. Toquei-a: fria. Ousei sacudi-la; nenhuma reação. Era horrível. Desci a escada a correr.

— Meu senhor, creio que houve um acidente com um de seus hóspedes!

O porteiro ergueu do jornal local um nariz tranqüilo.

— Pois é — disse, sem surpresa. — E qual?

— O do seis.

— Pois é — disse mais uma vez, e sempre sem

se mexer. — Mas, perdão, como é que a senhora sabe?

— Enganei-me com o quarto. Escute, o que o senhor tem a fazer é subir, não tenho nada com isso.

O homem deslocou a massa do corpo alguns centímetros.

— Um acidente?

— Creio que se envenenou. Minha chave abriu. Escute...

— É esquisito — disse, pousando o jornal e por fim levantando-se.

— O senhor vai ver, ficou na porta. Parece-me que é um caso urgente...

Passou adiante de mim e começou a subir a escada pesadamente. Sua noção de urgência era diferente da minha.

— O seis? — repetiu, com, naturalmente, uma parada, e apresentando-me a cabeça obtusa e vagamente malévola.

— O seis, sim. Duas vezes três.

Deixara a porta aberta. Dei-me conta de que havia acompanhado o porteiro. Este entrou e sacudiu o hóspede.

— Cavalheiro! Eh, cavalheiro! Cavalheiro, acorde!

— Era de admirar, se acordasse — disse eu, apontando para os tubos.

— Ah, é maroto, se for isso — disse ele. — É maroto, estou lhe dizendo! — atirou-me as palavras no rosto, como se eu tivesse armado a cena com as próprias mãos. — Vai ser preciso chamar a polícia. Cavalheiro!

O cavalheiro não deu o menor sinal. Respirava agora sem ruído.

Ao sair, o porteiro experimentou minha chave.

— Mas então é assim que a senhora diz que isso funciona?

— Funciona, sim. Felizmente, aliás. Felizmente para o senhor — frisei, com uma ênfase que me parecia necessária.

— E onde está a outra chave?

— Escute... — Mas que adiantava empurrá-lo, se eu não era nenhum Hércules? — Ouvi quando caiu, — resmunguei — não pode ter-se evaporado.

Tornou a abrir a porta e, de fato, apanhou a chave do seis, voltando a fechar. O homem, esse talvez estivesse por um fio.

— Deixou a chave na fechadura, mas sem atravessá-la — constatou o hoteleiro, descendo, afinal, as escadas.

— Felizmente! Pois se tivesse deixado atravessada — eu gritava, quase — eu não teria podido abrir, veria que estava enganada, entraria no meu quarto; e, amanhã de manhã, o senhor encontraria um cadáver. Aliás, é o que acabará acontecendo!

O homem pareceu perceber a alusão e tirou o telefone do gancho. Eu odiava tudo na província. Em Paris, apesar de tudo, somos mais espertos. Afinal, falou com a polícia e anunciou-me, como se eu fosse da família, que eles chegariam logo em seguida. Havia cumprido meu dever. Meu papel estava encerrado.

— Só me resta subir — disse eu, estendendo a mão para receber minha chave, que ele havia retido.

— Não vale a pena, eles estão chegando.

— Não tenho necessidade de vê-los.

— Mas eles decerto vão querer — disse, num tom ameaçador. — Foi a senhora quem fez a descoberta.

Era verdade. Sentei-me. Lá em cima, o homem ia de mal a pior. Minutos literalmente mortais transcorriam. Comecei a ouvir o relógio da portaria, até então mudo. O porteiro voltara a ler o jornal do lugar.

Por fim, a ambulância chegou, ouviu-se um bater de portas, os padioleiros entraram, seguidos de um homem que devia ser o inspetor. Ao vê-lo, o porteiro desdobrou-se: surpreendi-me ao verificar que ele era capaz de apressar-se; para isso, precisava da polícia. Acelerou o ritmo de seu mundo, interessado, no momento, em expedir a encomenda que poderia tornar-se incômoda, de um momento para outro. Enquanto se tratava da morte dos outros, por que apressar-se? Sua comodidade era coisa séria.

Os padioleiros desceram muito depressa. Havia estendido uma coberta sobre o homem. Estaria morto?

A ambulância arrancou sem demora. O proprietário descia em companhia do inspetor. Estava descontraído. Sorria, de acordo com a tendência dos de sua classe, de serem amáveis para com a polícia.

— Vejamos a ficha. Jean Renaud, estudante. Mas não parece tão jovem assim. O senhor viu a carteira de identidade dele?

— Copiou o número na minha frente.

— Provavelmente destruiu a carteira e jogou na privada, e o número é tapeação. E ali dentro, também, qualquer documento — disse o inspetor, apontando para uma pasta de couro que havia trazido ao descer. — Se ele morre desta, vai ser uma beleza. Da próxima vez, mais atenção.

— Sim — disse o hoteleiro, confuso, lançando-me um olhar prometedor de averiguações. — Mas escapará, sem dúvida: havia menos de três horas que

ele estava lá em cima, quando foi encontrado. Então, minha senhora — acrescentou, chamando sobre mim, com um gesto do braço, a atenção da polícia.

— Ah! — disse o inspetor, voltando-se por inteiro para aquela peça mestra do caso. — Conhece essa pessoa... ahn, senhora ou senhorita?

— Senhorita. Não, absolutamente, não conheço esse cavalheiro.

— A senhora chegou hoje?

— Pelo trem das onze e cinqüenta — esclareceu o hoteleiro.

Senti flutuar a hipótese do crime perfeito. Era o que faltava.

— E a senhora nunca havia visto, antes, esse homem?

— Não. Já disse que não.

Havia lido histórias que começam assim e cujo herói termina sob o cutelo. Achei prudente um esclarecimento completo, antes que a engrenagem se pusesse em marcha comigo dentro.

— Estou aqui a negócios. Tenho que tratar do caso da herança de uma de minhas tias, a Sr.^a Les-cure, e para isso vim entender-me com o tabelião Varangé, seu testamenteiro.

Uma repentina amabilidade desabrochou nas feições de meu hoteleiro; parecia subitamente aliviado; eu existia.

— Deixei o tabelião Varangé por volta das seis horas e me enganei de quarto.

— A porta estava aberta?

— Minha chave abriu.

— É verdade — disse o hoteleiro, precipitando-se em meu auxílio; — não compreendo por que,

mas a chave do 7 abre o 6. Já verifiquei. Eu mesmo não sabia.

— Uma sorte — disse o inspetor, que parecia mais esperto que o nosso pobre diabo.

— Sim, uma sorte, no caso — disse ele, cujo cérebro parecia afinal mover-se na direção certa.

— Então, senhorita, chegou pelo trem das onze e cinqüenta, tomou seu quarto. . .

— Sim, — disse o hoteleiro — e saiu logo em seguida, só voltando às seis horas. O homem, esse chegou às duas e meia, pelo quatorze e dezoito, provavelmente.

— A senhorita já tinha saído?

— Havia mais de uma hora.

Que boa a idéia que me ocorrera, indo almoçar na cidade. E pensar que poderia ter preferido, por exemplo, repousar um pouco; estaria frita. O comportamento do hoteleiro começava a ficar claro: aquele desfile ininterrupto de estudantes parisienses solitários, as chaves que abriam todas as portas. . .

— Pediu-me um quarto para uma noite, e pagou adiantado, inclusive o serviço. Perguntei se queria cama de casal ou de solteiro, como faço sempre, quando é o caso, decerto, por que não ser gentil com o cliente? Ele sorriu com ar entendido e disse: "Cama de casal, isso é o menos." Naturalmente que essa reflexão mais depressa fazia pensar em alguma história de mulher, ponham-se em meu lugar.

Seguramente. Bendita seja aquela refeição, aliás execrável. Meu apetite me havia salvo.

— Que mulher velhaca, — disse o inspetor — essa para quem ele queria uma cama de casal!

O hoteleiro riu.

— Em seguida, disse que não queria ser inco-

modado antes da manhã do dia seguinte. Continuei a pensar na mesma coisa, ponham-se no meu lugar. De fato, foi bem premeditado.

— Somente uma coisa ele não tinha premeditado, — disse o inspetor, brincalhão — que o 7 abre o 6 e que, — virou-se para mim com um largo sorriso — e que as moças às vezes são distraídas. Estará frito quando voltar a si, no hospital, sem documentos e sem dinheiro. Ele que acreditava ter acabado com isso. . .

Fiz o bonito. Até então, estivera possuída da certeza de haver praticado uma boa ação. De repente dei-me conta de que o ponto de vista de "Jean Renaud" podia ser diferente.

— Ora essa, tanto pior para ele — disse o hoteleiro. — Quem mandou?

O inspetor deu o caso por encerrado, tanto mais que era fora de dúvida que não haveria morte, desculpou-se das perguntas feitas a mim e me estendeu a mão. Eu estava completamente fora de combate. Que sorte ter um álibi, uma respeitável tia defunta e um tabelião.

A essa altura, o hoteleiro me sorria; como sorria à polícia.

— Muito bem — disse ele. — Cumprimos nosso dever. Ora vejam, vir fazer isso em minha casa. Não podia fazer na dele?

— Talvez não fosse fácil — disse eu.

— Não é uma razão para vir para a minha. Ponha-se em meu lugar. Quando chegou, me disse: "Que não me incomodem antes que amanheça." Tinha lá na cachola sua idéia; deixar-me com o cadáver nos braços. Eu, hein?, acho que é uma sujeira.

Que se suicidem, se quiserem mas que não façam isso na casa de pessoas que não conhecem, afinal.

Se bem que me desagradasse ver-me de acordo com uma personagem tão vulgar, era meu dever confessar meu espanto diante do que constituía, de fato, uma desconsideração para com os outros e uma falta de respeito para consigo mesmo. Deixar o próprio cadáver atrás de si, não se sabe em que estado, como quem o jogasse ao lixo... Uma tão completa negação da vida, pior que o próprio suicídio, deixava-me incrédula e à beira da reprovação. Nisso havia não somente desespero, mas também escândalo. E depois, ir suicidar-se na província! Se fazia tanta questão de terminar numa charada, em Paris há também um hotel de Paz!

— Arrume o 6 imediatamente — disse o hoteleiro ao empregado. Caprichado. E deixe a janela aberta.

Ar, depois daquilo tudo.

— Francamente, — disse o hoteleiro confidencial — pensei que a senhora o conhecesse. Ponha-se em meu lugar, em nossa profissão principalmente nesses hotéis em volta das estações, que não têm ar de nada, a gente vê mais coisas do que é capaz de imaginar, e as pessoas têm boa aparência. A gente aprende, à força, a desconfiar da melhor das aparências. A senhora chega. Duas horas depois entra aquele tipo, também sozinho, com uma bagagem de nada, aí, penso com meus botões: ora, é para a minha clientezinha...

Tive um sobressalto ofendido ao ver-me associada àquele trapo agonizante. Ê bem verdade que não estava agonizante quando chegou. Havia gracejado a respeito da cama de casal. Mesmo assim.

— É preciso compreender — disse o hoteleiro, notando minha irritação. — Quando não se conhece... Em nossa profissão, a gente tem o hábito de fazer romances e muitas vezes calha. Enfim, felizmente para a senhora, não era nada disso. Então, a senhora é sobrinha da Sr.^a Lescure?

Muito bem. Mudemos de assunto. Ele não a conhecera propriamente, mas em compensação conhecera Charles, ou seja, meu tio, que costumava jogar sua partida defronte, ali, veja a senhora. E apontava para o café do Hotel da Gare, onde poderia ter-me hospedado, pensava eu com algum arrependimento. Eles possuíam prédios na cidade, não é? E depois, a vivenda; tinha um lindo parque que, no momento, desgraçadamente, margeava a variante dos caminhões de carga. É por isso que iam construir o motel, a senhora sabe, esses alojamentos à beira das estradas, a nova moda...

Eu tinha prédios, uma vivenda, um lindo parque. Esquecera-me deles por um instante. Tornei a tomar pé.

— Vou jantar — disse alegremente.

Que eu não fosse jantar em qualquer lugar, exclamou o pobre diabo, a mesa era o que a cidade tinha de melhor. Especialidades. Recomendou-me o *Chapon Vert*, ensinou-me o caminho, quase compôs meu cardápio.

— Após todas essas emoções, — disse ele — é preciso uma boa refeição.

Essas emoções. Que emoções? Ah, sim, o morto. Lembrei-me com constrangimento. Aquela comprida mão fria, que eu havia tocado. Subi para arrumar-me um pouco.

Não fiz muita honra a meu jantar gastronômico.

Sozinha, cercada de pratos suntuosos, sentia-me pouco à vontade. Regressei sem demora.

— Atenção, — disse o proprietário, entregando-me a chave. — O 7!

— Até que não é mau, quando me engano.

Ele concordou, desejou-me a melhor das noites, eu ia ver como a casa era tranqüila. E era. Sentei-me diante da mesa e tentei fazer o célebre balanço da situação. O silêncio me oprimia. Meu pensamento fugia. Não se ouvia o menor rumor, exceto os trens constipados que deixavam atrás de si um silêncio ainda mais espesso. Eu estava só, no meio da noite. Não. Não estava só. No extremo oposto da cidade, um homem se debatia, um homem que era arrancado, à força, da paz que ele se proporcionara. Num leito de hospital, que seria de "Jean Renaud"?

*

Levantei-me cedo, como de costume. Havia tido meu pesadelo: procuro alguém; chego a um logradouro público onde sou recebida por risos de homens e me dou conta de que estou vestida com uma combinação muito curta e pouco limpa. Esse sonho povoou minha infância sob diversas formas, fez uma breve reaparição após a morte de meu pai, depois desapareceu. Esperava que ele tivesse perdido meu rastro, mas não. Ali estava ele. Pensava que aquele homem de ontem, finalmente, tivesse morrido.

Pedi um banho, tomei meu chá com limão, sem biscoito, e me apercebi de que estava com minha crise de fígado. De fato, bobamente, eu havia comido demais na noite da véspera, não precisava apelar pa-

ra o profetismo. Ademais, eu ia saber dentro de um instante.

Não ousei telefonar do hotel, diante do loquaz forjador de romances, que me faria perguntas sobre minha saúde, e exaltaria a tranqüilidade com que se dormia em sua casa. Sim, pensava eu, mas algumas vezes somos perturbados em nosso sono.

Iria ao correio. Da mesma feita veria meus prédios, tinha tempo, eram apenas dez horas.

Meus prédios eram feios e sólidos, cheios de um movimento de comadres; era dia de feira. Toda aquela gente carregando cestos acabava de mudar de situação sem o saber. Eu era senhoria de comadres. Tentava divertir-me com aquela idéia; faltava-me convicção. Sim ou não, aquele Jean Renaud havia morrido?

Não davam informação por telefone. Era preciso dar-se o incômodo. Eu tinha precisamente duas horas a matar. Pedi que me ensinassem onde era o hospital. Andei me perdendo. Os subúrbios eram extensos, de uma incomparável monotonia, e percorridos por numerosos ciclistas. O hospital era bem cuidado. No escritório, não sabiam quem era o Sr. Jean Renaud. Porém na noite do dia anterior verificara-se uma única entrada: no pavilhão B. Fui até lá.

— Um certo "Jean Renaud", que tentou o suicídio ontem, será que ele. . .

— Psit! — cortou a enfermeira. — Pois bem, está salvo. Vivo, e bem vivo, mesmo. A senhora é uma parenta?

— Não, fui eu quem... quem o encontrou, e eu queria saber se... queria ver se. . .

— Ah! É a senhora? Ele vai ficar radiante — disse a enfermeira, levantando-se. — Venha.

— Mas eu... eu não...

Não tinha a menor intenção de fazer-lhe uma visita. Aparentemente certa do contrário, a enfermeira, surda às minhas negativas, sem me deixar dizer palavra, caminhava à frente ao longo de um interminável corredor, arrastava-me, arrastava-me contra a minha vontade, num turbilhão de palavras, e eu a acompanhava, aparvalhada, aturdida, e seguia como um carneiro e, como um carneiro, sem saber para onde.

— Ele a esperava. Quer ver "aquela a quem deve a vida, depois de sua mãe", como diz ele. Tem cada uma! Está muito agradecido à senhora. Agora. Porque, a princípio, a história era outra. Sabe qual foi o despertar que ele nos arranjou, depois de termos passado horas e horas lidando com ele? Abriu um olho e disse: merda. Está aí a recompensa. Por que coisas não terá passado! Mas, depois, endireitou-se, recuperou a razão, jurou que essa espécie de asneira estava encerrada. Aliás, ele pensava que dormia, simplesmente. Enfim, é como ele diz agora. Pobre rapaz! Como há mulheres perversas. Um homem tão alegre, ser levado a isso! É verdade que também foi uma mulher quem o salvou, como ele diz: as mulheres fazem tudo na minha vida, o melhor e o pior. Ele é uma bola! Desde que parou de sofrer, é um número. Entre. Aqui está ela, Sr. Sarti, o senhor tinha razão, ela veio.

Eu não soubera escapular em tempo.

Ele estava num boxe, recostado nos travesseiros. Grande demais para o leito. Ao ver-me, esboçou um sorriso expansivo bastante ambíguo.

— Aqui está o anjo — disse ele. — Como vai, depois de todas essas emoções?

Ele, também.

— Eu, vou indo. Você, sim, é que...

— Eu, o que é que você quer? estou em perfeita saúde — suspirou.

Esboçou no ar um amplo gesto resignado. Lembrou-me de já ter reparado em como eram bonitas as mãos dele. O rosto, esse não deixava de ser feio, mas que metamorfose lhe causavam os olhos! Pequenos, pouco amáveis, porém de uma inteligência tão aguda que a gente se esquecia da feiúra, que se transformava em expressão.

— Alegro-me que você seja bonita. Podia ter sido aquele homem obeso de lá de baixo, cheio de pensamentos obscenos ou o triste empregado, ou, pior ainda, um vendedor de máquina de lavar roupa. Não teria sido nada bom. Salvo por salvo, prefiro que seja você. Você parece uma madona bizantina. Cai melhor na minha vida.

— Sabe, — disse eu, para manter o tom — não foi proposital; foi um engano. Enganei-me com a porta e a chave abriu. Malfadado concurso de circunstâncias.

— Lógico — disse ele. — O jardineiro de Is-pahan ao contrário: o quê, diz a morte, ele me procura no campo? Mas esta noite é na cidade que eu opo-ro. Se eu tivesse ficado em Paris, teria me atirado debaixo de um ônibus. É bem eu. Monto uma tragédia e o *vaudeville* se intromete, forçando as portas. Com chaves falsas. Histórias de portas geralmente são reservadas aos chifrudos. Mas, quanto a mim, o ridículo é o meu reino, o irrisório meu fado, as calças que caem na catedral no momento da coroação do imperador, o meu carma. Deus ma deu, não a quis receber de volta, se bem que lha oferecesse a preço

de liquidação, uma verdadeira pechincha, por um nada; para levar. Contudo, que seu santo nome seja louvado. Não perderá nada por esperar, acabarei morrendo um dia, ora, ele terá que ceder. O tempo trabalha a meu favor.

Seria o efeito normal do veneno? Ter-lhe-iam dado alguma droga? Eu estava estupefata. Ele riu.

— Ora, não chore mais (eu de modo algum estava chorando). — Tudo isso não tem a menor importância. Você foi apenas um instrumento cego. Sua responsabilidade é exclusivamente... objetiva. Principiada por um tom adocicado, a frase terminou como um cutelo. Ele não me estava agradecido por nada deste mundo.

Olhava-me com uma astúcia sisuda, a cabeça um pouco inclinada, ao modo das cobras. Senti o desejo de entrar na conversação comum.

— Você... você não precisa de nada?

Bela pergunta para se fazer a um morto. Agarrou-se a ela com unhas e dentes.

— De nada, absolutamente. Obrigado. Você já fez demais.

— Quanto tempo vão conservá-lo aqui?

— Pouco. Parece que me pegaram em tempo. Conservam-me por caridade. Estou com o sono atrasado; não me deixaram dormir tanto quanto eu queria.

A conversação comum, com ele!

— Mas ainda me encontrará amanhã. . .

— Amanhã? É que não sei se amanhã. . .

Ele me fixava, a cabeça inclinada. A partida, aquela noite, de repente me pareceu precipitada: mal teria tempo de ver a casa, depois o tabelião, pagar o

hotel, pular no trem... e depois, havia-me esquecido de escrever a Pierre. . .

— Amanhã — repeti, atoleimada. — Pois bem, penso, de fato, provavelmente ainda estarei aqui, sim. Se ainda estiver aqui, virei saber notícias suas.

Levantei-me. Sentia-me pouco à vontade. Aliás, fazia muito calor naquele hospital. Eu devia ter tirado o impermeável. Aquela vestimenta era um verdadeiro escafandro, eu transpirava abundantemente.

Estendeu-me a mão, com seu sorriso inteligente.

— Até amanhã — disse.

— Até amanhã.

Ao sair, ainda me perguntava por quê. O calor devia ter-me apatetado. Ele parecia ter vontade de que eu viesse. Devia sentir-se terrivelmente só. Isso era visível, não obstante os ares que ele se dava. De fato, eu tinha um pouco de pena. Afinal, podia perder um dia por um homem que acaba de se matar.

II

Tornei a me encontrar, aliviada, ao ar livre. Caminhava. Tiros de espingarda estalavam na planície. Alguém caçava. Seguia ao longo de um canal. Como é triste, um canal. Mas, enfim, via árvores; aproveitar igualmente o campo, já que me encontrava ali. Que rapaz esquisito! Comi no trajeto, muito mal, numa baiúca cuja aparência campestre me iludira.

Às cinco horas meus negócios estavam resolvidos. Tinha os pormenores de minha fortuna, a relação de meus títulos e bens imóveis. Começaria por me conceder alguns caprichos com o capital; tentava-me um carro pequeno; antevia-me experimentando um casaco de pele, não um vison, mas algo de chique. Boa idéia, aquela herança no limiar do inverno. E depois iria ao sul. E depois... e depois, viveria bem; casaria com Pierre... Seria feliz...

Não sabia, o que fazer de "minha" casa, uma velha vivenda sem estilo, mas arrodada por um soberbo parque. O tabelião aconselha-me a vender, pois havia despesas. A peça principal, onde tia Lucie vivera entre bibelôs, tinha uma lareira muito bonita. Adoro as grandes lareiras de campo. Mas seria eu bastante rica para conservar uma casa por causa de uma lareira? Hesitava. Será que poderíamos instalar

ali o abrigo de crianças? A resposta ficava para o dia seguinte, já que eu também ficava.

Ficava. Parecia que essa decisão ridícula fora tomada à minha revelia, e aos pedaços. Um dos pedaços era uma palavra aturdida, pronunciada sob a ação do calor, e da qual eu me via, no momento, prisioneira. A boa educação tem seus percalços. Que iria eu fazer das notícias dele? Eram excelentes as notícias dele.

Ora, nem tanto. Encontrava-se sem um centavo e sem mais razões para viver do que antes. Pobre rapaz! É tão esquisito, não é? A compaixão voltou-me ao coração. Uma mulher? Dizia a enfermeira; eu tinha minhas dúvidas. Ele não tinha o jeito de quem emerge de um desengano de amor; não se é assim tão alegre; devia ser pior.

Que faria ele? Não poderia sequer tomar o trem de volta, devia ficar ali naquela cidade deprimente, cheia de pontes, capaz por si só, de levar ao suicídio... Não: eu podia pelo menos evitar-lhe isso. Dar-lhe-ia possibilidade de sair dali, pois era por minha culpa que ele ainda tinha que tomar trens; pagaria sua passagem; e mesmo lhe arranjaría algo com que se manter, enquanto esperasse; enquanto esperasse o que quisesse. E não seria isso, além do mais, uma excelente inauguração da herança? Uma boa ação. Aferrava-me à idéia. Depois do que estaria quite com Jean Renaud, que viera suicidar-se a meus pés e cuja lembrança, qualquer que fosse minha opinião a seu respeito, perturbava-me. No fundo eu sentia remorsos; era preciso pagar o resgate.

Assim foi que, no dia seguinte, coração aliviado pela certeza de um desfecho próximo, atravessei a porta do pavilhão B.

Fui encontrar minha vítima sentada num banco, conversando com a enfermeira.

— Aí está ela — disse a enfermeira. — Seu anjo da guarda.

Franzi o rosto e disse um bom-dia seco.

— Bom dia, meu escoteiro bizantino — respondeu Jean Renaud, — Bizantino, e à revelia — explicou, em face de meu ar casmurro.

É comprido como um pé de milho crescido, como uma malva-rosa. Elegantemente vestido e em dia com a moda. A miséria não deve estar em causa, ou data de muito pouco.

— Agora, deixo-o aos seus cuidados — disse a enfermeira. — Tome conta dele. Ainda não está firme das pernas. Está de regime. Tem a sua receita, Sr. Sarti?

— Tenho minha receita — disse o Sr. Sarti. — O que é que está pensando? Não tenho vontade de estar doente.

— Então, até à vista. E tenha juízo.

— Adeus, Sra. Favre, é provável que não nos vejamos mais.

— Assim espero.

— Pois de outra vez — murmurou ele com ternura — irei a outra parte. Aqui tratam bem demais.

— Cale a boca — disse ela, com uma severidade repentina. — Ou torno a fazer sua ficha, e vai ver como é que se trata bem aqui.

— Perdão, — disse ele — não farei mais.

— É o que aconselho. Se recomeça, sabe o que o espera.

— Esteja tranqüila. É muito difícil. Sinto-me

desencorajado. Precisarei de tempo, antes de encontrar forças para tornar a meter mãos à obra.

— Que louco! — disse ela, abalançando a cabeça, tristemente. — E dizer que atestamos sua sanidade mental. Vá, até a vista. Até a vista, senhorita, cuide bem dele — acrescentou, levantando a voz, à passagem de um interno. — E cuidado com o regime!

Ora veja, quantas recomendações, e que tinha eu a ver com o regime dele? Essa era boa, aquela mulher atirar-me nos braços o seu doente, como se eu fosse da família. Que será que ela pensava? Sem desmentir, o Sr. Sarti tomou sua pasta e saímos. "Nós" saímos. Tinha vindo buscá-lo, simplesmente. Tomá-lo nas mãos. Ele caminhava junto a mim, o nariz erguido, com um grande ar de inocência. Senti um mal-estar impreciso.

— Não está cansado? — perguntei, para romper o silêncio que me oprimia.

Surpreendia-me que ele ainda não tivesse pou-sado a grande mão em meu ombro, chamando-me de sua bengalinha bizantina. Aliás, meu ombro ficava ao nível adequado, chegava-lhe ao cotovelo.

— De modo algum — disse ele — sinto-me muito bem. Estou num humor excelente.

Renunciara ao projeto de lhe entregar o dinheiro sem mais aquela. Não era oportuno. Passar-lhe as notas daquele jeito, à porta do hospital, teria sido a última das grosserias.

— Se é preciso viver —, disse ele — vive-se igualmente aqui fora. Tem um cigarro?

— Não fumo.

— Ah!

Revolveu os bolsos, tirou um papel, examinou-o, sorriu, tornou a guardá-lo.

— Em suma, foi tudo muito bem — concluiu.

— É verdade, podia ter sido pior.

— Exato — disse ele. — Muito pior. Foram todos perfeitos.

Tinha um permanente ar de troça.

— Até você — disse ele.

— Eu?

Sorriu.

— Vê-se que você não tem prática de suicídio.

Prática de suicídio, dir-se-ia um sonho.

— Claro que não — disse eu, um pouco irritada. — Nunca procurei adquirir.

— Escapar dele não é tudo, é preciso ainda arranjar uma saída. A morte não é o pior. O pior é a continuação.

Chutou uma pedra. A continuação da morte. Estaria louco?

— Não tem cigarro?

— Já disse que não.

— É verdade, desculpe.

Calou-se preocupado com a necessidade de fumar. Comprar-lhe-ei cigarros na primeira tabacaria. Podia fazer isso também.

— Como foi que você recuperou sua pasta?

— A polícia deu-se ao luxo de trazê-la, a pretexto de saber quem era eu, e se, apesar de tudo, não me haviam assassinado. Espero que não tenham suspeitado de você, por um instante; não se descobre cadáveres impunemente.

— Pode alegrar-se, saí-me brilhantemente. Mas tinha um alibi e referências.

— Tirei as últimas dúvidas. Declarei-me o ú-

nico assassino; e, ainda, por imprudência: legítima defesa contra a insônia. Não confesse nunca, a regra é essa; trate de gravar isso, para o caso de ser preciso. Se bem que você não tenha disposição, nunca se sabe. E, de preferência, pleiteie o crime passionai: é o único móvel admitido e perdoado. O desengano de amor desperta a simpatia geral. Foi o que fiz.

Voltou-se bruscamente para mim.

— Não era verdade — disse, como se a informação devesse me interessar.

— Então, era o quê? — adiantei-me, esperando uma resposta de natureza que me facilitasse o gesto caritativo, sempre em suspenso.

— A vida. Mas é mal visto, morrer pela vida. Imediatamente nos mandam para a seção de perturbados. Ao passo que o mal de amor, isso funciona em todos os sentidos. Em compensação, me repreenderam energicamente por ter jogado a identidade na latrina. Pensei que podia passar sem ela. Louco engano. A sociedade recuperou-me em seu seio, com meus nomes e qualificações. Encontro-me, pois, em condições de me apresentar: Renaud Sarti, sem profissão definida. Nossas relações vão poder tornar-se normais.

Deus o ouça! Caminhávamos rumo à cidade, devagar, pois, de fato, ele parecia extremamente cansado. Eu devia ter vindo de táxi!

— Está pesada, a pasta? — ditou-me uma renascente compaixão.

— Minha escova de dentes. O apego dos homens a sua escova de dentes, diga-se de passagem, dá o que pensar, principalmente sobre a força coercitiva até o âmago do bípede. A Escova-De-Dente,

personificação do superego, com seu cheiro de desinfetante afugentador de miasmas e outros bichos, hoje em dia reduzidos a dimensões tão miseráveis que é necessário, para vê-los, um microscópio. Tal o recuo da superstição, e sua perenidade; em suma, minha escova de dentes, e o D. Quixote, meu livro de cabeceira. Eu também, veja você, sirvo na cavalaria.

— Ah! Escute, eu lhe disse que foi um engano. Acabarei dizendo que foi uma maldição!

— Até que enfim que a coisa é dita! Mas é o que interessa. Se você o tivesse feito de propósito, eu lhe teria cuspid no rosto, em vez de acolhê-la gentilmente, como fiz. Confesse, não fui elegante?

Aquela maneira de torcer as coisas.

— Objetivo, mas o quê! Que fazer, se uma moça se engana de quarto? Contudo! O que você foi me fazer! Havia disposto todas as possibilidades a meu favor, todas. Estava tranqüilo. Sem você, lá se teria ido a alminha! Lá para cima.

Parou no meio da estrada e fez movimentos de asa com as mãos grandes e belas. De minha parte, pus-me a rir. Ele, não.

— Muito bem. A alminha está aqui — disse, designando com precisão o centro do peito. — Procure uma razão, ela é sua, lhe pertence, já não me diz respeito. Faça dela o que quiser, é assunto seu.

Fiz uma careta involuntária e ouvi o riso dele.

— Estorva, não é? Veja só. Daqui por diante, prestará mais atenção, não passando por baixo de escadas, ao sair de casa, pela manhã.

Dessa vez, estremeci: ao sair de casa, havia dois dias, tinha passado sob uma escada. Hesitara. Afinal, dissera-me a mim mesma: é idiota, ser supersticiosa.

— Meu Deus. . . — disse eu.

— Que há com o seu Deus?

— Passei por baixo de uma escada, de manhã cedo, naquele dia.

— O quadro está completo. E agora, aí está você com uma alma no costado. Mas sempre pode dar de ombros e desfazer-se dela. Ela não pede nada, absolutamente, a ninguém. Não está ligando a mínima. Você me ajudou muito generosamente a sair do fundo. Obrigação. Mas agora, não há compromisso.

Não duvidava de que ele falasse a sério. Afinal, havia passado por suas provas, era-lhe permitido brincar. Tudo o que aquele homem dizia tinha um ar de verdade perfeita. Eu era arrastada e experimentava uma emoção singular.

— Antes, porém — disse ele — tenho uma derreadeira vontade. E esse último desejo será um copo de rum, ou coisa que o valha, pois sou um condenado banal até o enjôo. Estou vendo, justamente, lá adiante, um boteco que se aproxima, coberto de sangue, pois está pintado de vermelho, se meus olhos enxergam bem. Ainda me arrastarei até lá.

De fato, o suor borrifava-lhe a fronte: devia estar mais esgotado do que aparentava. E tinha uma expressão obstinada, inquieta.

— É preciso que você me convide — disse, brutalmente, pondo a mão na porta. — Estou a nenhum.

— Sem dúvida — disse eu, sorrindo. — Não é meu dever?

Era uma imprudência. Decididamente, aquele homem tinha a propriedade de me tornar apatetada. Bem, já que de qualquer maneira iria dar-lhe di-

nheiro, podia lhe pagar um trago e um maço de cigarros.

Quanto à caridade, o momento ainda não parecia oportuno. Arriado numa cadeira, pediu um conhaque.

— Mas, — disse eu — e o regime?

— Depois. Ainda sou um homem livre.

Engoliu o conhaque em pequenos goles atentos, e respirou. Depois, acendeu um cigarro, saboreou-o, e pediu mais um conhaque. Merecia uma chicotada. Paguei, um pouco constrangida.

— Estou à sua disposição — disse ele.

Que desabem os céus, fui buscar o diabo. Por que será que, em sua boca, uma fórmula de cortesia, tem o efeito de uma realidade literal? Ele me disse: "Estou à sua disposição", entendi que ele me pertencia. O diabo. E, se me pertencia, que fazer dele? "Mas você sempre pode desistir", dizem seus olhos franzidos.

Caminhávamos. Ele estava mais alerta. A cabeça erguida, sorvia o ar. Parecia contente com a vida.

— Gosto do outono — disse ele. — O cheiro. Me chateio no campo, mas isso cheira bem. Aliás, a cidade também me chateia, mas não cheira bem.

Contive-me para não perguntar onde ele não "se chateava".

Soava o meio-dia quando passamos diante da igreja. Eu precisava almoçar; afinal, podia convidá-lo; estava cansada de comer sozinha. Não era preciso levar a mesquinhez tão longe, e, já que de qualquer maneira eu ia lhe dar. . .

— Está com fome?

— Não — disse ele.

— Mas podia almoçar, assim mesmo. Estou convidando para o *Chapon Vert*, especialidades regionais.

— Estou de regime.

— Mas não de dieta. É preciso que engula alguma coisa, senão não agüentará.

— Bem — disse ele.

Não mendigava. A rigor, consentia em receber.

O proprietário me reconheceu, verificou que eu havia trazido um freguês, desdobrou-se. O *maitre d'hôtel* mostrou-se satisfeito com meu pedido. Quanto ao de Renaud. . .

— Iogurte — disse ele.

— Para começar, senhor?

— Sim. E macarrão.

— Mas não temos isso, senhor!

Intervim:

— Ele está de regime.

— Ah, bem. .. — disse o *maître*, tranqüilizado. — Mas que pena, de regime, aqui! Mas temos arroz com galinha...

— Traga o arroz sem a galinha — disse eu. — E uma asa de frango frio.

— E um iogurte — disse Renaud.

— Mais um?

— Sim.

— E para beber? Evian, Vichy?

— Branco seco.

— Oh! — exclamei.

— Não se incomode — disse ele.

— Gostaria de ver essa receita.

— Ah, — disse Renaud — isso lhe interessa?

Semicerrados, seus olhos me fixam. Interessa quer dizer interessa. Para compreender esse homem,

é preciso, em suma, um dicionário. Pergunta-me se a receita me interessa. Tenho a impressão de ter falado gratuitamente durante toda a minha vida, e de, pela primeira vez, ouvir dizer as coisas como elas devem ser ditas. Se a receita dele me interessa.

O olho astuto lembrava-me de que pela "alminha" ainda presente eu era responsável; que, desse encargo, ele me havia orgulhosamente desobrigado; "pode dar de ombros e desfazer-se dela, ela não lhe pede nada"; eu era livre. Livre de me interessar ou não. A garrafa de iogurte na mão, a colher erguida, esperava ele minha resposta, minha livre resposta.

Quem me dera! Eu já não era livre. Meu coração batia, sentia um nó na garganta. Incapaz de suportar o olhar dele, não podia desviar o meu de suas longas mãos, que seguravam, com desenvoltura atenciosa, os objetos prosaicos: jamais havia visto nada tão vivo, nem mesmo nos animais. O sangue afluíu-me ao rosto. Aquelas mãos, eu desejava que elas me tocassem. Estou louca. Meu corpo sofre uma intensa metamorfose, despertarei lagarta ou baleia, vou gritar, chorar, ladrar ou zurrar. Amo-o. Amo esse homem. E desde o princípio.

Está ali em frente, sorri, a colher suspensa, como a batuta de um regente de orquestra durante a pausa, esperando o explodir dos pratos; vê tudo; conhece a partitura. A colher, imperceptivelmente, ergue-se — e eu:

— Deixe ver essa receita.

Sinto uma libertação de parturiente. Pronto. Confessei. Ele sabe. Aliás, sempre soube. Representou desde o começo. Dói-me o ventre. Uma besta cávida vive nele há um minuto e já ocupa todo o espaço, o monstro se dilata e esse monstro sou eu. É

meu eu que, toda a sua vida, negou o amor à primeira vista, e que o amor à primeira vista acaba de matar. Um novo eu, nascido naquele instante, sob o olhar dele; Renaud, inexpressivo, entrega a receita e suas mãos tocam as minhas, será de propósito? A besta geme. O papel treme entre meus dedos; dançam nele sinais indecifráveis, não compreendo nada, evidentemente não sei mais ler.

Devolvo-lhe a papeleta e, prestes a retomar a refeição no ponto em que a havia deixado, verifico que perdi o apetite. Tinha uma fome de lobo, momentos antes. A outra tinha fome. Nessa que sou, a fome se distribuiu de outro modo. Renaud come tranqüilamente seu iogurte, deixando-me entregue à minha metamorfose.

Fronte estreita, nariz grande, boca rude e polpuda, queixo pontudo e recurvo — o rosto mais que assimétrico é um conjunto de imperfeições que, uma vez arrumado à maneira de um quebra-cabeça nos deixa enfasiados da beleza. E quando as pálpebras se levantam, os pequeninos olhos derramam o sol da inteligência, da vida. Esse rosto é uma armadilha: observam-se, sem desconfiança, suas esquisitices, e depois os olhos se abrem: fica-se preso.

Empurrei meu prato. O que ele constata com um olhar, sem comentário. Magnânimo, dá-me tempo para que me acomode à minha nova pele, para que ponha ordem em meu novo mundo.

De fato, tudo se me torna claro: por que passei por baixo de uma escada, por que escolhi o Hotel da Paz, por que me dei pressa em voltar para lá às seis horas, por que me enganei de porta e por que a chave abriu: porque eu amava Renaud Sarti. Uma vez asses-

tado o dispositivo de força do amor, vê-se que o mundo é governado pela magia e não pela razão, e de nada serve ir a Ispahan. Agarram-nos pela gola e tornam a nos colocar na rota. Tudo convergia para Renaud, estava claro, eu era baleia branca e completamente louca, prestes a estourar dentro da pele. Em matéria de lucidez, restava-me a de observar a derrocada. Como chegar ao fim de meu frango? A fumaça de seu cigarro, violentando-me as narinas, causava-me engulhos; não sentia disposição para frangos; invejava a asa insípida e fria que repousava no prato de Renaud. Ele a devorou, enquanto que eu, para fingir que comia, esmigalhava a carne veludosa do galináceo nos horizontes de meu prato. Empurrei os queijos para longe, com repugnância, e renunciei à torta com geléia. Decepcionei o *maître d'hôtel*, mas ele deve ter compreendido, a simples vista de Renaud bastava para esclarecer tudo; o hoteleiro, por exemplo, não se enganara, "é para a minha clientezinha". Sim! Era para ela. Que eu tinha que amar aquele homem, era coisa que se via como o nariz no meio da cara, para todo o sempre.

Quase não se falara durante o almoço. Não se podia fazer tudo ao mesmo tempo. Eu não teria dificuldade, mais tarde, em lembrar-me de nossa conversação: "Gostaria de ver essa receita. — Ah! Isso lhe interessa? — Deixe essa receita".

— Toma um cafezinho? — disse o *maître*, desencantado.

— Sim. Você também, Renaud? Café para dois, bem forte.

— Licores?

— Um conhaque — disse Renaud.

— Dois — disse eu.
— Então — disse Renaud — você não leu a receita?

*

Sim. "Então", eu amava hoje aquele homem, cuja existência ontem eu ignorava, e era assim mesmo, esse milagre famoso, tal como meu soberbo racionalismo sempre havia negado, o amor, o amor à primeira vista: e acontecia a mim, contra toda expectativa, na cidade mais feia da França, em meio a uma história de herança na Rua Georges Clemenceau, entre a sobremesa e o café. Jean Renaud, Jean Renaud — eu constatava, ademais, que desde o começo esse nome morava dentro de mim, a ponto de eu já ter dificuldade em substituí-lo pelo de Renaud Sarti: mas eu me acostumarei. Não custará muito. Essas mãos, esse rosto, essa boca, esse corpo grande — e nada me é mais estranho, todavia, do que um outro corpo — se me tornaram mais próximos que o meu; minha própria carne, meu prolongamento físico; ou melhor, eu é que sou prolongamento deles, dependendo do mínimo movimento deles.

Ele segura meu braço — o Senhor seja louvado! — a besta se revira em meu ventre. É ele, não um outro, ele mesmo, ali está, junto a mim, e consente em me tocar, faz o primeiro gesto. O mundo inteiro ordena-se em torno desse recém-chegado, ele já é o dono e dita condutas que eu não teria ousado jamais. Recito com uma voz incolor:

— Tenho que ver uma casa que acabo de herdar. Será que você pode me fazer companhia, ou está muito cansado?

Não tenho que ver nenhuma casa. Mas é necessário, necessário estar a sós com ele, entre paredes, ao abrigo de tudo, longe de tudo, a sós com ele por um instante, simplesmente para poder olhá-lo, assim como necessitamos de água tranqüila para nos mirar; parece-me que, aqui fora, ainda que as ruas estejam quase vazias, tudo me impede de vê-lo, não o tenho, está longe.

— Como quiser — disse ele. — Pertenço a você.

Decididamente, sabe o que diz: ou será que terei sonhado que seu braço, imperceptivelmente, comprimiu o meu? Tenho uma vertigem, e ele o sente, sem dúvida e, por um segundo, me sustem com mais firmeza. Meus nervos se retorcem de impaciência. Agüento apenas por causa dele.

— Aliás, vamos tomar um táxi. É bastante longe.

Oh! Como é longe! O tempo é desmesurado. Dez metros, eu não os faria a pé. Só percebo o minuto seguinte a uma distância inacessível, nunca o atingirei. "Quando estamos apaixonados, sempre tomamos táxis", rememoro a frase de Marie Agnès; é isso mesmo, dizia para mim, aparvalhadamente. Aquilo era Bergson.

É como se eu o raptasse. Tenho ainda que passar pelo Hotel da Paz — bendito seja! — para pegar minhas coisas, pagar a conta, livrar-me do hoteleiro. Arranjo o pretexto de um trem que não tomarei, que espero não tomar. Deixei Renaud dentro do táxi: se aquele Sherlock Holmes nos vê juntos, chama a polícia. Corro, a tremer de receio por minha presa, que poderia ter escapado. Não. Ele toma meu braço e o aperta, desta vez para valer. Não há mais dúvida, abandono-me.

A grade de meu jardim produz um rangido; adorável música. O gramado está coberto de folhas e murchos os arcos de roseiras. Tudo está ingurgitado de água e de odores e Renaud gosta do outono. Abro a porta de minha casa, fecho-a atrás de nós. Renaud pousa sua pasta e, com simplicidade, toma-me nos braços, onde meu lugar sempre esteve reservado. Sorri.

Inclinado sobre mim, sorri ainda: do que ele sabe e que eu ignoro. Seus olhos me desnudam mais que suas mãos, desalojam a verdade: não conheço o prazer. Recapitulo algumas de minhas pobres aventuras, em que me julgava feliz, em que ninguém dissipava a ilusão; Pierre: a doce tranqüilidade hebdomadária que eu chamava ternura. Minha mesquizez; a delicadeza delas. Renaud não tem nada disso.

— Você não goza?

Ruborizo-me de maneira abominável, com vergonha da tara revelada: viro o rosto. Ele desliza para a extremidade da cama, na direção de meus pés. Resisto, tenho vergonha. Não quero. Com firmeza, ele me força. As lágrimas da derrota jorram-me dos olhos, ouço meus gemidos. Cedo. Mal ele me deixa, começo a sofrer. Procuro atraí-lo de encontro a mim. Tenho necessidade dele. Estou perdida. Fará o que quiser.

Mas quererá? "Pertenco a você". Ah!, mas não disse até quando. Talvez amanhã, neste instante, eu venha a perdê-lo. Como haveria de se contentar comigo? Eu o perderei. Estreito-o contra mim, espavorida. Ele se deixa levar. É gentil. Quer mesmo. No momento, quer mesmo.

*

Havíamos perdido o trem de dezoito e vinte sete. Naturalmente, voltamos "para casa", após o jantar. Eu havia comido vorazmente. Acendi o fogo. Num armário embutido, Renaud — remexia por toda parte — deu com uma garrafa de licor de ameixa, que depositou, juntamente com dois copos, sobre a mesa da cabeceira, coberta com uma toalha de filé. No guarda-roupa, descobri grandes lençóis grosseiros e fiz a cama. A cama, o fogo: as ocupações essenciais do amor. Para Renaud. Para Renaud, eu poderia fazer a cama e acender o fogo toda a minha vida e não desejar mais nada. Amo-o: olhava para ele sem dizer nada. Ergueu seu copo: "À tua", disse, divertido.

Entramos nus na cama em que tia Lucie havia morrido. Horror! Se o tabelião me visse! Ora, tanto pior, tanto pior: tornara-me capaz de tudo, desde que fosse com Renaud. De repente, ocorreu-me que eu não havia sequer visitado a sepultura; não era direito. Mas Renaud me tomou em seus braços. Esqueci o resto.

Não iria visitar a sepultura — como levar Renaud ao cemitério? Ele quase havia ido para lá. Quanto a separar-me dele, era ainda menos o caso: experimentava a sensação de que aquele sonho ia volatilizar-se, desde que, por um instante, eu o perdesse de vista.

Telefonei ao tabelião para dizer que, afinal, não venderia a casa: podia conceder-me o luxo de conservar minhas recordações de amor. Em qualquer caso, não iria vender meu coração. Tinha que conservar as paredes entre as quais o amor desabrochava: quem sabe se algum dia eu não teria de vir pranteá-lo ali?

Renaud permanentemente a meu lado e eu pensando em Renaud perdido. Aquela noite, havia acabado de me prender a ele, aos descaminhos para onde me arrastara e nos quais havia consentido excessivamente, na esperança de uma revelação ainda mais profunda, que seus olhos atentos me prometiam. Prometiam-me — se para tanto ele me desse tempo... Irmã gêmea do desejo, juntamente com este, em mim a angústia sentara praça.

Renaud apanhou, no ar, uma folha vermelha do sicômoro e prendeu-a entre os dentes. Voltei-me uma última vez para olhar o jardim molhado; a grade rangeu ao fechar-se — doce música, não te esquecerei. Renaud, o nariz erguido, sem olhar para trás uma única vez — ah, não será ele que se transformará em estátua de sal — assobiava no pedúnculo de sua folha uma velha melodia de Charles Trenet. Caminhamos rumo à estação, através do ar úmido e carregado de odores. Diante do guichê, tirei a carteira imediatamente e, em seguida, imobilizei-me. Voltei-me para Renaud.

— Renaud...

— Sim?

— Para... para onde você vai, Renaud?

— Aos maus ventos — disse ele — que me levam.

— Mas...

— Para cá, para lá, igual à folha seca.

A folha presa entre os dentes, retirou-a com a ponta dos dedos, ela rodopiou e foi cair no chão, onde ele a contemplou com um sorriso. Eu havia afagado a esperança de que ele a guardasse como recordação. Louca.

Meu coração transformou-se. Ele não me ama-

va: que havia ganho eu? Insensata. Esquecera-me de tudo, à exceção daquela noite. Ele, entretanto, para cá, para lá, como as coisas acontecem. Acontecia eu; prosseguia ele como um cão vadio, no calcanhar do primeiro que passasse, que digo?, um cão vadio pelo menos tem necessidade de carícias e Renaud não necessita de nada. Que havia mudado? Para mim, tudo; para ele nada, depois do quarto 6 e dos tubos de gardenal. Nada, salvo que ainda tem que arrastar a carcaça. E, como iria uma carcaça amar? Engoli a vontade de chorar. Renaud, Renaud, pobre Renaud! Alitivo e despojado: apanha, não apanha a folha, fazem-me de peteca, que quer você... ?, estou morto. Não gosto de mim. Sou uma pedra. "Já não me diz respeito, a alminha..."

Eu contemplava a folha vermelha, deixada no chão, contra o cimento. Abaixei-me e apanhei-a, humildemente.

— Duas idas para Paris — disse eu, com voz tão firme quanto possível. Sem olhar para Renaud, acrescentei: — Se me permite.

— A terra é redonda — disse ele. — Tudo é permitido.

Senti a mão dele em torno de mim. Puxou-me de encontro a si. Consolava-me. No fundo, não era mau, e deplorava meu pobre amor tão mal aplicado, meu amor desperdiçado.

— Seu troco, minha senhora.

Ri, por entre lágrimas, e Renaud apertou-me o braço ainda mais.

— Prefere uma passagem para Bordéus? — perguntei, brincalhona, para dissimular a emoção.

— Tarde demais — disse ele. — Está decidido, e depois Bordéus é feia. Paris não é bonita, mas já

estou acostumado. Além disso, será uma viagem encantadora, nós dois juntos.

Uma viagem encantadora: ele me beija o tempo todo. Os três outros ocupantes do compartimento incomodam-se com isso; eu, ainda mais. O homem que amo me beija, que poderia eu desejar de melhor? Talvez ele o faça apenas para irritar os outros. Mas o quê? O homem que amo me beija, que poderia eu desejar de melhor?

*

Paris. Eis-nos na calçada: um instante de pânico. Ele bem que podia estender a mão e dizer: até à vista, senhorita, obrigado pela encantadora viagem, volto a meus afazeres... Em se tratando dele, estou preparada para tudo, a qualquer momento. Esse homem é a própria incerteza. A terra é redonda e não há caminhos em cima dela, pode-se desviar para onde quer que seja, não importa quando, há apenas desvios. É a liberdade dos mortos.

Aparentemente, ele não tem "afazeres" para os quais voltar. Plantado a meu lado como um girassol, espera que eu abra fogo; não sem uma certa desenvoltura; diverte-se com esse jogo de me obrigar a comprometer-me, de revelar meus desejos e sentimentos. Tudo que conservou da vida foi a capacidade de divertir-se com ela. "Para onde vai?", "Que vai fazer?" — ou, por que não: "Que vamos fazer?": todas elas, perguntas fora de propósito. Ele não vai a lugar algum, vai a qualquer lugar. Então, faço sinal para um táxi, tranqüilamente, e, tranqüilamente, ele sobe comigo.

— Avenue de Saxe, 44.

Ele não reage. Dir-se-á que me segue, a que ponto lhe caí no agrado? Oh, ele abre a boca. Meu Deus, que irá sair?

— Se não se incomoda, vamos parar numa tabacaria. Meus cigarros se acabaram.

Tive medo.

Ora, tudo isso é perfeitamente natural, corre da fonte. Encontrei-o em viagem, aí está. Levo-o para casa. Não há nisso nenhum problema, é a própria evidência, quem pensaria em se admirar? Ah... é bem fácil raptar um fantasma!

Desço do táxi com minha presa de estrada, que me acompanha sempre sem o menor comentário e, de repente, lembro-me de Madame Pia: que lindo efeito isso vai fazer! Teria eu esquecido até minha reputação e a estima de minha porteira? Há dois anos que encarno, aqui, a honestidade juvenil, o oposto a Saint-Oermain-des-Prés, o consolo das gerações decadentes. Mademoiselle Le Theil não faria isso, não faria aquilo. E ei-la que traz um homem, de armas e bagagem, e que homem! Vez por outra, recebo visitas. Mas vê-se logo que Renaud não é uma visita; é, por natureza, comprometedor; ou então, é meu amor que irrompe. Madame Pia não me pergunta se fiz boa viagem, e se inclina diante da caixa do correio. Renaud me acompanha. Madame Pia olha para "aquilo". Então, Mademoiselle Le Theil era como as outras? E então?, como as outras, sim senhora! Amo um homem, é normal. E depois, isso não é da conta de ninguém. E zás!

Como quer que seja, ao passar pela portaria, perdi um pouco na escala social.

Renaud não notou a queda. Tampouco deu-se

conta de meu jardim. Estou habituada, quando alguém entra em minha casa, a ouvir exclamações e a ver minha visita, postada diante da janela, descobrir maravilhada um pátio repleto de plantas. Ora, não ouço nada. Renaud, de costas para a claridade, olha os livros que recobrem a parede oposta. Será que ele tinha, apesar de tudo, alguma paixão?

— Não tem policiais? — perguntou ele.

Com ele, é preciso nunca ter esperanças tão depressa.

— Deve haver um Simenon, embaixo.

— Simenon não é policial, é psicologia — declara com desprezo.

Jamais me atreverei a dizer-lhe que sou estudante de psicologia. Aliás, não me preocupo, nunca me fará qualquer pergunta indiscreta; não se interessa por coisa alguma que eu faça.

— Não há cama, tampouco?

Ele cai de decepção em decepção. Ensaio um movimento em direção à outra peça, mas, naturalmente, o telefone soa, e naturalmente, é minha mãe. Está preocupada; quatro dias! Ao invés de um e meio. Sim, de fato, quatro dias...

Podia ter escrito, em quatro dias. Dizendo se tudo ia bem. Mas sim, tudo vai bem. Se quero ir jantar. Eu... isto é, estou um pouco cansada. — Mas você diz que tudo vai bem! — Vou bem, mas estou um pouco cansada. Nesse caso, é ela quem vem, trará o que for preciso, vai ser encantador. Realmente, seria encantador. Desencorajo-a com veemência: é que... prometi a Pierre, justamente, jantar com ele. — Mas você diz que está cansada; então, não sabe o que diz?

É verdade; não sei. Com Renaud ali, em redor,

não sei absolutamente nada. Meu tempo, minha hora seguinte, minha vida inteira jamais foram tão incertos...

— Escute, quando você tiver assentado as idéias, telefone-me, já que, aparentemente, não está com vontade de me ver hoje. De qualquer maneira não deixe passar uma semana. Quero saber como foi, se me dá o direito.

Ora vejam, ela criava um complexo de exclusão. Gostaria de saber. E como! Era apaixonante, uma herança. Sinto que a situação não se vai simplificando, com Renaud aqui...

Renaud aqui? Que sei eu? Talvez tenha vindo apenas para o chá.

Ao que parece, descobriu a cama sozinho. Está estirado nela. Descobriu também o uísque e dois copos. Remexe por toda parte. Estende-me um copo, o telefone toca, as pessoas sempre sabem quando acabamos de chegar. Esse pobre Pierre teve ter tido a intuição de que jantava comigo, virá buscar-me em seguida. É que... não... justamente, ahn, minha mãe acaba de cair em cima de mim, quer passar aqui, insiste. Ah, está bem; amanhã, então. Amanhã... espere, não sei como será meu dia... — É o mínimo que se pode dizer. — Você compreende, estou chegando...

E Renaud, que ouve todo esse mexido! Verdadeiramente, perco a calma. Gaguejo. Pierre me conhece. Nada me faz perder a calma. Deve ser uma grande história, essa herança. Alego que tenho providências a tomar. Palavra mágica: providências; ele se curva. Providências, isso não é nada. O pior é que não tenho escrúpulos em invocar a ajuda dele, em caso de necessidade; ele se lembrará.

É assim. Afinal, desligou. Tornará a telefonar. Não terminamos. Apenas começamos. Em dez minutos, sem mover um dedo, Renaud fez de minha vida um emaranhado de mentiras e complicações.

Lá da cama, seu olho astuto me observa. Fez-me mentir a torto e a direito, atolar-me por causa dele, proclamar, tartamudeando, que para mim ele é mais importante que o resto. Recebe essas honrarias com o pé, como coisa natural; não as pediu.

Estende-me as mãos, agarra-me, despe-me sem pressa. Tem o tempo todo.

III

Aqui está ele. Ficou. Será que se sente bem? Ou não tem outro lugar? Não teve a fineza de dizê-lo e não cometo a grosseria de perguntar. Estou reduzida aos fatos: aqui está ele. Vive em minha cama. Para fazer essa cama, tenho de aproveitar as ocasiões. Em redor dele, os cinzeiros fazem círculo. Como todos os não-fumantes, só tenho cinzeiros pequenos; ele os enche, eu os esvazio; a cadência é rápida. Abro a janela o mais que posso, mal suporto o ar viciado. Ele não diz nada, mas sinto que não gosta disso.

— Você não notou meu jardimzinho?

— Eu, como você sabe, ligo pouco ao ambiente! De qualquer maneira estamos confinados.

— Em suma, na prisão, você se sentiria igualmente bem.

— Nunca teria uma cama como esta. Para mim, encontrar semelhante cama é um verdadeiro milagre. São sempre pequenas demais.

— Meu pai mandou fazê-la sob medida: era muito grande, também. — Volto-me para o outro lado. "Elas são sempre..."; não gosto desse plural. Em última análise é pela cama que ele fica!

— E depois, não há garotas na prisão — acrescenta, a título de elogio.

Grande bem me faça a comparação.

Ele sai apenas para jantar, quando não tenho

tempo de fazer as compras. Não tenho tempo! Não faço nada. Deixo-me ficar com ele na cama. Quando estamos fora, compramos romances policiais. Isto é, compro eu. Ele os consome de maneira espantosa. Na verdade, não é muito dispendioso, alguns livros a cento e cinquenta francos; ainda tenho a sorte de não serem álbuns de arte! Às vezes, tenho pensamentos mesquinhos, que procuro afastar.

Provido de seu alimento intelectual, atira-se à cama. Ei-lo ao abrigo. Sua vida limita-se a ações simples: dormir, comer, beber, fumar, fazer amor. Sua assiduidade para comigo, se bem que tome grande parte do dia e da noite, restringe-se a meu corpo. O que sabe de mim, é aquilo que consegui encaixar na conversação, eventualmente; logo que falo de mim, que quero exprimir uma idéia, tenho a impressão de nadar no seco. Possuo apenas a existência material. Não ouve o que digo, olha-me; é uma impressão bastante curiosa, como se eu existisse ao lado de mim. Encolhido em sua liteira, observa-me, e, sem levar em conta hora e circunstância, quando passo ao seu alcance, agarra-me, mesmo se estou passando o aspirador ou se tenho nas mãos os quatro cinzeiros. Foi assim que quebrei o quinto.

Em silêncio, puxa-me para a grande cama que é o seu domínio, o lugar onde dispõe de suas forças, como Anteu e a terra. Ele, tão frágil em pé, que não se pode manter erguido e dir-se-ia arrastar-se de uma estação à outra, revive, uma vez deitado. Essa cama! Mundo completo, fechado, segregado de tudo, tem sua vida, sua paisagem de cinzeiros e livros negros; seu próprio sol: a lâmpada que Renaud conserva acesa mesmo durante o dia, como se não soubesse que existe a claridade diurna; sua fauna: o grande a-

nimal que aí mora encolhido, e o pequeno que gravita em redor e se deixa cair na armadilha, vítima continuamente devorada e complacente.

Com um vigor que raia pelo sistema, pela tática militar, como uma máquina de guerra, abate, uma a uma, minhas defesas solidamente dispostas. Se distingue um receio em meus olhos, um arremedo de fuga, uma crispação, é por aí que ele vai, é por aí que desfecha o ataque, e luta até minha rendição; a rendição, essa tem que ser total. Nada o incita mais que um trêmulo "não"; um não nada mais é que algo que deve ser transformado em sim. Meu Deus! será possível que haja tantos não no corpo de uma mulher? Como eu fazia disso uma idéia limitada! "Mocinha de princípios, vem cá." Um princípio deve ser cercado. Pudor, para ele, significa: qualquer coisa lá por baixo. Se resisto demasiado, renuncia com uma indiferença desdenhosa, mais dolorosa que o mais doloroso de seus empreendimentos, e mergulha na leitura de Peter Cheney. Perdida, despedida por impotência, envergonhada, será preciso que eu dê o primeiro passo e ofereça aquilo que negava. Pouco a pouco, desmantelada, avanço pelo país desconhecido de meu corpo, e avalio, para meu espanto, como eu vivia longe de mim mesma. Mas o quê, podia desconhecer-me a tal ponto? Tudo jazia ali, aquilo que Renaud, quase à força desaloja, teria eu deixado dormir a vida inteira? Essa reflexão me confunde, não sei concluí-la, leva-me à beira de um abismo, penso em Claude, em Pierre, na maioria das pessoas que conheço e que são como eu, ou melhor, como fui: será possível que todo mundo, essas pessoas empertigadas que não gostam de falar "dessas coisas", que lhes dão as costas, vigilantes em defenderem-se

delas, e que, de resto, a elas se entregam facilmente — como eu chegava até ali, sem luta, através de um sistema de viseiras, uma modalidade de esquecimento —, será possível que essas pessoas passem ao largo de si mesmas, vivam serenamente nessa letargia dos sentidos de onde, dificilmente, sob a férula de uma chantagem amorosa, saio como de um longo sono? Isso dá uma estranha medida do uso que fazemos de nós.

Ainda estou longe de ser completa; o essencial me escapa. Incomodam-me as próprias atenções de Renaud, analiso-me demais, perco-me na procura, envergonham-me meus esforços infrutíferos sob seus olhos sempre abertos, tenho medo de desgostá-lo com minha inaptidão para o prazer, eu que outrora — outrora: ontem — enfadava-me com o prazer. Mas Renaud parece dispor de uma paciência infinita; esse monstro de egoísmo, que não se preocupa com amar, é o mais generoso dos amantes, no amor nunca pensa em si mesmo, e, para cúmulo, reserva seu próprio prazer para quando já estão esgotados os que pode me proporcionar. Se não ama, muito menos se ama é preciso fazer-lhe justiça. E esse aprendizado pelo qual ele me faz passar não é para seu deleite, mas para meu governo: não são lições de erotismo que me dá, mas uma única lição; se amas, ao menos sê capaz dos atos do amor, ou então, cala-te. Então, uma espécie de honra convida-me a me abandonar sempre e cada vez mais.

Honra: honra que ontem eu teria chamado precisamente desonra. Tudo vacila, onde estão os valores? O amor os revolveu, fez deles um caos; não sei se decaio ou se me formo, não tenho mais moral, não estará justamente aí a armadilha de que se fala,

essa demência com a qual, segundo se diz, o amor costuma cegar, não estarão aí os extravios dos sentidos? Ora tenho vergonha do que era, ora do que passo a ser: não sou uma escrava? Ou serei uma verdadeira mulher? Quando estou presa à contemplação dos lábios de Renaud, possuída de desejos inconfessáveis que ele imediatamente percebe, ou, se a um sinal dele, dispo-me e me exponho às suas exigências, ou se ouço as queixas que ele não me permite abafar — será isso sensualidade natural, ou serão aberrações perversas, enfim, serei ainda normal, ou já estarei viciada? Esse prazer, ao mesmo tempo demasiado forte e parcial, o único ao qual ainda a quiesço, entorpece-me e me obceca. A necessidade apodera-se de mim tão violentamente, em meio a ocupações tão pouco propícias, que cuido descobrir o velho sentido da tentação: de fato, mais forte que a gente. Renaud me vê, minha face em fogo, pronta a passar por onde ele quiser, ele sorri, e esse sorriso não merece outra qualificação a não ser a de diabólico. Quase tenho medo dele: não pensará em me perder? Para onde me arrasta? Eis que meu cérebro começa a abrigar noções irracionais de pecado, de queda, de vício, de perdição.

Quando deixo essa cama, esse mundo sem tempo, onde o dia e a noite se entrelaçam e onde nenhuma ordem, nenhum indício, nenhum apoio aparecem, verdadeiramente é de outro planeta que venho, e não mais reconheço este aqui.

Não me lembro de nada. Viro-me, os braços inertes — onde estava eu? Esse homem quebrou o tempo, dele fez uma grande noite uniforme, interrompido apenas pelos chamados que vêm de fora: é minha mãe, é Pierre, é Claude que se inquietam, e

ouço-lhes as vozes ao longe, como quando estive muito doente: do fundo da indiferença fisiológica é que os rumores da vida mais atingem. É verdade, estou doente, desfiz-me do tempo, enveredei pelo sombrio reino de Renaud, que morreu. Vivo com um morto que me aspira a seu lado.

Após essas viagens necessito de horas, ou talvez dias, não sei, para me refazer. Eu que, quando bandeirante, era chamada "Abelha Laboriosa"! Acontece que, saindo para o almoço, deparo-me com a noite lá fora, dir-se-ia que Renaud lança um sortilégio sobre os relógios: desmantelam-se, um após outro. E, certa manhã, vendo minha árvore sem folhas, dou-me conta de que, também eu, esqueci meu jardim. Começa a trabalhar-me o medo de haver perdido a matrícula, e de quase ter perdido o mundo; é como se eu estivesse num convento. Claude me escreve: julga-me doente. Minha mãe, ultrajada, manifesta sua existência por meio de um silêncio total dos mais opressivos. Por fim, Pierre agarra o inimigo de frente, interroga: "Não me esconda a verdade, peço-lhe" — diz-me, certa noite, ao telefone. "Já compreendi que se passa alguma coisa." Respondo que sim, num suspiro. "Algo grave?" Sim... Não era nada fácil explicar ao telefone, com Renaud ali. "É preciso que me diga imediatamente." "Escute, quer me encontrar amanhã?" "Você acha que, agora, vou deixar passar mesmo que seja uma noite? Venha imediatamente." Vi, afinal, com um pouco de clareza, o que estava fazendo, e concordei com um encontro em Duroc, de onde ele me telefonava.

— Tenho que sair por um momento.

Renaud, que, entretanto, ouvira o bastante para

compreender, emite um grunhido indiferente: com ele, gozo de minha plena liberdade. Se anunciasse: tenho que ir encontrar-me com um novo amante, ele não teria outra reação. Está lendo Hadley Chase. Pergunto-me se o devo beijar antes de deixá-lo.

— Até logo, Renaud. . .

Ergue o grande nariz, faz um aceno e volta a abismar-se. Como se eu fosse buscar o jornal.

*

Achei Pierre mais acabrunhado do que eu havia esperado; era um homem controlado, todavia. O fato de me ver pareceu afligi-lo ainda mais. Meu Deus, qual seria minha aparência? Esquecera-me de meu rosto havia muito tempo, pintara-me automaticamente, antes de sair. Não me via senão em Renaud.

Por um instante, permanecemos em silêncio.

— É um outro? — disse, afinal, Pierre, com grande esforço.

Aquiesci.

— Fui um idiota em cuidar de você. Acreditava que você fosse razoável porque você queria ser. Mas eu não devia ter esquecido que se tratava de uma mulher...

Bem, de qualquer maneira, aquele momento tinha de ser penoso, eu podia suportar o desprezo, se bem que não visse com bons olhos Pierre utilizar-se dos métodos desabridos que ele hoje parecia deplorar.

Fizera questão de me ver para ter certeza — muito bem — tinha certeza. Bastava olhar para mim. Bem se via que eu não era eu-mesma. Eu-mesma, que seria isso? Aparentemente, ele sabia mais do que eu a esse respeito.

Interrogou-me muito pouco. Quase nada lhe disse eu. E esse "nada" traía mais ainda a profundidade de minha paixão: jamais a medira tão bem quanto nesse confronto com aquilo que, durante um ano, eu havia ousado chamar "amor". Chamar amor essa. . . indiferença? Essa confortável neutralidade, esse "eu não tenho nada contra"? Afinal, como havia podido? Teria sido apenas uma hipócrita? Era com esse homem que eu ia casar? Passar minha vida com ele? Enfim, enfim — eu já não me compreendia! Amor! Pus-me a pensar em que a sensatez é uma forma de loucura, uma loucura por baixo.

Ele falava, com um enunciado monótono que provinha de um sofrimento de vários dias. Pareceu-me de boa terapêutica dizer-lhe que, por acaso, eu havia impedido o suicídio desse homem, que havia ido ao hospital, etc. A palavra hospital tem suas virtudes; com um amor contraído no hospital, Pierre, na verdade, pareceu recobrar a serenidade: a história assumia um aspecto humano; a piedade, meu lado ama-seca para com as crianças. . . Se ele soubesse o que a criança abandonada fizera da ama-seca! Era um perigo —, disse-me ele — essa mística do sacrifício, talvez eu abrisse os olhos — recuperava, já, uma espécie de esperança. A piedade não é, forçosamente, boa conselheira, eu sempre havia sido um pouco ingênua. . . ele falava, falava, consolava-se denegrindo um pouco, e, contemplando aquele rosto regular e frágil, surpreendi-me em meio à recordação da boca de Renaud, quando, sentado na cama, puxava-me para junto dele e me desabotoava. . . Pierre viu que eu não lhe dava ouvidos. Sim, no momento eu estava enfeitiçada, o mal era profundo, suas palavras eram inúteis. Ele ia "me liberar". Desejava

que eu fosse feliz ou, pelo menos, — corrigiu-se — que não fosse infeliz. Eu sabia que haveria de sê-lo.

Que se — se eu — se um dia. . . em suma, sempre era meu amigo, que, se precisasse dele, chamasse-o sem falso acanhamento.

Deus meu! Se eu, se um dia, se aquilo que nem de leve me ameaçava, chegasse a acontecer, eu jamais poderia pretender sentir o que eu não sentia! Não retornaria às boas maneiras do sentimento!

Na calçada, ele me esboçou um pobre sorriso.

— E pensar que tive uma vontade louca de acompanhá-la até aquela cidade. . . Pedi a Deus que você concordasse. . . Não ousei insistir para não chocá-la, dadas as circunstâncias.. .

— Recusei pelo mesmo motivo. . .

— Se eu soubesse. . .

Abaixou a cabeça; creio que chorava.

— É preciso não ser tímido. Sou um idiota.

— Sim, — disse eu, empolgada pela catástrofe comum — fomos tolos.

Depois lembrei-me de que agora Renaud estaria morto. E lá se teria ido a alminha. E pensei, com crueldade: que sorte, que tenhamos sido tolos! Pierre apertou-me a mão demoradamente. Aborrecia-me. Virou-se de modo brusco. Não o vi desaparecer. Corri. Dei-me conta de que ele, certamente, se voltara, e me havia visto correr.

Tenho medo; quer a lógica da vida que, no momento em que lhe sacrifico o resto, Renaud desapareça; o desaparecimento repentino assenta-lhe como uma luva, jamais estou segura de encontrá-lo em casa, quando me ausento, e nunca me ausentei por tanto tempo. Se o deixo só, ele se torna imprevisível. Amo-o tanto que tenho a impressão de ter sido um sonho.

Ofegante, dou a volta na chave. Graças a Deus, a fumaça de cigarro impregna o ar, lá está ele, não se envenenou. Aliás, com quê? Joguei fora todo o conteúdo da farmácia, onde nada me parecia inócuo, até mesmo a aspirina. Suponho que seja capaz de transformar em veneno até mesmo uma barra de chocolate.

Ali está, lê Hadley Chase, nada mais existe. Ergue para mim um rosto tranqüilo, contempla minhas mãos vazias e diz:

— Por acaso você não trouxe bebida? Não há mais nada.

— Não, não trouxe bebida. Confesso não ter pensado nisso. Apenas acabo de sacrificar todo um futuro tranqüilo com um homem que me amava. Ele. E por um que não pensa nisso sequer um segundo. Que olha para minhas mãos na esperança de ver uma garrafa, pois o Sr. Sarti tem sede, ora vejam, e eu sou sua fornecedora.

De qualquer maneira, é bastante confortável.

Esse "é bastante confortável" não surge aqui pela primeira vez. Pois, afinal, é, de fato, muito confortável. É objetivo, como diria o Sr. Sarti, que gosta tanto da objetividade. O Sr. Sarti tem mais em mim uma renda, uma criada e, ainda por cima, com quem dormir. Nunca move um dedo na casa. Arrumação, cozinha, compras, tudo é comigo. Sem dúvida, pensa que tudo isso é feito automaticamente, do mesmo modo que contas bancárias. O Sr. Sarti está na cama, chafurda; num ritmo de quarenta por dia, fuma os cigarros que lhe trago; bebe o uísque que lhe sirvo num copo que nunca lava, condescendendo, como um favor, em deixar a cama por uma poltrona enquanto mudo os lençóis, e parece que não ando bas-

tante depressa. Provavelmente, ignora a existência de detritos numa casa, o mecanismo segundo o qual as latas de lixo se enchem, e por que é preciso esvaziá-las. Não se apercebe de nada disso. Renaud agora comporta-se bem. Como, sem apreciá-la, — contudo, nunca se queixa — a comida que faço, e, para ingeri-la, consente em se deslocar até a mesa; o café da manhã é servido a domicílio, isto é, na cama. Chego a ficar cansada, o que se poderia notar em minha fisionomia. Mas, em minha fisionomia, Renaud só vê o desejo. Só repara naquilo que é bom para ele, e sob a condição de que isso seja servido pronto. Se precisasse fazer a mais qualquer esforço!... Há momentos. . .

Em geral, rechaço esse "é bastante confortável" com o seguinte argumento: Renaud não pediu nada; aquilo que faço, faço porque quero; se não o fizesse, ele o dispensaria; Renaud nada tem a perder; Renaud matou-se muito lealmente.

Não importa: essa morte lhe proporciona uma boa vida. Agora, é um peru na ceva. Na verdade, como ter vontade de suicidar-se, em tais condições! Esse suicídio revela-se vantajoso; aqui e ali, semeiam sua grande lógica mortal algumas flores da muito humana e terrestre má fé.

— Não, não trouxe bebida. Perdão. Não tinha cabeça para isso.

Pausa; nenhuma pergunta: "E para que tinhas cabeça, então?, etc." Nada.

— Acabo de romper com meu passado. E mesmo com o futuro.

— Muito bem. Resta-te o presente.

Ali estava Renaud. Sobre o veludo. O belo veludo das fórmulas, com um tal ar de verdade, tão

imponente que a gente não podia defender-se. É verdade que resta o presente. Que presente, por exemplo, era o caso de se perguntar!

— Que presente!

Dessa vez, ele me ouviu. Ouviu muito bem. Pousa seu livro, senta-se na beira da cama, apanha os sapatos, amarra-os. Vai ao banheiro, volta com a escova de dente, põe-na dentro da pasta. Sinto uma angústia no ventre. Ele parte! Ah!, é delicado, Renaud Sarti. É um sensitivo.

— Renaud! O que é que você está fazendo?

— Vestindo o paletó. — Como se eu não o visse.

— Mas Renaud, por quê?

— Se não sabe o que tem, minha querida, não devia ter cancelado sua apólice de seguro. Não se deixa o certo pelo duvidoso — disse, sentencioso, o dedo em riste, quase gracejando. — Quanto a mim, não vejo o que faço aqui.

— Renaud. . . mas eu te amo!

— É o que vocês chamam amar, posso garantir — disse, dirigindo-se para a porta, tranqüilamente.

É uma manobra. Ele me experimenta. Bastará que me atire a seu pescoço, que lhe mostre que não tenho orgulho. Barro-lhe o caminho: representamos um melodrama de mau gosto. Tento abraçá-lo. Ele se desvencilha com uma firmeza inequívoca, arreda-me do caminho. Não se trata de manobra.

— Não tenho tanta necessidade de pão.

Parte, deixando-me arrasada de vergonha. Ora, que se vá. Em sua situação, não se é assim tão suscetível! Que procure, pois, outro lugar, onde lhe peçam ainda menos! Então, o que foi que eu disse demais? Não somente levar tudo, mas também não a-

güentar nada! Parece-me que ele poderia conceder, que eu também, vez por outra, exprimisse um pensamento — disse nem ele mesmo se priva! Sua indiferença, ele a exhibe bastante! O que "vocês" chamam amar! Então, que era preciso, se dar tudo não basta? Que vá procurar um escoteiro melhor, gótico ou rupestre. Que ache uma santa, já que é o mínimo de que necessita.

Meu corpo, enquanto isso, está de encontro à porta, uiva, ulula como um cão. Havia-me esquecido dele. Minha boca se abre, em busca de ar, como um peixe. Todavia, não sou mais que essa carne dolorosa. É mesmo mais forte que o rosto. Eis meu cérebro cercado, meu belo raciocínio que se perde em frioleiras: "Vê o que fez" — diz a outra. Você o escorraçou. "Que presente!" — isso não seria nada, por acaso? Você negou tudo, você negou; e admirasse de que ele vá embora? Ah! ah! Ele é honesto, eis tudo. Você, minha cara, lá no íntimo você o considera um rufião, depois de lhe ter pago um conhaque de cinqüenta francos, do qual ele necessitava para manter-se de pé. Avarenta; você conta tudo, centavo por centavo, tudo que ele lhe custa. Pensa que ele não percebe? Toma-o por um idiota? Há muito tempo que ele o sentia, sim. Na verdade, que rufião: não correu nem um minuto atrás da isca, pouco está ligando para empanturrar-se. Partiu com sua escova de dente, o D. Quixote, o rufião. E você sequer lhe deu algo com que comprar gardenal, escorraçando-o ainda mais pobre do que antes? Imbecil!

Já estou correndo. Esquadrinho todo o trajeto da avenida, o de duas ou três ruas; correrei a noite inteira, mas hei de encontrá-lo.

Lá está. Ah! Poderia reconhecê-lo a quilôme-

tros! O corpo desmedido, a cabeça como uma cabra que avança, o dorso arqueado, lá estão no cruzamento das ruas.

Parou. Não sabe, das quatro direções, qual tomar. Não sabe para onde ir. A terra é redonda. Redonda. Ele nada possui. Não tem ninguém. Permanece ali. Podia morrer ali.

Alcanço-o, esbaforida. Ele não se mexe. Como se eu fosse o vento.

— Renaud. . .

Não responde.

— Venha. . .

— Você enche.

É penoso, mas eu já esperava por isso.

— Sob que condições?

— Sob nenhuma condição.

Seus olhos fitam os quatro horizontes; considera aquilo que o mundo, aqui, ali, lá adiante, lhe oferece. Vira-se para mim; volta-se para os outros lados. Seu rosto está morto, completamente desalentado. Sim, na realidade, é indiferente; de uma vez por todas, a vida não lhe basta. Mas, o que será que lhe basta, o que será que lhe basta?! Está horivelmente nu, despojado, desprovido. Dinheiro, pouco se lhe dá, conforto, tudo. Que será preciso?

— Renaud, que é que preciso que eu faça? Farei o que você quiser.

— Pois bem, minha querida, se você é capaz de achar um bom argumento, rendo-me. Vamos, fale. As ruas não falam. Você leva vantagem.

É preciso que eu fale. E depressa. Um bom argumento. Não encontro.

— Mas — digo eu — não tenho nada. De tudo que tenho, você faz pouco caso. Minha casa, meu

jardim, minha comida, e o resto. . . A cama, talvez, a cama grande, realmente. . .

Ele não se mexe.

— Amo-o, Renaud. É tudo.

— Não necessito de que me amem. Dispensso isso.

— Neste caso, não tenho nada.

Gritei. Digo mais baixo:

— Tenho apenas necessidade de você.

— Necessidade de quê? — diz ele friamente.

— De você.

— De quê, de mim?

— De. . . de que você esteja aqui.

— Basta de generalidades. Algumas especificações.

— De. . . de suas mãos. . . de. . .

— De?

— De sua boca.

— Faço você gozar?

— Sim.

— Você gosta disso?

— Sim.

— Diga isso.

— Gosto.

Não posso mais. Entretanto, não é o momento de ser tímida. Digo tudo que ele quiser, e mais. É a alta escola. Salto, dócil, através do arco de fogo.

— Não era mau — disse, sem olhar para mim.
— Mas, feitas as contas, pouco se me dá.

Recebo um golpe nas entranhas.

— Quanto mais reflito, menos me importa. E quanto menos me importa, mais reflito, compreende? A conclusão é sempre a mesma, pouco me importa.

Está perdido. Largo tudo e, num assomo de cinismo, o primeiro de minha vida, para insultá-lo, desembucho, num tom malévolo e vulgar em que não me reconheço:

— Então, se você não se importa, por que não vem? Pelo menos servirá para alguma coisa!

— Ah, afinal, surge a verdade — disse ele. — Assim, sim! A verdade, eis aí a única verdade.

Dirigiu-me um sorriso franco.

— Gosto de ser útil. Mesmo para as pequenas coisas. Isso me dá a impressão de existir.

— Você quer que me ponha de joelhos, em plena rua? Estou disposta até mesmo a isso.

— Acalme-se, acabou. Nós vamos recomeçar.

— Então, venha. Chega. Volte para casa.

— Volte para casa. Sésamo! Volte para casa. Covil, toca, refúgio, buraco da fera. Abre-te, sésamo! Abre-te, sésamo! Fecha-me, sésamo! Deus, esconde-me, Deus, engole-me. Sigo-te, Beleza, como um cego, não me digas para onde me conduzes. Mas, primeiramente, como quer que seja, leva-me a um boteco, para esfumar a imagem: ela cintila, ofusca. É a imagem de Deus. Você conhece? Não, certamente. Pior ainda, o mortal não morre, sobrevive. Como se sobrevive à bomba atômica, o corpo definitivamente irradiado, a alma planando sobre a face do abismo das moléculas potencialmente desintegradas, sobre o vácuo essencial. Você sabe que no Japão eles vivem no fundo de um *blockhaus* de vários metros de espessura e são alimentados por meio de *pipelines*? É tempo de saber onde está e o que está fazendo, porque até o momento você não entende disso grande coisa, é preciso dizer. Pois eles são fatais para os seus semelhantes, que o próprio amor, Geneviève,

não protege. Entendeu? — gritou ele. — Não protege. Ao bar, depressa, tenho sede. Sede. Ou então, fuja, gazela, pomba branca, ainda é tempo, antes de perder tudo, de tudo perder sem ganhar, pois comigo não há nada a ganhar.

— Não tem importância.

— É o que se diz, e o que se diz, e depois, quando se compreende realmente o que é, a gente diz: merda, eu não tinha reparado. Olhe um pouco para mim, seriamente, você nunca me olhou seriamente, é sempre para si mesma que você olha, mude a objetiva, ponha um foco mais longo, olhe minha cara, não viu que sou vítima da radiação? Veja bem onde assenta os pés, é o vazio lá embaixo, minha gatinha. E se pensa que o amor é um anteparo, engana-se, é uma brecha.

— Talvez seja uma ponte. O que é que você entende disso? O amor, você não conhece — disse eu, com um pouco de amargor.

Mas ele:

— Bah! Você já viu esses desenhos animados, em que Mickey chega ao fim da trave e continua a andar, no ar? Assim é a sua ponte. É bastante pôr o olho nela para que se quebre. O amor é uma cegueira, é sabido.

— Você não sabe de nada.

— Como é corajosa, essa garota! Para os inocentes, as histórias de quadrinhos, salve os corações apaixonados, vão ver.

— Então, você não acredita em nada.

— Como ela é boba. Eu? Não existe ninguém mais crente. Entupido de fé até o gogó. Se eu não acreditasse em nada, minha uvinha, pode explicar-me por que eu não ganharia meu pão num escritório?

Numa companhia de seguros? Numa fábrica de rolagamentos de esferas? Numa escola de vendedor de máquinas de lavar ou numa obra para crianças infelizes? Melhor: conheço receitas: escreveria policiais de sucesso, do qual se faria um filme de sucesso com uma canção de sucesso dentro, mas a questão não é essa, a questão é a bomba atômica e os refúgios, passando pelos bares, aqui está um, obrigado.

Sempre que está muito infeliz e perdido põe-se a delirar. Como se o desespero tivesse sobre ele o efeito duma droga. No mesmo instante, pensa num bar.

Deixa-se cair numa banqueta, pede um conhaque, e, nesse momento, percebo que não trouxe dinheiro.

— Esqueci meu dinheiro! Posso deixá-lo aqui um instante? Vou correndo. . . Desculpe. . .

— Com bebida, você pode me deixar seja lá onde for. . .

Sabe Deus, entretanto, o que lhe vai pela cabeça, sobretudo nesse estado. A única coisa que me tranqüiliza é que o pessoal do bar não o deixará escapular sem pagar. Confio neles, em suma.

Torno a encontrá-lo. Tem quatro descansos de copo e explica a um freguês ao lado que é preciso defender o Saara até a última gota de sangue francês. O freguês concorda com essa opinião.

— Assim, veja o senhor — diz Renaud — eu, veja o senhor, eu sou pederasta. Pois bem, isso não me impede de ser um bom francês, compreende?, e de estar pronto a derramar meu sangue — e o das mulheres também, se for preciso — acrescentou, ao avistar-me — o sangue das mulheres, não é, querida? Assim, a França continuará a ser a França. Pois bem, eu, veja o senhor, eu sou comunista, mas a

França, de qualquer maneira, é minha, não vejo porque ela me seja negada.

O freguês deixa de concordar, olha a pilha de descansos de copo e assume um ar enjoado; chama o garçom e paga sua cerveja com ostentação. Renaud aproveita para pedir outro conhaque.

— Os franceses são um povo de pequenos-burgueses derrotados e castrados — proclama, quando o vizinho passa diante de nossa mesa, de cabeça erguida. — Você está vendo esse patife? A terra está cheia deles.

— Você não tem fome, Renaud?

— Fome, não. Sede, tenho. "Fome, dá-me de beber, sede, dá-me de comer!" Você conhece? Um confrade meu. Mas ele foi mais bem sucedido.

— Quer vir para casa, agora?

— Acabo de fazer o pedido e a imagem ainda não atingiu o tom desejado. Você viu bem aquele patife? Belo espécime. A terra está entupida deles. Assim é essa corja altamente cerebral. Não se inquiete, minha gatinha, vou acompanhá-la, não mudou nada, você está linda como sempre. Apesar de humana. E eu, eu amo o que é belo. À falta do resto. Sobretudo quando é esfumado. Esfumado, tudo é belo. Mas, — ai de mim! — por um humor cruel de meu criador, sinto inclinações para o nítido, excepcionais nessa espécie em que o sentido visual, interno-visual, é geralmente pouco desenvolvido. Eles têm olhos, e hão vêem, diz o Entomologista numa memória que ainda goza de autoridade — e eu, que enxergo, amo o esfumado, o vago, o brumoso, o vaporoso. Passo a borracha, esfumo, escamoteio, desapareço; com ácido, com faca, com hipoclorina, com álcool destilado. Não bebe comi-

go, Geneviève? Seria um vexame. Vamos, para festejar a volta. Garçom, dois conhaques. Nossa reconciliação. O amor a dez contra um, o aqueduto das ilusões, a ponte dos suspiros sobre o abismo das dores. À sua! Você me ama? Diga-me que me ama...

— Renaud, por favor. . .

— Já? Amarga decepção. Quando lhe peço, você não pode mesmo dizer que me ama? Bom começo.

— Eu te amo, Renaud.

— A coisa vem. Devagar, mas vem. Veja, chegaremos lá. Cada um dando sua contribuição.

Se choro agora, está tudo perdido. Trata-se apenas de agüentar a noitada. Na verdade, ele está simplesmente bêbedo; está largado, diz seja o que for. O negócio é não dar ouvido. Vou acomodá-lo na cama, que cozinhe a bebedeira. Cinco malditos conhaques: para ele não é preciso muito.

— Não quer voltar para casa, Renaud?

— Mas sim, claro. Bem que podemos continuar em casa. Mas lá não há o que beber. Nem agora você pensa nisso.

Ele não ensarilha armas.

— Levaremos alguma coisa.

Enfim, arranco-o dali. Tomo um táxi e mando seguir para a Casa Dominique, pois os pequenos varejos estão fechados. Compro uísque, é o que ainda há de menos nocivo. Renaud aproveita para engolir mais um conhaque e conversa com o proprietário. Consigo, por fim, recuperá-lo e, pára o táxi.

— Para o *blockhaus* — rosna Renaud.

O chofer permanece impávido. Estão habituados com bêbedos. Sinto-me um pouco constrangida.

— Você está vendo, — diz Renaud, à beira da calçada. — Resta-me uma esperança: acabar não me importando com o fato de não me importar.

Empurro-me para dentro do táxi e dou meu verdadeiro endereço.

Ao descer, ele caminha em linha reta. Mas, sob o pórtico abobadado, parecendo que lhe convém a ressonância, entoa: "A pesca da baleia é uma ocupação dos infernos!" Madame Pia! Dessa vez, perdi totalmente a estima de minha porteira. Não tenho coragem de dizer meu nome. O perverso gruda-se debaixo da abóbada. Arrasto-o lentamente, vou progredindo passo a passo, afinal eis-nos em casa, a porta fechada, ele pode berrar como quiser.

Mas não quer mais. Atira-se sobre mim. Mal tenho tempo de pousar a maldita garrafa, com a qual ele não mais parece preocupar-se.

Esqueceu as atenções habituais e simplesmente me derruba. Estou cansada. O que me resta de forças, emprego em reprimir as lágrimas de esgotamento, nem sequer de desgosto. Estou quase indiferente, e a custosa vitória de ter trazido Renaud de volta parece-me completamente vazia. Resigno-me à função de exutório de bêbedos, que me compete; que ele faça, pois, o que quiser. Talvez já não o ame. Meus nervos cedem, por que não chorar, afinal de contas, tanto pior se isso o desgosta. Pouco me importa. Ao invés das lágrimas, é o prazer, brutal, vindo não sei de onde. Grito como uma louca. Seguro Renaud de encontro a mim — "Ah! Eu te amo."

Ele ri.

Não é fácil sofrer em meio ao prazer. Não sei mais onde estou, as ondas interferem.

— Está melhor? — diz ele, bonachão.

Olho-o com desespero.

— Oh! Por que você riu?

Ele suspira, larga-me, acende um cigarro.

— Aí está a tragédia. Fazemos com que vocês gozem, pensamos que vão ficar contentes, mas não! Parece que é um drama. Em que conta vocês se têm? Que petisco vocês fazem de suas pessoas? Como isso é enfadonho! Vocês não têm vergonha, às vezes, não se sentem um tanto indecentes?

Em sua boca, essa palavra era um achado.

— A estréia de Madame. Isso é importante. Isso se respeita. Nada de achincalhe. Oferecer flores. Rosas vermelhas. Você vai me desculpar, mas não as trazia comigo.

Choro.

— Ela chora. Mas, a mim, isso antes me parece engraçado, minha gatinha. Depois do tempo que me dedico a isso, que ando por aí, pensará você, talvez, que é um prazer?

— Mas, por que você caçooou de mim?

— Não caçoei de você. Explicação: não caçoei de você, caçoei de seu vocabulário. Amar, é o nome que você dá a isso.

— Mas é verdade que eu o amo. Que posso fazer? Pode crer que, se eu pudesse, acabaria com isso agora mesmo, pois não se trata de uma sinecura, não vá embora, eu não disse nada de mais. ..

— Como ela é boba — disse ele, trazendo a garrafa, pois fora isso o que ele havia ido buscar. — Não viva na angústia, minha querida, seria insuportável, não estou sempre com a mão na maçaneta. Vamos, engula. Regue, é o melhor que se tem a fazer nesses casos.

Engulo toda a enorme dose que ele despejou: havia dosado como se fosse para ele mesmo. Estreito-me de encontro a seu corpo. Beijo-o. Gosto de seu corpo. É novo. Jamais pensara nisso. Pensaria nisso a todo instante. Não se pode esquecer semelhante coisa, e o resto não tem importância. Os sacrifícios, os pequenos aborrecimentos. . . Desde que ele me perdoe, volte para mim.

— Eu o amo. Você pode dizer o que quiser.

— Um dia — disse ele — escreverei um tratado. Vou chamá-lo *Do Amor*. Isso já existe, mas necessita de sérias correções. Vou chamá-lo *Do Amor*, e serei contra. Demonstrarei que o amor não existe. Da seguinte maneira: se retirarmos do amor tudo que lhe é estranho, nada fica. Absolutamente nada.

— Por que será que você detesta o amor? O que foi que ele lhe fez?

— Ah, ah! — ele ri. — Você é um amorzinho.
— O escoteiro para o escarpelo, como de costume. Os mandarins para a cama. Gozar incita as mulheres ao apostolado psicológico, é o que já verifiquei inúmeras vezes: é uma forma nobre da gratidão da pança, peculiar às intelectuais. A outra, é: "Será que me amas?" Graças a Deus as intelectuais não se atrevem, têm dignidade. Não faça cara de vítima, ainda não chegamos lá. Beba um gole. Estamos no amor — se o amor me feriu. Resposta: não. Comentário: o que é que você pensa, que minha cara o amedronta? Esse tipo de cara enviesada, ao contrário, excita-o consideravelmente. Conforme você sabe, por experiência própria. Estou farto de amor, pelo contrário. Saturado. Afogado, imerso no amor. Rosários pendurados em meu pescoço. Beba isto, isso passará.

Começa a ficar bêbedo outra vez.

— Rosários de chumbo me arrastando pelo fundo, e você pode ver que não me gabo disso, pois não há de quê. realmente não há. Quase não há igreja onde uma mulher ajoelhada não reze pela minha salvação. Aliás, em vão. O amor, procuro fugir dele, e ele torna a me fisgar nas circunstâncias mais improváveis. Você viu. Fugi dele para morrer e, uma vez morto, o que é que encontro? O amor. Sempre ele. Aposto uma cerveja como, uma vez no túmulo, serei objeto da paixão de uma necrófila.

— Renaud, cale a boca, você é horrível. Não falarei mais, não direi mais que o amo.

Mais depressa me arrancarão a língua.

— Oh!, isso pode servir de música de acompanhamento. E, por outro lado, você é boa, concordo, não como uma boa irmã, mas como uma boa sopa. Sopa não é bonito. Como um figo, é melhor. . . Vejo que você me compreende.

Acordo no meio da noite. A lâmpada está acesa. Soçobrei imediatamente depois do prazer. Deve ser assim que a gente faz filhos. Pierre, esse dava um jeito de me evitar os riscos, encarregava-se disso: achava que era o seu papel. Mas Pierre, por outro lado, não fazia o que era preciso. Aí está como tudo se paga. Mas não era assim tão caro.

Renaud está estendido com o peito para cima, a boca um pouco aberta. Ronca, bebeu demais. É feio de ver, quase tão feio quanto da primeira vez no hotel. . . Mas, já naquele minuto, eu havia começado a amá-lo. Agora, sei por quê. . .

Só faltava minha mãe. Aí está ela. A essa hora, pensei no gasista ou no célebre vendedor de máqui-

nas de lavar, pesadelo de Renaud. Agora, já abri, não há mais jeito. Aspira o ar impregnado de fumo escuro.

— Então, você não está morta! — disse ela, sem, por outro lado, parecer contente.

Examina-me. Penso que não me reconhece. Sua filha "que a gente pode passar para apanhar a qualquer hora, está sempre pronta, não se sabe como se arranja, deve fazer a arrumação em trajes de sair. . ." Mas já perdi meu traje de sair. Enfim, pela primeira vez, estou em trajes íntimos.

— Afinal, fiz bem em me incomodar. Estava decidida a esperar, mas, de qualquer maneira, você é minha filha. Telefonei ontem vinte vezes. Parece que seu telefone está com defeito. E você nem sequer sabe? Escute, se está doente, Deus meu, por que não manda avisar? É loucura.

— Não estou doente. Eu, eu tenho. . .

— O quê? — disse ela, avançando pela sala. — Tem o quê?

— Eu . . . há. . .

— Voltou a fumar?

— Que acontece com você, então? Está com uma cara de desterrada e é visível que está saindo da cama. Às dez horas. Faria melhor confessando a verdade. . .

— Justamente, eu...

— . . . Ainda está doente, é evidente.

Ganha terreno em direção ao quarto; deixou Renaud na cama, completamente nu. É difícil barrar o caminho a uma mãe.

— Escute, mamãe, — disse eu, colocando-me à sua passagem — há alg. . .

Sofre de surdez; e, quando chego ao "alguém", ela já o viu. "Oh! perdão", diz ela, tardiamente discreta, de posse da informação que procurava. Venceu-me pela rapidez; o embarço tornou-me lenta, mas tenho a certeza consoladora de que se eu tivesse sido esperta ela o teria sido mais ainda.

— Devia ter-me prevenido — disse ela. — É muito desagradável.

Sua má fé é um mundo.

— O que você faz é assunto seu, a partir do momento em que a confiança deixa de existir. E não é Pierre?

Instintivamente, eleva a voz ao dizer "Pierre". Se ela soubesse quão pouco me importa, ou melhor, quão pouco importa a Renaud.

— Não, não é Pierre — disse eu, também em voz alta.

— Bem. Pierre ou qualquer outro. . . você tem os amantes que quiser. Afinal, (mais baixo) este apartamento já viu coisa semelhante.

É o adultério de papai que volta à tona.

— Isso não deve escandalizar Madame Pia.

O adultério, a porteira, toda a orquestra.

— Você é maior. . .

A lei.

— Quanto a mim, o que me preocupa, é apenas sua saúde.

Meu bem.

— E, assim como a vejo, não me sinto tranqüilizada.

Um olhar circular sobre meus caos: a Ordem.

— Quer um café?

— Não, já incomodei demais. Vou embora.

Quando é que se pode vê-la — ahn, tranqüilamente? Porque, afinal, seja como for, temos coisas a nos dizer, por outro lado. . .

Evidentemente. Tia Lucie. Quanto.

— Quer que eu venha vê-la. . . ahn. . . amanhã?

Como isso me irrita!

— Ah! por que aqui, a situação é permanente?

— Por enquanto. . .

— Por enquanto, permanente. Perfeito. Enfim, isso é com você. Até à vista, minha filha, até amanhã, pois, em minha casa, onde pelo menos estaremos tranqüilas.

Ufa! Lá se foi.

— Eu, — diz Renaud, que vou encontrar metido nas cobertas — não conheci minha mãe. Morreu ao me dar a vida. Tarde demais: não havia jeito.

Põe uísque no copo.

— Oh! Renaud, sem ter comido!

— Isso desenferruja.

— É um círculo vicioso. Não vejo como você sairá disso.

— Nem eu, minha flor. Estava um pouco fria, essa entrevista entre sua mãe e você.

— Espero pelo menos que você tenha tido a idéia de se esconder.

— Hesitei por um segundo. As mães deveriam saber onde estão suas filhas.

Retira a coberta.

— Teria partido mais tranqüila, não?

— Oh, Renaud!

— Oh, Renaud! — macaqueia ele. — Hipócri-

ta! Aproxime-se, que é melhor. Somente de longe é que isso choca.

*

"Somente de longe é que isso choca": Renaud sempre encontra a fórmula que convém. De perto, ou antes, de dentro, como a visão é diferente! Arrombasse um teto. Somente agora é que, a bem dizer, perdi a virgindade. Haverá, pois, duas Genevièves: Made-moiselle Le Theil; um fosso cavado a trator; e, depois, a amante de Sarti. As duas não se conhecem, desprezam-se, renegam-se. "Sou uma verdadeira mulher", diz uma, e a outra: "És uma obsedada sexual."

É o diálogo latente que mantenho com Claude, enquanto que sua presença me lembra meus deveres, ao mesmo tempo que meus vazios recentes. As crianças infelizes — é verdade, as crianças infelizes são dignas de lástima, é preciso fazer alguma coisa. . . esforço-me por me interessar por isso, mas meu pensamento se perde. Pobre Claude! Tão virgem, tão fechada; seus lábios estão cerrados e as pernas não menos; seca antes de ser colhida. Não se pode mesmo imaginá-la gemendo debaixo de um homem. . . Enquanto que eu, agora. . .

"Você ao menos fez sua matrícula?"

Rio. Na verdade, a divergência é enorme. De certo que não: a matrícula! Direito! Como isso deve ser tedioso! Mas, decerto, vou fazê-la, não há entusiasmo. E depois, onde iria encontrar coragem para engolir o Código? Por outro lado, necessito tanto disso. . .

— Você está sendo séria, neste momento, hein? Quem diria que ia se apaixonar assim, tão de repente! Você!

Pois dessa vez não dissimulei: como aliás, teria podido? Aquilo me sai pelos poros, não contendo o orgulho de ser mulher. Se ela conhecesse essa sensação, voltaríamos a falar de sua castidade!

— É isso mesmo, o que é que você quer?, podia acontecer a você também.

— Afinal, você, há uma semana. . .

— Aliás, é o que lhe desejo. Devia experimentar.

— Experimentar o quê?

— Apaixonar-se.

Seu rosto, no mesmo instante, como que se estagnou. Decididamente, "Geneviève só pensa nisso". Renaud diz certo: quanto mais longe se está, mais isso choca.

— Enfim, não é motivo para descuidar de tudo.

Garanto-lhe que não é o caso, e assim penso sinceramente. Ela me promete dar-me uma sacudida, se for preciso; usará de sua reconhecida autoridade. Pensar que é ela que se tem na conta de uma pessoa grande. Essa pessoa grande ainda não tem seios. . .

As crianças infelizes. . . se Renaud soubesse que me ocupo disso, com que discurso sarcástico não me brindaria. Entretanto, ele, que acha o mundo tão mau, não deveria acolher as possibilidades de melhorá-lo? Mas não, recusar toda esperança é a faceirice de Renaud. Se lhe disséssemos: eis aqui o paraíso, entre, aí é que ele realmente se matava. Diverte-se mais desse modo, o material é mais rico.

— Bem, espero-a então às quatro horas, na Fac. . . E ele, o que é mesmo que ele faz?

Aí está: é o que todos perguntam. O que ele faz. Minha mãe não faltou com a pergunta. Menti desca-

radamente; se ela soubesse que sustento um homem com a herança, ficaria louca. Disse eu: ele tem um pouco de dinheiro. Renaud, dinheiro. O que não se faria por uma mãe!

E que faz Renaud, na realidade?

Renaud não faz nada. Como pode viver assim? Policiais, uísque, sexo, repouso. Aqui está. Por quê? Não se sabe, contudo. Está aqui e, insensivelmente, instalo-o aqui: agora tem sua gaveta com seus *slips* e suas meias, pois não possuía nada além daquilo que usava no momento de sua morte.

Chegando o inverno, visto-o: casaco de lã escocesa, suéteres de montanha, calçados confortáveis; aliás, ele é difícil: ou nada ou então tudo. Não sou sovina: não gostaria tampouco que ele tivesse aparência desagradável. Às vezes, saímos: no cinema, Renaud só quer ver policiais e *westerns*, e sobretudo, nada de filmes psicológicos, e, menos que quaisquer outros, os da "chamada jovem guarda que se diz intelectual", que ele chama de retaguarda; de resto, toda vanguarda ele chama de retaguarda; no teatro, só suporta o gênero *boulevard*. As "mensagens" chateiam-no. Esta temporada, perderei tudo aquilo de que gosto; tanto pior; o que não quero é perder Renaud. Arrastei-o a um concerto: dormiu durante Beethoven e passei a Nona com medo que ele roncasse, não tornarei a ir, prefiro dispensar a música. Será que não gosta de nada? Não o compreendo.

Finalmente, mandei fazer uma chave. Durante muito tempo, sua liberdade me havia assustado, e ele não reclamava nada. Mas, tendo recomeçado minhas aulas, ausento-me freqüentemente; não quero sentir a impressão de tê-lo seqüestrado.

Entreguei-lhe a chave nova com uma certa so-

lenidade: era um grande momento, aquilo sancionava muitas coisas e oficializava nossa ligação: estava agora em sua própria casa, não era mais um convidado para o chá.

Enfiou-a no bolso sem comentário. Não me foi possível saber se ele achava a coisa natural ou desnecessária. Não o compreendo. Fala muito e se revela pouco. Não se queixa de nada; aceita o que vem; não liga para o resto; às vezes, tem sede. É tudo. Quanto a seus sentimentos para comigo, apenas posso presumir: presumo que não gosta de mim. Que fazer? Nada.

Um homem não é assim, não é possível. Em vão repito para mim que se trata de um morto, isso não esgota a questão: não se está morto a tal ponto quando se vive! Não se é tão lógico, tão friamente conseqüente. Perguntei-me se se tratava de um louco: mas nunca surpreendi qualquer falha no mecanismo de seu cérebro, vence-me sem dificuldade no raciocínio. Um louco que tem cabeça, que louco é esse? Não o compreendo. Um homem não vive assim. Ainda que de uma gaiola de ouro, mesmo "bastante confortável", olha-se para o céu através das barras. Para ele não há céu, não há lá fora. O tempo não transcorre, os dias não se sucedem, não há senão um único dia homogêneo e contínuo, uma única hora indefinida que se apaga à medida que passa, sua vida não deixa rastro, ele não cessa de morrer e se detém no caminho.

— E — a mim, que o tenho ininterruptamente, — parece-me que não possuo nada. Sim, o presente: mas, o presente, que outra coisa é o presente — como me ensina Renaud — senão uma perpétua agonia?

IV

Descobri um enorme rombo em meu orçamento. Esse rombo era o uísque. contei e recontei: não havia dúvida, gastara perto de cinqüenta mil francos de uísque em um mês.

Isso me pareceu absurdo. Lembrei-me, depois, daquele tráfico de cascos a devolver. Não havia prestado muita atenção ao ritmo. Retrospectivamente, pareceu-me assustador.

A esse total, seria preciso ainda acrescentar a mesada de Renaud? Tendo-lhe dado uma chave, eu não podia, deixando-o sem dinheiro, praticamente impedi-lo de usá-la. Habituara-me, portando, a deixar "algum trocado" dentro de uma taça, na cozinha, pedindo-lhe que dispusesse, em caso de necessidade. Mantinha esse trocado num nível mínimo adequado, beirando os dois mil francos, Renaud jamais manifestava o desejo de deixar sua prisão, e eu não via nisso senão um princípio de delicadeza. Surpreendeu-me ter que renovar aquela provisão com bastante freqüência. Evidentemente, eu não tinha perguntas a fazer a respeito de um dinheiro que eu havia deixado à sua discrição. Em geral, mantinha uma luta escrupulosa contra o que me parecia "minha avareza": não teria, antes, lutado contra meu simples bom senso?

Lembrei-me de que, certo dia, ao voltar para

casa, dera com ele diante do balcão de um café das vizinhanças. Expunha sua concepção do mundo a um bêbedo. Havia pago a despesa e acompanhara-me de mau humor.

Essa verificação era sórdida, fazendo-me acrescentar agora os quinze mil francos da taça, que eu me resignava a considerar como despesas de bar, aos cinqüenta mil. Mas se a verificação era sórdida, sua conclusão, em si mesma, era grandiosa: por sessenta e cinco mil francos mensais é-se um alcoólatra.

Como pudera eu ver Renaud constantemente de copo na mão sem pensar nisso? A cotidianidade produz a cegueira. O copo estava sempre cheio: eu pensava vagamente que ele não bebia nunca, que se tratava de uma faceirice, de um tique. Tinha-o visto bêbedo apenas uma vez, por causa de seis minúsculos conhaques, que a mim não teriam feito nada. Julgava-o sensível ao álcool, ao contrário. Entretanto, as cifras pensavam com mais justeza do que eu.

Meu primeiro movimento foi uma decepção profunda, que me gelou; pensei que o amor me abandonava. Essa descoberta banalizava nossa aventura, que não era senão a minha, a de minha ilusão. Por muito tempo havia procurado a explicação de Renaud. Ali estava. Era ingloria.

Perguntara-me por que ele ficava: agora, eu o sabia. Aqui, encontrava com que se satisfazer. Orgulhosamente, eu havia atribuído um papel a meu corpo; não era preciso atribuir esse papel senão à minha adega. Escapou-me um soluço, e Renaud, habitualmente tão pouco atento a mim, gritou lá do quarto: "O que é que há?" Pressentia alguma coisa: notei certa intranqüilidade em sua voz. Sem dúvida,

havia muito tempo ele temia que compreendesse, que o expulsasse, que o desalojasse do nicho que minha ingenuidade lhe havia proporcionado e cuja precariedade ele devia sentir. Expulsá-lo. A piedade combatia a desilusão e ambas me desanimavam.

— Nada — respondi com algum atraso. — Acho que estou resfriada.

— Venha se aquecer.

Aquecer-me! Silenciosamente, fui até o quarto. Ele bebericava, acreditando-se fora de perigo. Teve uma surpresa. Sorriu, com certo esforço. No fundo, como era miserável, com suas constantes astúcias! Por que seria preciso que semelhante homem fosse reduzido a tanta indignidade? Semelhante homem, sim. Eu o fitava. Sua presença, sua estatura, não lhes eram dados pelo álcool; este apenas produzia suas fraquezas e seu desespero, não lhe permitindo ser o que devia, dissolvendo-o. Expulsá-lo era liquidar com ele. Avanço em sua direção, resolvi aceitá-lo como ele era, começo a alimentar a vontade de salvá-lo; nessa reviravolta encontrava eu, onde menos esperava, minha antiga vocação.

Travou-se uma luta surda; no mesmo instante, ele teve consciência da mudança. Notei que sempre dava um jeito de engolir o conteúdo do copo quando minha atenção se desviava; agia do mesmo modo para servir nova dose. Conduzia-se com uma destreza que não podia ser premeditada, que constituía uma segunda natureza. Por conseguinte, eu não havia sido cega, e sim enganada. Mesmo alerta, dificilmente eu o surpreendia. Se eu não arredava, convidava-me ele oficialmente a "tomar um trago" em sua companhia, sob os mais fúteis pretextos. Pouco

a pouco aprendi que o alcoólatra é aquele que a gente nunca vê beber e que quase nunca está bêbedo; dispõe de recursos quase infinitos, tanto para ocultar seu vício como para satisfazê-lo. Mas que pobres recursos, desde que estejamos prevenidos! Nunca estava bêbedo porque o estava sempre, e eu havia tomado seus delírios por um traço de caráter! Uma disciplina constante permitia-lhe caminhar direito, falar claro, raciocinar com justeza; não passavam de sinais sutis: repetição de frases, que ele fazia passar por efeitos de estilo, tiques aos quais emprestava uma aparência de brincadeira; uma frouxidão da pálpebra esquerda, que se fechava, ou melhor, caía; um desajeitamento para acender o cigarro; quando viu que eu o havia notado, corrigiu: eu ficava conhecendo o rigor, a postura ascética do alcoólatra. Adormecido, não podia salvar a face: seu sono era uma meia morte povoada de estertores que me dilaceravam entre o horror e a piedade. Desmanchava-se, dir-se-ia um fantoche.

Então, a gente podia fazer o que quisesse: eu esvaziava na pia um pouco da garrafa. Não me recusava a beber em sua companhia: isso, de qualquer maneira, era o menos. Quanto a mim, não me arriscava a contrair a doença, odiava-a demais. Olhava com amor os cartazes da liga antialcoólica afixados no metrô: aquela parede gretada, como era verdade! Entretanto, ai de nós! — aqueles cartazes só podiam agradecer aos sóbrios: eu estava certa de que aos outros eles davam sede; as pessoas que os haviam ideado jamais tinham bebido em sua vida nem vivido em companhia de um intoxicado. Essas obras de arte morais, em todo caso, faziam-me sentir a banalidade, a vulgaridade de meu caso. Meu inimigo, afinal, ti-

nha um nome, mas não era glorioso nem original. Minha condição causava-me um desânimo profundo, e dela, evidentemente, eu não falava a quem quer que fosse. Desse trabalho banal e sem originalidade não dependia menos a vida de um homem em quem eu continuava a acreditar, cumpria-me levar adiante essa aventura estúpida.

Lançava mão de truques dos quais me envergonhava: esquecia-me de renovar a taça, de trazer os mantimentos; nessas ocasiões, Renaud, repentinamente zeloso, oferecia-se para fazer as compras; então, eu podia mandá-lo fazer toda a feira, e ainda por cima jogar fora o lixo. Mas, racionando-lhe o dinheiro, eu não conseguia mais que piorar a qualidade da bebida consumida: descobri, entre os *slips* de sua gaveta, uma garrafa de um conhaque horroroso. Ele anda à procura de recantos onde esconder as garrafas vazias; em minha casa, não era fácil, havia ordem demais; eu encontrava frascos sobre a pia, por toda parte; Renaud se sentia acuado, tanto mais dramaticamente quanto tudo se passava em silêncio. Eu pensava em *Lost Week-end*, esse péssimo melodrama; infelizmente, estávamos num melodrama ruim. O álcool não permitia outra escolha. Esse aviltamento de nossa história fazia-me, creio eu, tanto mal quanto o mal de Renaud.

O taberneiro, do qual eu me tornara um dos melhores fregueses, disse-me, certo dia, que *Monsieur* havia deixado uma pequena conta. Fiquei tão pouco surpresa com isso que nem me perturbei; fingi estar a par. Tudo, de preferência, a revelar aquela miséria que eu regava em casa. Sentia náuseas. Renaud bebia e era eu quem sentia o enjôo.

Tive que mudar de atitude diversas vezes. Na

verdade, não me era possível pretender ignorar, e Renaud irritava-se com meu silêncio. Provocava-me: "O que é que você está olhando?" Olhava-o servir-se da bebida com aquela presteza discreta que por tanto tempo enganara minha atenção. "Suas mãos." — "O que é que têm minhas mãos?" As mãos dele tremiam. "Você tem umas mãos lindas", suspirava eu, pois pensava: "Que pena, umas mãos tão lindas, tremem..." — "Ah, é?" Ele acompanhava perfeitamente toda a segunda intenção da conversa. Insinuou as mãos sob minha saia, acariciou-me, depois agarrou-me brutalmente, na cozinha, curvada sobre a mesa, em meio aos pratos sujos: queria afundar-me na trivialidade de nossa condição, contrangendo-me à cena. Na saturação — nele eu não podia distinguir senão entre a saturação e a embriaguez latente — usava de métodos animalescos e terminava rápido, indiferente a que eu sentisse prazer.

Vinha-me a náusea quase constantemente: quando o via agarrar a garrafa, quando pagava na taberna, quando descobria uma de suas trapaças inúteis. Tive medo de estar grávida: ademais, "eles" são prolíficos, é sabido. Sonhava sombriamente com o filho do alcoólatra e da tuberculosa. "Quando os pais bebem, os filhos sofrem as conseqüências". Belo produto. Belo casal. Eu estava enojada. De fato, tive uma crise de fígado. Renaud bebia e eu tinha as crises de fígado. Chamei Alex Duthot, que cuidava de mim desde que meu pai, com cujo consultório ele continuara, havia morrido. Tentei restituir à casa o aspecto ao qual ele estava habituado, mas não consegui: estava apodrecida por dentro. Renaud viu-me escancarar a janela e rangeu os dentes: eram os seus miasmas que eram expulsos dali. Quanto a ele, dis-

cretamente, levou a garrafa e o copo para fora do alcance da vista. Conhecia seu caso e, espontaneamente, tinha o médico na conta de inimigo pessoal.

Alex Duthot, não obstante, farejou desde a entrada: "Você voltou a fumar?" Ao ver Renaud, esclareceu-se. Contudo, continuou a farejar: sentia algo mais além do fumo. "Devia manter a janela aberta, você sabe disso."

Examinou-me com rudeza e disse que meu fígado não lhe interessava, salvo como sinal de que eu me proporcionava contrariedades nervosas que não tinham razão de ser. Achou-me muito fatigada, exigiu que eu fosse vê-lo no dia 15 com uma radiografia debaixo do braço; caso não fosse, avisaria minha mãe. Protestei que sempre havia sido séria a esse respeito. "Então, continue a ser", bradou ele, "senão, você sabe o que a espera." Partiu como um tufão. A garrafa e o copo não estavam visíveis nas cercanias de Renaud. Acabei por descobri-los embaixo de minha escrivaninha. Corri para o lavatório a fim de vomitar. Eu não via com bons olhos essa transferência de sintomas. Acabrunhava-me ver nossa história transformar-se em fisiologia.

— Beba um pouco — disse-me Renaud. — Isso lhe levantará as forças.

— Oh! não! — gritei, com nojo.

Era minha primeira alusão, havia-me escapado. Ele esboçou um sorriso amargo. Sentia o vento mudar, os maus dias chegarem. Afundava. Mantinha-se de prontidão, numa semi-hostilidade. Fechava-se cada vez mais. O cômputo das garrafas, pelo menos daquelas que caíam sob o meu controle, revelava uma brusca progressão do mal. A isso entregava-o

minha indulgência; a isso impeliavam-no as dificuldades. Não sabia para onde me virar.

Certa noite, da porta da cozinha, me surpreendeu derramando na pia minha pequena dose; voltou para o quarto. Resignei-me à Grande Cena da qual estávamos saturados havia muito. Encontrei-o sentado na cama, sorridente.

— Agüentou um bom tempo — disse-me ele.
— Nada mau, para uma pessoa como você.

Abri a boca, por fim, para dizer o que tinha a dizer sobre a questão. Renaud, escute. . . mas ele tinha um olhar tão claro e ao mesmo tempo tão estranho, que tudo que eu vinha preparando rolou no abismo. "Você se destrói, é preciso sair disso, quero ajudá-lo. . ." Aquilo parecia uma brincadeira; seguramente, ele sabia tudo que eu podia dizer; eu não tinha nada a lhe ensinar. Voltou-se para a parede, longe de mim, e não me tocou quando me deitei. Não era para me punir. Renaud jamais usava de tais métodos; é que ele não tinha vontade. No dia seguinte, saí enquanto ele ainda dormia, ou fingia dormir; era mais de meio-dia. Quando voltei, ele já não estava em casa.

Lá estava a pasta. A garrafa estava vazia. A taça também. Preparei a refeição. Enervei-me. Saí e visitei os botecos das vizinhanças. Não ousei ir muito longe. Às oito horas, ele ainda não havia voltado. Não pude comer. Deixei um bilhete em cima da cama e tornei a sair. Para onde? Os bares são numerosos em Paris. Temia que ele voltasse durante esse tempo e não me encontrasse. . . Não, ele não estava ali. Eram dez horas. Um momento terrível teve início. Logo tive que parar o despertador, que marcava a lentidão com um rumor excessivo. Em desespero de

causa, tentei um dos romances policiais de Renaud: compreendi sua utilidade. Meu inimigo, porém, era mais arguto que o dele. Chase, Chandler e três outros foram impotentes. Fiz a cama com capricho; lavei a cozinha; era mais eficaz; limpei todos os metais, arrumei um armário. . . pouco a pouco o abraço se estreitava em meu ventre, meus gestos tornavam-se lentos, havia suor em minhas têmporas, meu coração batia com violência, apenas fui capaz de ficar estendida na cama, como um doente; entrei na espera pura. Meu ouvido dominava tudo: ouvia na rua passos que se aproximavam, não paravam, e decresciam. Devia ouvir a grande distância, aguçava-me. Tentei sair mais uma vez, dei três passos e perdi a coragem. Por volta de uma hora da madrugada, chorei, por fim: isso ocupava-me, tentei chorar durante muito tempo, preferindo o sofrimento ao vazio. Tomei banho. A noite, pouco a pouco, avançava — mas será que, afinal, acabaria? Aquela pasta, ali, tão preciosa, garantia-me que sim. Garantia-me? Isso dependia do que ela contivesse. Agarrei-a e tentei abri-la — a curiosidade impelia-me menos que a terrível necessidade de matar o tempo. Estava fechada a chave. Que poderia, pois, possuir Renaud que quisesse ocultar tão decididamente? Dediquei vários minutos a esse problema; depois, lancei-me novamente ao fluxo gratuito. Gritei, a boca no travesseiro. Jamais tivera a experiência do tempo em estado puro: era uma mecânica abominável. Permaneci a noite inteira inteiriçada na cama, em repouso. Vi as três, as quatro, as cinco, as seis horas. . . atingi uma espécie de resignação. Ele avançava, o tempo. Eu jazia na duração.

Em virtude de que milagre, de que graça, de que misericórdia do céu, havia eu finalmente ador-

mecido? Fui despertada pelo telefone e me precipitei. Uma voz ríspida pediu-me o nome e o endereço. Respondi, estremunhada.

— Será que um certo Jean Renaud Sarti mora em sua companhia?

Gritei que sim e perguntei o que havia acontecido. Era do Comissariado Jean-Bart, haviam-no encontrado bêbedo, sem documentos, sem saber seu domicílio, não tendo podido fornecer mais que meu nome. Declarei que ele tinha perdido os documentos e que era sujeito a amnésia. Riram. Pouco se me dava. Estava indo buscá-lo, meti-me num táxi sem perder tempo em maquilar-me. Graças a Deus, ele havia sido encontrado, felizmente minha noite terminara! Eu teria feito a limpeza das estrebarias de Áugias, para esse resgate de pena, se tivesse que encontrar Renaud sob a última camada de estéreo. Respondi documente a todo um interrogatório pouco lisonjeiro para minha dignidade, fiz as declarações que eles quiseram e sofri sem estrilar a ironia reservada às bravas mulherzinhas sem atrativos que vêm tirar seu bêbedo do xadrez, eu não era outra coisa. Tirei meu bêbedo do xadrez pela mão. Nesse momento, pouco me importa o modo pelo qual ele havia passado a noite. A minha terminara, eu saía do túnel, respirava. Entrei num táxi, arrastando Renaud, e proclamei o endereço.

— Avenue de Saxe, 44 — repetiu ele depois de mim, como uma lição.

— Você tinha esquecido?

— Eu nunca soube. Nunca reparei.

Desatei a rir. Ele não havia voltado para casa porque não sabia o endereço! Ao mesmo tempo, chorei um pouco, mas isso não produzia qualquer efeito.

— Avenue de Saxe, 44 — soluçava eu —, Avenue de Saxe, 44. . . você tem uma caderneta?

— Uma quê?

— Vou mandar tatuar em seu peito.

— Merda — disse ele. — Faça o favor de não aporrinhar.

Abisme-me no silêncio. Sim. Era preciso não exagerar, não era? Ali estava ele. Recuperado. Não exigamos demais.

Seu primeiro olhar foi para a garrafa, e, dessa vez, sem dissimular. Estava vazia. Instalou-se na cama e esperou.

Apesar de me sentir muito cansada, saí e comprei uísque. O taberneiro estava abrindo o estabelecimento; deve ter-me achado muito apressada; não era bem isso. Estava desesperada.

Não tinha nada a dizer. Ele não me havia enganado. Prevenira-me desde o começo. O *blockhaus*, Eu havia pensado que ele fazia poesia. Mas Renaud não faz poesia. Nunca fala por prazer. *Blockhaus*, *pipeline*, tudo isso era literal. "Vítima de irradiação atômica" devia-se traduzir por: alcoólatra. Bastava ouvir com atenção.

Eu havia respondido: "Não tem importância." E ele: "É o que se diz, mas, uma vez dentro da coisa, a gente diz: merda." De fato, merda, tanto pior. Não me deteria. *Blockhaus* e *pipe-line*, continuo. Enfrentar ou desistir? Enfrento. Você me lançou um desafio, lançou um desafio ao próprio amor; aceito-o. Veremos se o amor é uma brecha ou uma ponte. "Salve os corações apaixonados!", como disse Renaud, tão bem, mais uma vez. E ainda por cima, isso não se tratava tampouco de uma imagem.

"Cara de quem não está ligando", tornou-se minha divisa. Parecia que eu renunciava à luta; afrouxei a corda. Mas não pensava menos no problema. Brunia novas armas. Por exemplo, era preciso distrair aquele homem, arrancá-lo da concha em que ele gostava de enroscar-se. Para começar, compraria um carro: que homem não se interessa por um carro?

Renaud. Único em seu século, pouco lhe importava. Arrastei-o pelas agências, ele achava aquilo fedorento e dizia: "Leve qualquer um, mas vamos sair daqui." Entretanto, tomou-se de interesse, certo dia, por um coche fúnebre Voisin com vasos para flores, modelo 1935, que lembrava Nosferatu, o Vampiro. Arrastei-o dali, horrorizada. A idéia de percorrer as ruas naquele cadafalso, que o encantava, causava-me arrepios. Tendo-lhe sido negado seu brinquedo, caiu na indiferença e dela não saiu senão quando me viu optar por um Aronde céu-aberto. Era apenas o nome, eu deveria ter desconfiado: concitou-me, se eu pretendia que ele pusesse os pés naquilo a renunciar "àquela cristaleira ambulante onde a gente passeia quase despida, como ostras sem conchas." Sem dúvida, era um agorafobo. Isso, lamentavelmente, excluía qualquer modelo novo. Disse ele que, na verdade, gostaria de um carro, sob a condição de que nele se pudesse fazer amor e dormir, e cujas janelas pudessem ser fechadas; ou melhor, que não houvesse vidros de modo algum; que andasse ou não, era uma questão secundária.

Em suma, um quarto. Transigimos quanto à tração. Jamais sentiu-se tentado a dirigir; preferia ser conduzido. Aliás, disse-me, sou míope. Não me apercebera disso. Recusou meu oferecimento de man-

dar-lhe fazer uns óculos: preferia enxergar mal, disse, isso já era uma vantagem.

Visitamos as encantadoras estâncias de Ile-de-France, luxuosas e bem aquecidas. Valia a pena ir ao campo na companhia de Renaud: tendo chegado sábado, permanecíamos à mesa, após o jantar, bebendo, horas sem conta, após o que ele fazia amor comigo durante metade da noite. Tomado o café, na cama, por volta das duas da tarde, aquilo recomeçava e durava até a noite, persianas fechadas, licores ao alcance da mão. Restava jantar e recomeçar, à noite: eu quase não havia posto os olhos num vegetal e me sentia esgotada. Desisti: se era para aquilo, em casa era menos dispendioso e minha cama era melhor. Concentrei-me nas saídas parisienses; inventei um desejo de ver pessoas, de mostrar meus vestidos. Ele me concedeu o favor de opinar sobre aqueles que, pela verossimilhança, eu comprava: com meu corpo e meu rosto, podia permitir-me ser elegante, ao invés de assumir o "ar provinciano". Tive que dizer adeus a meus *tailleurs* "sempiternos" e a meu estilo suburbano. Insuflada por ele, acabei desembocando na alta costura, ao sair da qual Claude não me reconheceu.

Fizemos a ronda das boates: eu gostava dos espetáculos; Renaud, da consumação; a dupla serventia desses lugares punha-nos, por uma vez, de acordo. Agradava a Renaud a atmosfera de qualquer lugar onde se pudesse beber. Desde que aprendera a calar-me, ele me levava a bares, a Montparnasse e Saint-Germain e aos botecos em redor do Mercado, que ele freqüentara outrora; voltava aos hábitos antigos, nos quais, agora, concedia-me a honra de me incluir; confabulava enfaticamente, horas seguidas, com os

tipos mais disparatados, os quais eu mal compreendia que encontrassem nele algum interesse, a menos que se tratasse da cumplicidade dos marginais: artistas fracassados, semivagabundos, desocupados de toda sorte, escória, em suma. Toda essa gente, avidamente, entregava-se à bebida ou até mesmo consumia entorpecentes; quanto a mim, eu era uma figurante. O chofer. Esperar que *Monsieur* se dispusesse a voltar para casa. Sem mim, ele não seria capaz.

Para restabelecer o equilíbrio, misturei Renaud a meus próprios amigos — organizei pequenas festas em casa. Antigamente, eu achava isso agradável, vez por outra. Porém Renaud lhes imprimiu um tom que me fez lamentar minha iniciativa.

Ele servia a bebida com tanta generosidade que todo mundo logo se embriagava e possuía o dom de arrastar as mulheres à indecência. Suspeitava que ele o fizesse de propósito, para me chocar. Dançava bem, mas muito colado, com todo mundo, indistintamente, e, com ele no papel de mestre-sala, meus belos amigos tinham vulgaridades que me irritavam. Na noite de Natal, quando fiz uma árvore, encontrei-o, às quatro horas da madrugada, na cozinha, fazendo requintadas carícias em Marie-Agnès, sentada na mesa, a saia levantada.

— Não, não — disse ele, vendo-me recuar — você não é demais, minha querida, ao contrário.

Caí como um bloco sobre o ladrilho. Acordei no dia seguinte com aquela imagem gravada no cérebro, e uma abominável vertigem. Ouvi Renaud assobiar no banheiro.

— Estou com fome — disse, vendo-me de olhos abertos.

— Eu não.

— Você está com uma maldita cara de pileque. Um pouco de alka-seltzer. . .

Pensaria que eu me esquecera de tudo?

— Como foi que terminou aquele feliz Natal? — perguntei secamente, para lhe dar a entender que me lembrava muito bem.

— Banquei o dono da casa — disse, descaradamente. — Coco cuidou de você. Contudo, seu mal-estar foi uma ducha em cima de nossos convidados, que não tardaram a se retirar. Você não foi feita para beber tanto, não está habituada. . .

Ainda por cima, sarcasmo! Se ao menos ele não me censurasse por haver estragado a noitada! No fundo, era um salafrário. Sem dúvida aproveitara-se daquele oportuno mal-estar para despachar Marie-Agnès na mesa da cozinha. Estava em seus hábitos. Era capaz de tudo.

— Não me olhe desse jeito — disse ele, com voz cansada. — É profundamente inútil.

Repetiu, sorrindo. "Inútil", e desapareceu na cozinha. Voltou com uma xícara de café e um copo de água efervescente: "Beba isto." Bebi. Era o vinagre, para completar. Recebeu de volta xícara e copo e sentou-se na beira da cama.

— As coisas são o que são, é uma verdade que todo mundo esquece. A cada um compete decidir o que quer.

Levantou-se e pegou seu blusão.

— Oh, Renaud, você já vai!

— Vou sair.

Era provocação. Mas, que poderia eu fazer? Ele não me levava a sério. Eu não dispunha de qualquer poder sobre ele; todos os poderes estavam com ele. Podia divertir-se medindo-os. Agradava-lhe ver até

que ponto o amor me reduziria. Nem eu mesma o sabia.

Lambuzada de lágrimas, entregava-me ao ciú-me. Uma fértil imaginação alimentava-me com imagens torturantes que eu não podia suportar, que era preciso suportar. Aquele belo Natal que eu recusara passar com minha mãe! Ela havia chorado. Era minha vez; a desforra de minha mãe.

Renaud. Volte para casa. Volte. A noite cai: onde está você? Como pode passar tão bem sem mim. que não posso passar sem você? Será justo? Volte: não direi nada.

A noite avança. Fumo cigarro após cigarro. Volte, eu lhe imploro. Não me importa o que você possa ter feito, não farei qualquer pergunta, deixá-lo-ei em paz, não direi mais nada. Você é mil vezes mais forte do que eu.

Porém não mais forte que meu amor. Não posso passar sem você: seu prêmio será o meu. Tanto pior. Conservarei essa fé insensata que você não pediu.

Duas horas. Ademais, eu estava segura de que ele vagava, longe de Marie-Agnès e das de sua laia, em alguma parte, à deriva. Conhecia meu Renaud, afinal, melhor do que ninguém. Conhecia-o demais para perdê-lo. Via-o: em pé, diante de um bar. rodeado pelo incenso dos cigarros, um olho meio fechado, o ar astuto, como se representasse uma farsa e conhecesse perfeitamente sua posição, dissertava sobre o mundo, grandes frases definitivas escorriam-lhe dos lábios para proveito de um público de joão-ninguéns que fingiam ouvi-lo para arrastar sua triste noite; um palhaço para vagabundos; era seu momento de glória. A imagem era tão evidente que vesti o

casaco, tirei o carro da garagem e parti em busca da realidade.

Inspecionei diversos lugares onde já o havia visto. Minha memória registrara fielmente este itinerário particular: o Guia negro das noites de Renaud, que ele abria diante de mim — será que ele o ignorava? Talvez não.

Descobri-o num boteco de San Martin, tal qual eu havia imaginado: a fumaça, a pose, estava tudo ali. Viu-me entrar, terminou seu período sobre "os homens de boa vontade que anjos transformados em bombas deitam na planície, enquanto caminham para a Creche onde repousa, ainda cega, a Redenção deles". Depois, com o mesmo tranqüilizador gesto de mão de outras noites semelhantes, disse-me: "Ah, sim, minha querida, vamos para casa, vou acompanhá-la". Havia esquecido que eu não estava ali.

Não me fez esperar mais que uma hora, tempo de terminar mais uma frase, mais um copo, e depois acompanhou-me, como de costume.

Era simples. Bastava esperar que a noite avançasse, que ele mesmo, girando em seus circuitos, encaixasse em um de seus barrancos, e aí recolhê-lo. Assim como o mar tem seus lugares prediletos para atirar seus afogados, por uma análoga combinação de correntes, a noite tinha os seus para fazer Renaud encalhar; restava-me recolhê-lo, aqui ou ali, segundo o grau de maturação. Não há nada menos livre que um alcoólatra; enquanto ele se acredita entregue à sua pura fantasia, enquanto tem suas manias, está prisioneiro de incompreensíveis porém imutáveis amarras que o ligam a ancoradouros fora dos quais está perdido. Nesse grande líquido movediço que é sua vida, tem seus portos, seu balizamento, seus ca-

nais precisos, e não se lança âncora em alto mar. Eu acompanhava tudo aquilo. Tomava parte na Grande Navegação: pequeno rebocador teimoso, que leva para o dique seco, onde se reparam as avarias até a próxima partida, o grande navio que faz água. Muito depressa ele aprende o modo de usar o rebocador e, engendrando aqui e ali a miragem de sua querida liberdade, dela fez um brinquedo do qual se acredita dono, e imagina-se o autor de minhas aparições. Imperceptivelmente, nossos reencontros noturnos assumiam o aspecto de encontros marcados, tomavam seu lugar naquela caótica dramaturgia que era a vida de Renaud Sarti e que ele acreditava criar quando a ela se submetia. Era uma *Commedia dell'arte*, ou melhor, uma *Tragédia dell'arte*, ou melhor ainda, as duas juntas, ele na comédia, eu na tragédia, e nunca no mesmo tom, eu aparecia sempre no mesmo papel, Escoteiro de Calças Curtas, fixado de uma vez por todas, mas cujo texto ficava para improvisar em cena, do que Renaud se encarregava embelezando segundo a disposição do público ou a de seu próprio humor.

Escoteiro, anjo da guarda, são-bernardo, Exército da Salvação, cão de cego, Irmã Geneviève, Ariadne, eram os nomes de minha personagem. "Eis aqui o cordeiro tão manso", "*La Fayette nous voilà*". "*J'entendrai le jour et la nuit*", "*Emilien fais pas la mauvaise tête*", eram minhas deixas; variantes infinitas modulavam a continuação do espetáculo.

Que loucura se apoderara de mim! Que decisão havia eu metido na cabeça, de agarrar aquele homem? Ele ia muito depressa, deslizava sem salvação, segundo uma gravitação não menos matemática que a outra. Eu não impedia coisa alguma, apenas assis-

tia à degradingolada, e, como se não tivesse bastante em casa, ainda ia ver na rua.

Que loucura! Acreditava ir recolhê-lo, oferecer-lhe um centro de gravidade, seu endereço, ia lembrar-lhe o endereço — mas não, ia proporcionar-lhe mais um brinquedo, ele se entregava a isso com perversidade, fazia disso um teatro, saudava-me por toda parte como sua própria criação, uma personagem que ele tivesse inventado e lançado nas ruas ao invés de no palco, pois para ele não havia diferença.

"Olhem-na: examinem este espécime perfeito..."

*

Virava-me em todos os sentidos, fazia-me cintilar diante de todos os marginais presentes, que riam no circo gratuito.

".. este espécime perfeito de fidelidade, esta encarnação ideal do Amor. Ela se sustenta nas pernas. Ela anda. Anda! Anda, boneca!"

— Renaud. ..

— ... ela diz "Renaud". Diga Renaud! Mostre a estes cavalheiros como você está afiada, molas em perfeito estado. E este coração, este coração sem limites, é ele, sobretudo, que é preciso que vejam. Mostre seu coração.

Puxou-me para junto dele e quis desabotoar meu *chemisier*. Era no *Black-Out*, metade bar, metade café, que funcionava com as cortinas arriadas. Lá estava Coco, o médico fracassado cujo nome diz por que, um antigo montparnassiano que não chegara a ser um Modigliani, um pederasta coxo e sem dúvida com fístulas e *chômeur*; e mais Gladys, re-

pousando entre dois clientes, todos eles pessoas que nada determinava que eu viesse a conhecer e com as quais eu não entretinha qualquer relação direta, se bem que possuíssem, a meu respeito, informações muito íntimas.

No segundo botão, fraquejei — Renaud, por favor, isso não. Agarrei o tecido com as duas mãos. Havia limites até mesmo para a abnegação absoluta. Aquilo ultrapassava esses limites.

Vibrou-me no rosto uma tapa seca, imprevista. "Mostre". Era teimosia do bêbedo.

— Deixe-a, Jean — disse Gladys. — Ela não foi feita para isso, você bem vê.

Com uma das mãos segurando ainda o *chemisier*, Renaud voltou-se para ela.

— É aí que você se engana, minha pombinha. Ela foi feita para isso. E dizem que as mulheres são psicólogas. Que literatura! Escute aqui, minha gatinha — disse-me com doçura — se você me obedecer, volto para casa imediatamente. Neste mesmo instante. Sem conversas. Em nome do amor, você bem podia fazer isso, não é? Quando encarnamos, é preciso encarnar até o fim.

Ele tem razão. De repente, minha resistência cedeu. Qualquer coisa rompeu-se, a serenidade espalhou-se. É verdade: para mim, não fazia diferença. Que faça, pois, o que quiser. Posso ir ainda mais longe. Não há limites. Deixei cair o braço. Ele acabou de me descobrir o busto e virou-me para o impotente, o senil, o pederasta, o embrutecido e a mariposa. Alberto, de costas, arrumava suas garrafas: aquilo era assunto de seus fregueses.

— Vocês já viram alguma coisa tão bonita? —

proclamou Renaud. — Brancos, frescos, odres pendurados na sela, durante um grande calor.

— Não faça caso — disse Gladys, praticando a solidariedade feminina. — Aqui, isso não tem importância.

Ela tinha piedade. Não havia cabimento. Eu não ligava. Sorria vagamente.

— Vista-se — disse Renaud, largando-me, subitamente. — Vamos para casa.

Sua voz havia perdido a convicção. Em alguma parte eu acabava de marcar um ponto.

— E pague — acrescentou, para recuperar não sei que terreno perdido.

Paguei; creio que por todo mundo. Voltamos para casa em silêncio. Renaud estava atacado de mutismo. Em casa, tomou-me nos braços e me possuiu sem dizer palavra.

V

Que limite era aquele, no instante passado? Ele me descortinava todas as aceitações. Tendo-o compreendido, Renaud levava o mais longe possível a-quele jogo confuso, forçava o insulto, combatia com furor o adversário silencioso e dócil, muito dócil, nascido sob sua férula.

— Vá embora. Desapareça. Não está me ouvindo? Não quero saber de você. Levante âncora. Barka! Vade Retro, arre! Ela fica. Goma arábica. Papel mata-mosca. Fita durex. Malha de gladiador. Arpão de baleia. Aranha. Drósera. Sarna. Chato da cruz preta. Lagarto verde, que só larga se a gente lhe corta a cabeça.

— Georges, traga-me um café, por favor. E quanto lhe devo?

— Ela fica. O que será preciso que eu faça para me ver livre de você? Estão vendo esse vidro de goma-arábica que carrego a reboque? Você ainda está aí? Aí está ela. Plantada como raiz de baobá. Impávida, vegetal. Marisco na pedra.

Ladainhas, ladainhas. Aquilo me lembrava a igreja, a hora do *angelus*. Mas, Renaud, você não pode comigo. Estou triste, passo mal a todo instante, mas isso não basta. Ele dá tratos à imaginação, à procura do exorcismo decisivo, que me faria afundar, o contrário do sinal da cruz.

— Não gosto de você.

— Sei disso.

— Detesto você, sou obrigado a agüentá-la.

Desta vez, é demais. É incrível. Grudo-me ao chão, não irei embora, não chorarei. Vez por outra, um dos companheiros de noitada, comovido por minha constância, dizia que eu era digna de admiração.

— Admiração! — replicava meu delicioso amante, para quem qualquer palavra era uma rampa de lançamento. — Como se eu não soubesse do que é feita! Quer que eu a possua, é isso que ela quer. Faça-a gozar, compreende? "Revelei-a". Um acidente. Não me perdoa isso. Chama isso "amor". Espera com uma paciência de égua que voltemos à estrebaria para... Não é verdade, minha gata? Esses animais estão sempre no cio. Vamos, voltemos para casa, querida, você merece, você ganhou.

Diga o que quiser. Fale, fale.

Que ele me batia, não é preciso dizer. Sobre tudo tapas. Os bofetões eram mais raros. Gostava de me dar tapas no rosto, ora com a palma, ora, nos piores momentos, com o dorso da mão. Com o dorso, doía. Mas não é preciso exagerar, doía somente na hora, e, em seguida, uma pequena mancha azulada; objetivamente, uma tapa não é nada, eu me tornava objetiva; era necessário. A grande infelicidade era para o orgulho — mas, meu orgulho!... Eu já não o sentia. O que eu sentia era que ele "gostava" de me dar tapas; não por sadismo, ao contrário: era uma forma bizarra de familiaridade, de intimidade. Esquisito. Porém verdadeiro. Ele sabia que eu não teria permitido aquilo a mais ninguém! Era privilégio seu. Eu nem sequer protegia o rosto: faltava-me o reflexo. Era preciso tudo aceitar. Isso fazia parte de um

conjunto indivisível onde se intuía os prolongados deslumbramentos do prazer. Por eles eu teria pago um preço ainda mais alto.

As tapas, afinal, era o que havia de menos penoso. Eu não tinha que despende qualquer esforço, nada a sobrepujar, tinha apenas que receber: quase repousante, comparando-se ao resto. Estava cada vez mais anestesiada, quase não sentia nada. Às vezes, ia ao banheiro vomitar um pouco: como os romanos, em meio ao banquete, para poder continuar a engolir os manjares deliciosos, de sabor sempre novo.

— O que eu não compreendo, num tipo como este, é que ele não tome entorpecentes — disse Cocco, os olhos vivazes, com intenção proselitista, pois acabava de tomar. Experimentei: inconvertível. Não que ele tivesse temor; não estava ligando.

— Não há necessidade — disse Renaud. — Nasci com a droga no sangue.

— Então, por que beber? — arrisquei.

— Mas beber é o contrário de tomar entorpecente, minha gatinha. É o antídoto. Minha droga é bem pior que a heroína. Não foi feita para os homens, mas para os deuses. Néctar e ambrosia, se eu me deixasse levar, estouraria no céu, a fogo lento, por dilatação luminosa. É completamente insuportável, minha filha, como sensação, e é permanente: você não sabe o que é um segundo?

— Sim — disse eu. — Oh, sim!

— Sim: provavelmente você sabe o que é um segundo de morte. Mas um segundo de vida, você ignora. Acredite-me: a gente não pode, é preciso matá-lo.

— É um anjo: — disse Cocco — imaginem co-

mo um anjo encararia as coisas aqui; aí vocês têm Renaud escarrado e cuspidido.

— Cuspidido pela goela de Deus, como uma disparada na face da terra. Ploc: aqui estou, Senhor, à vossa imagem. O paraíso corre em minhas veias tão vivo quanto no primeiro dia: Deus salafrário, não conseguiste expulsar-me, penduro-me nas bordas, em vão te esforçaste por me esmagar os dedos, a espada sinuosa do teu anjo-robô passa-me cada vez mais longe do coração. Prados úmidos, águas frescas, arroios claros, quatro rios correm em meu corpo e todos os calores da Escócia não poderão esgotá-los. Depois, a heroína provoca a impotência, e eu quero esgotar minha verga, e não que ela se esgote antes de mim. Olha aqui o Coco — disse-me, agarrando-me a mão, para que eu constatasse, à força, pois eu tentava resistir — olha aqui o Coco, ele não tem mais nada.

— É verdade — disse Coco. — Felizmente estou livre. Durma, pombinha.

— Enquanto que eu... — transferiu minha mão, com autoridade — você está vendo. Mas deixe a mão aí, não faz mal. Isso não atrapalha a conversa, ao contrário. Conserve-a em forma até chegar em casa. Senão, você não terá nada. É assim: ela engole tudo; essa mulher tem estômago de avestruz, ao invés de coração. Sim, querida, você terá sua estátua. A estátua do Amor, de pé, trespassada por uma flecha. Você quis ser apóstolo? Você pensava, por acaso, que se tratava de uma ocupação de dama da sociedade? Todas as coroas têm seu preço, mesmo as de espinho. E cuidado com a cabeça: acabam em bandejas. E depois, não se esqueça nunca de que tudo

isso é em troco de nada. Às vezes, você tem uma certa tendência para adormecer. Cuidado com as surpresas.

*

Há pessoas que têm sonhos. Quanto a mim, eu os vivia. Não é uma metáfora. Ocorriam à noite e eram sonhos de verdade, com todas as características dos sonhos: caprichos de tempo e de espaço, matéria em transformação, ora difusa como uma estrela, ora pesada como um caroço; repetições alucinantes, aura premonitória, metamorfoses de personagens, e até mesmo o sentido de irreabilidade. Eu flutuava, impotente, diante dos acontecimentos que se me apresentavam sob a forma de imagens que eu não podia modificar, que eu devia suportar, ainda que impossíveis de suportar; e nos quais me era reservado um papel que eu não podia recusar, que eu devia representar. Sempre a mesma busca interminável, através da chuva e do frio, a mesma porta que era empurrada, mais uma porta, mais outra, até aquela última, atrás da qual, em meio à fumaça, espera o temível pesadelo, o riso de Renaud que me quer esmagar o coração. O sonho "Procuro Renaud, encontro-o, ele me mata", o sonho companheiro que, quase toda noite repete o mesmo tema: a transposição do limite. Até onde irá meu coração sem rebentar? Não sei. Hei de ver. Sim, não era mais que um delírio: como os delírios, havia saído de um cérebro doente e atormentado; simplesmente não era o meu, mas o de Renaud, que me obrigava a compartilhar seus pesadelos e representá-los duramente. Foi assim que me vi num quarto com ele e uma mulher; vem-me o pensamento de que é o

fim, de que não iremos adiante; Renaud impôs-me aquele papel na esperança de que, afinal, eu tropeçasse e ele tivesse razão a respeito de mim e de meu amor. Bebi para obrigar meu corpo rebelde, no momento nu e abominavelmente entregue às carícias demasiadamente precisas de uma mulher cuja habilidade me revolta, me violenta. Vestido, sentado em frente à cama, Renaud me observa. Ah, sim? Ali estava a transposição dos limites, o entregar-se a tudo: é isso o que você quer? Abandono-me, façam de mim o que quiserem. Deslizo de um acesso para outro, não pedirei mercê. Caio na inconsciência, como num parto.

— Vá buscar uma garrafa lá embaixo.

— Jogue água no rosto dela.

— Vai matá-la, você sabe. Ela está doente.

Essa noite, é a vez de Renaud levar-me para casa. Deixou o carro de lado e tomou um táxi; a caminho, apanhou Coco, que aplicava injeções muito bem e, por mais rejeitado que estivesse, conhecia ainda as que reanimam o coração.

Eu tossia, era evidente. Continha-me o mais que podia. De qualquer maneira, estávamos no inverno, todo mundo tossia. Um inverno sem neve, úmido e frio, varrido pelo vento. A chuva gelada da noite aderiu-me à pele, como se eu tivesse dormido na rua. Faltava às aulas: estava muito cansada. Estudava em casa — a casa que, outrora arrumada, transformara-se em sujeira e desordem — sentia-me muito cansada. Renaud saía para comprar frios, voltando às vezes, às vezes não: neste caso, eu fazia minha excursão noturna.

Tinha ido ver meu médico. O que havia era "a-

inda" apenas cansaço. Receitou-me umas férias de Natal no campo. Como seria possível? Imaginar Renaud quinze dias no campo! Passeando pelas florestas, talvez? Colhendo agárico. Contentei-me com tomar fortificantes. Desde que se tratasse apenas de engolir, eu estava pronta. Algumas semanas depois, por ocasião do exame a que ele me obrigara, "ainda" não havia nada. A temperatura da noite e da manhã não diferiam muito: mas haveria, no meu caso, uma noite e uma manhã? Alex perguntou se a-quele tipo morava comigo. Aproveitei a ocasião para lhe dizer, como eu me propunha havia muito tempo, que ele era um alcoólatra. Não lhe fazia nenhuma revelação. E que poderia eu fazer? Informou-se das doses.

— Você não pode fazer nada, — disse o médico — a não ser mandá-lo desintoxicar-se. Ou mandá-lo para o inferno! Ou suicidar-se com gás, é mais suave do que a falta de pulmões.

Não compareci à consulta seguinte. Estava por demais cansada. Deixava-me ficar na cama por muito tempo. Renaud mostrava-se relativamente sensato desde a noite de Mina, sem dúvida saciado com a-quele excesso e aquela vitória. Essa tossezinha podia ser um resto de gripe. Ninguém se deve julgar tuberculoso sem mais aquela, só porque já o estive uma vez, e Alex tinha uma tendência para me manter sob o terror. Louca é o que eu era, acima de tudo. desde o começo daquela história; um pouco histérica. Provocava Renaud; entregava-me a excessos exhibicionistas do gênero que lhe agradava, e nisso punha algo de meu. Por fim, entreguei os pontos: desejava Mina. Por causa disso, perdi o sono; era uma obsessão; penetrava-me o cérebro cada vez mais profun-

damente, fixava-se, esgotava-me as forças; eu caminhava a passos largos para a loucura. Confessei. Já sei, disse Renaud. Foi buscá-la. Eu a achava bonita. Gostava de mulheres e da perfeição de um prazer que conhecia tudo a respeito da outra parte, tão apto a dar quanto a receber.

Aquela loucura renovou-se. Por uma natural inclinação para a harmonia, Renaud participava de nossos jogos num plano de igualdade, como de uma requintada festa dos sentidos — em que mundo, em que outra vida, existira uma Geneviève Le Theil que repugnara tais coisas? Se, nesses momentos, me tivessem aberto o coração, teriam encontrado uma menina que brinca com areia. Eu estava alegre. Surpreendia-me em risos de criança. Perdera-me num delírio.

Mina retirava-se de manhã cedo. Eu lhe pagava. A princípio, sentia-me constrangida, mas Renaud havia sido formal: todo profissional é pago no exercício de suas funções; nós nos apropriamos de suas horas de trabalho. Esse dogmatismo, em tal domínio, escandalizou-me: funções, trabalho! Renaud pôs-se a rir: o espírito burguês, disse-me ele, é a coisa mais cavilosa deste mundo; faz do sentimento uma mercadoria, até no fundo de seu coração, e faz, depois, a esse respeito, uma confusão deliciosamente dialética. Estranhei que ele descobrisse espírito burguês numa prostituída; tornou a rir e me disse que, de certo, uma prostituída era, salvo exceções, uma burguesa; mas não era a Mina que ele se referia, falava de mim e da profundidade de minha alienação. Essa linguagem soava-me sibilina e paradoxal: parecia-me que era ele quem fazia do sentimento uma mercadoria! Parou de discutir, disse-me que havia enormes lacu-

nas em minha educação, mas que a tarefa de preenchê-las era por demais gigantesca para um preguiçoso como ele; que, de resto, nada adiantava começar a ser marxista em meados do século XX, pois essa doutrina estava superada, se bem que por nenhuma outra. Em suma, eu pagava Mina, de acordo com a tabela sindical, e ela aceitava sem mais delongas. O dinheiro era preparado na entrada, ela o recolhia ao sair, e não se falava mais nisso. Se a idéia me constrangera, eu suportava perfeitamente o fato que liberava nossas relações, o que me pareceu bastante singular. Nessa ocasião, Renaud tornou a zombar de mim. Nossas discussões políticas eram trechos escolhidos de absurdos: em duas réplicas perdia-se o fio e até a lembrança do que se queria demonstrar. Mas o importante não era a política, para mim dava no mesmo que pensássemos diversamente a esse respeito. Ademais, eu já não pensava.

Mina retirou-se ao amanhecer. Renaud estava silencioso e não conseguia deitar-se. Hesitava. Olhou através da vidraça: afinal, caíra uma neve tardia, meu gramado estava branco e minha árvore carregada. Aproximei-me de Renaud. Ele não se voltou da janela.

— Estou me sentindo mal — disse ele.

Era a sua primeira queixa.

— O que é que há, Renaud?

— Não agüento mais.

— Diga-me — pousei-lhe a mão no braço.

— Dizer. Não se diz. Nunca. Não se explica. Basta ver. Ou não ver. Você é boazinha. Sinto-me mal. Decididamente, você não pode fazer nada.

Era eu quem devia sentir-se mal. Que coisa abatia-se sobre mim, de repente?

Não se abatia nada, não havia de repente, senão que eu me entorpecera, prazer e sofrimento misturados, numa espécie de hábito, por mais desconfortável que fosse; eu transpunha limites, um a mais; e, com esse exercício, eu esperava estar quite, como um católico com a missa dominical. Percorrendo o caminho, eu havia esquecido o que sabia por ocasião da partida: que tudo aquilo era inútil. Mas, com Renaud, não é fácil adormecer; ele nos desperta com ferro em brasa: enquanto eu lhe sacrificava tudo, ele continuava a afundar, como se eu não lhe sacrificasse nada.

Nesse nada-mais-a-perder eu encontrava a audácia que me fazia falta havia muito. Disse, trêmula:

— Por que você não experimenta desintoxicar-se?

Depois esperei que ele fosse buscar a escova de dente e me abandonasse.

— É bonita, a neve — disse ele. — É branca. Vocês são engraçadas. Como se o álcool fosse uma causa: retirá-lo do pobre diabo, e pronto. E o que é que você espera ter, depois disso? Um pobre diabo que vai beber, minha beleza, ou o seu fantasma. Seja lógica. Faça-me voltar para o ventre de minha mãe. Torno a sair puro e imaculado como da primeira vez. Ando. Vejo o mundo. E aí está. Mas vocês, vocês se comportam como se esse troço fosse um acidente; a ocasião, a perdição: meteram-no num tonel, e depois, o pobre... Eu estava só, minha gatinha, naquele dia, só como um lampadário, e são de espírito. Na posse de todas as minhas faculdades, que são grandes, como você sabe. O dia mais claro de minha vida. Como hoje. Não nevava; fazia um sol magnífico. E, creia-me, nem mesmo lamento:

como lamentar a lógica? Abro o olho. Depois, tento fechar. Não posso. O que é preciso não é desintoxicar-me, é furar meus olhos. Veja você, eu até lhe dou a receita.

— Não é possível. Não quero. Não quero que você se perca desse jeito. Não permitirei.

Entrego-me à fúria. Fúria imbecil. Porquanto ser inteligente de nada serve! Pego a garrafa e arremesso-a contra a porta do banheiro. O copo também, e todos os copos que encontro, atiro-os no chão. Procuro as garrafas, como outros tantos inimigos. Quebro os frascos de água de colônia, os de éter. Dessa vez é loucura, não posso mais suportar um líquido num frasco, há muito que os odeio. Renaud contempla-me tranqüilamente, e, quando termino:

— Você é uma vagina — diz-me ele. — Uma vagina inútil. Perdidos estamos todos nós. Não estar perdido é ainda mais cretino. Você, por exemplo, não está perdida. Você sempre se encontra: goza imperturbavelmente. Erro ao dizer que isso não serve para nada: serve para você gozar. Você é apenas uma vagina, era o que dizia, uma linda vagina, palavra!, e gosta de ser lambida. Bastava acionar o mecanismo, a pudicícia de Madame, que bloqueava a entrada, a ganga pudica em redor do diamante, e eis que se abria a gruta dos tesouros, cheia de gritos, e de licores requintados. Conquistei e devassei uma vagina, o que, aqui para nós, é mais instrutivo que o Himalaia, digam o que quiserem, finquei lá dentro minha linda bandeira que equivale à de uma nação, verga de areia contra um fundo vermelho, e, terminada a tarefa, o que foi que eu conquistei? — uma vagina; e quem ganhou? — você: você gosta disso e até mesmo pede mais. Bela conquista, a minha. O

sujeito com seus oito quilômetros de altitude encontra-se enriquecido de nada mais que sua miserável vaidade, e só lhe resta, posso garantir, descer seus oito quilômetros e contar a história aos outros; oito menos oito igual a zero. Mas eu, pobre sujeito, não tenho sequer vaidade para satisfazer, não tenho absolutamente nada: com que fui me meter? Onde estou? Em que companhia? Estou só, só. Sozinho no mundo.

— Mas eu o amo, Renaud! Você não está só!

— Uma coisa nada tem a ver com outra, evidentemente. Estou só.

— Ah, se ao menos você pudesse gostar um pouco de você mesmo, não estaria tão só, garanto!

— Sim, se eu pudesse dormir um pouco — amar, dormir, nada mais, e, por intermédio de um simples amor, acabar com as malditas aporrinhações de uma vida mortal. Sonhar, talvez? Mas que sonhos poderão vir depois, aí é que está o busílis. Merda. Não quero saber dos meus. Essa algazarra e essa balbúrdia das dores, amar faz lá dentro o efeito de uma asa de borboleta, frrr, frrr... Vocês me enchem com suas historiazinhas pessoais: eu, tu. E o pior, o cúmulo do horror: nós. Arre! Passe-me a bebida. Ah, é verdade, não há mais nada, você quebrou tudo.

— Foi uma idiotice, eu sei, desculpe.

— Não tem importância. Facilmente reparável. Pôs-se a calçar os sapatos.

— Oh, Renaud, o que será que poderia detê-lo?

— Viver, talvez. Quem sabe.

— Mas como?

— Eis a questão. Como viver. Tudo se resume

nisso. A vida, no fundo, eu gostaria disso, tenho certeza. Se você tem alguma idéia.. .

Debulhei-me em lágrimas. Não sabia mais nada. Ele tomou minha bolsa, o que jamais fizera, e retirou várias cédulas; prático, preocupava-se com o reabastecimento, sem perder um minuto, o resto era conversa fiada. Seu gesto chocou-me violentamente: fosse como fosse, ele se permitia demais. Mas permaneci passiva: afinal, era minha culpa, eu fizera uma tolice, fazia-me pagar por ela, e em dinheiro; como sempre, Renaud.

— Renaud!.. .

Ele se encontrava à porta. Fez-me um aceno polido e saiu tranqüilamente. De modo algum zangado. Eu deveria fixar aquela imagem, disse para mim, com uma confusa intuição. Encontrava-me, porém, num torpor profundo, privada de toda iniciativa, de qualquer idéia, e terrivelmente cansada. Ele me havia dado um golpe de porrete, triturara-me, eu não me lembrava de nenhuma de suas palavras, e sim de uma tremenda paulada.

Permaneci num embrutecimento desesperado, sem poder refletir. Ele não voltava com as garrafas. Que se vá: afinal, estava acima de minhas forças e eu não compreendia nada daquilo, a não ser que ele não me amava e que eu era impotente. Teria sido preciso que eu fosse sobre-humana; eu não o era, eis tudo. "Você não serve para nada!" Aí estava, enfim, uma frase de que eu me lembrava. "Decididamente, você não pode fazer nada". Mais uma: muito obrigado. É verdade que eu nada podia e nada pudera, o amor abria falência. Que se vá, pois. Sentia-me renunciar a tudo.

Como um autômato, vesti-me. Saí, comprei uísque, e um sonífero, com uma receita de Alex, jamais aviada por causa de Renaud. Não queria mais me mexer. Cansaço tremendo. Fazia muito frio lá fora, eu não devia ter saído, tive um violento acesso de tosse, ao voltar. Tiritava. Bebi um copázio de uísque, isso aquece — e então? o que será que sentia Renaud? Bebi um segundo e a cabeça pôs-se a rodar; deitei-me, foi muito pior, senti engulhos e adoeci logo a seguir. Não tinha predisposição. Ah!, e depois, eu não podia suportar aquele gosto e aquele cheiro que empestavam já todo o apartamento, desterreí a garrafa para a cozinha e voltei para a cama, cambaleando; era terrível; caí no desespero: se o que se encontrava nos fundos dos copos era aquela escuridão absoluta, na verdade não valia a pena procurá-la ali. Chorei longa e copiosamente, chorei mais e mais, vi que tudo era uma comédia absurda sem o menor sentido, e perguntei-me se, de fato, eu amava Renaud, ou se toda aquela história não era, por acaso, desde o começo, um delírio de interpretação romântica, encenado pelas circunstâncias, o suicídio patético, a mudança de lugar, o estranho encanto de Renaud, a simples ruptura de meus hábitos; a novidade, vejam só. A tese era tanto mais sedutora quanto meu coração, no momento, estava vazio e frio; e ele a acolheu sem qualquer revolta. Nada me dizia que eu não fosse uma simples bobalhona cuja ingenuidade caíra prisioneira da lábia de um tagarela como há muitos, pois, afinal, quem era Renaud Sarti? Que fazia ele na vida?, que referências apresentava? Nenhuma; falava, isso sim, falava e, nas malhas de suas palavras de ouro, podia colher muita cotovia como eu, e a gente via

diariamente aos jornais histórias desse gênero que acabavam ainda pior que a minha, um dia o tipo desaparece com todo o cobre: ele apenas me havia esvaziado a bolsa. Eu me deixara apanhar. Não fora feita para essas coisas, não encontrava nelas o menor deleite, eu havia sido feita para desfrutar da paz, e ia consegui-la. Forcei a consciência até sentir-me diante de um livro de Direito: as letras dançavam. E depois, para dizer a verdade, o Direito parecia-me uma pilhéria absurda, do mesmo modo que sua Psicologia. Tudo era uma pilhéria absurda. Heróica, decidi ir ao cinema do bairro, que sempre exhibe bons filmes, do gênero que Renaud, o Soberbo não pode suportar. É uma loucura como se pode negligenciar a própria cultura na companhia dele. E ele, se chegar durante minha ausência, isso lhe servirá de lição. Transporteime até aquele cenáculo num tapete de algodão, neve no solo e letargia em meu corpo. O importante era alcançar a meia-noite. Pois eu havia decidido deitar-me à meia-noite e aquela noite eu não iria procurar Renaud. "Vagina inútil"; esta última tirada fizera transbordar a taça onde tantas outras haviam deslizado. Com essas palavras Renaud me havia prostrado, anulado, aniquilado: por que diabo me acabar, então? Já não me sentia assim tão bem: em torno de 38 graus, no momento; coisa com que ele não se preocupava; era, pois, tempo de eu mesma pensar nisso.

Sentia-me muito distante dele. Ingeri dois comprimidos e escondi os tubos entre *L'Imaginaire* e *L'Etre et le Néant*, lugar onde Renaud jamais os procuraria.

Acordei às duas da tarde, sempre só, sempre alheia. Sentia-me completamente vazia. Que ande

sem destino, estupidamente, discutindo horas seguidas com aqueles rebotalhos diante dos quais evidentemente, não lhe era difícil sentir-se superior, com pouco esforço: "Você compreende, necessito de calor humano". Na verdade, que calor, senão aquele que se desprende da matéria em decomposição no fundo das lixeiras. . . cospe no amor, onde, todavia, encontraria melhor calor humano. Quer e ao mesmo tempo recusa calor, não sabe o que quer; sim, pretende dar-se ares de grande senhor: mas que universo gelado, lá em cima, meu caro. "Suas historiazinhas pessoais" — e você, quem é você? Afundei em novo desespero, totalmente informe, em que tudo se contradizia, e do qual não conseguia tirar qualquer conclusão lógica, Renaud passava da lama para o pináculo, calor e frio alternavam-se, e meu pensamento recusava-se a funcionar racionalmente, meu cérebro fabricava bolhas que estouravam uma após outra. .. Abominável soterramento. Ansiava por dormir e tomei mais um comprimido.

Dessa vez, despertei no meio da noite: fui idiota, nunca deveria ter tomado uma cápsula durante a tarde. Fui idiota desde o princípio, havia-me embebedado exatamente como uma imbecil. O que vinha a ser esse rompante de orgulho, após tantos meses de esforços para aboli-lo? Era preciso continuar, já que havia começado: não se deve mudar de caminho, ainda que o caminho seja mau. Você vai levantar-se e vai buscar Renaud, como de costume; ele a espera, é a hora exata, você bem sabe, ele está no fundo de seu abismo e se impacienta, você vai desgostá-lo. Buscar Renaud é meu quinhão neste mundo, meu pobre Gral pessoal, cheio de álcool e

de vinagre, cada um tem o Gral que merece, diria ele.

"É preciso não parar. Vou levantar-me." Dizia para mim, mas não me levantava. Alguma coisa me pregava à cama; meu próprio peso. Tornara-me muito pesada. É o sonífero, disse para mim. Durma um pouco. Mas eu não podia dormir. Enervava-me, revirava-me na cama. Obriguei-me a pôr os pés no chão, a levantar-me. Caí. Meus cabelos estavam empastados de suor, o rosto úmido — tomei minha temperatura: 39,2°. Fiquei prostrada na cama. Dessa vez, reconheci minha fraqueza. Ali estávamos. Arrastei-me até o telefone, trouxe-o para perto da cama e chamei Alex Duthot. Era preciso colocar a chave na porta. Agi muito lentamente.

O médico chegou quase no mesmo instante, examinou-me muito rapidamente, farejou a peça e perguntou-me se agora eu tomava éter. Disse-lhe que havia quebrado frascos. Perguntou que era feito de meu alcoólatra. Disse-lhe que estava passeando. Quando voltava? Não fazia a menor idéia. Ordenou-me apenas que ficasse tranqüila e saiu dizendo que voltaria.

Agora, eu não podia ir buscar Renaud. Porque uma vez eu não quisera, eis que eu já não podia. Se eu tivesse ido ontem, agora ele estaria aqui, não havia dúvida. Abandoná-lo, a despeito de mim mesma.

Coitada! Que ilusão. "Abandonar-me! Juro-lhe! O que é que você está pensando? Aqui, ou em outro lugar, com você ou sem você, dá no mesmo. Decididamente, você não pode, não serve para nada." Nada pude. Fiz companhia a você. Vi-o escorregar. Nada mais. Não soube. Fracassei.

De uma prolongada crise de lágrimas passei pa-

ra um torpor do qual saí pela madrugada. Estava só. Estava muito mal. Tentei levantar-me mais uma vez, sem consegui-lo. Tive um acesso de tosse, mas não houve sangue. Ardia-me o peito. Afinal, talvez eu tivesse uma bronquite, meus maus pulmões não afastavam a hipótese. Duthot não me dera nada para tomar, era esquisito. Estaria simplesmente furioso por ter sido arrancado da cama no meio da noite, para nada?

O telefone soou, tive uma louca esperança, porém Renaud jamais telefonava; não devia saber meu número; talvez nem mesmo soubesse telefonar. Era o médico. Perguntou se eu estava só. Muito bem. Desligou.

Sim. Estava só. Havia abandonado Renaud.

Ouvi darem a volta à chave, Duthot entrou no quarto sem sequer me dizer bom-dia.

— Peço-lhe desculpa por tê-lo incomodado esta noite.

— Na verdade, foi uma idéia bem interessante. Olhou para o termômetro, apalpou-me a fronte, fez-me tomar um sedativo sob seu olhar. Sentou-se à beira da cama.

— Onde está ele?

— Não sei.

— Foi-se de vez?

— Não... isto é, creio que não. . .

— Bem — disse ele. — Ele tem razão. Geneviève, minha filha, é preciso que você se prepare.

Tímida e quase envergonhada, Claude surgiu na porta do quarto; viera com Alex.

— O quê? O que é que há?

— Você tem que ir. A ambulância está chegando.

— É um complô!

— Pois é. Você está louca minha filha, e trata-a como tal. Não me escapará. Aliás, seria uma tolice. Você não pode escapar, não tem forças para isso.

— Suplico-lhe. .. dê-me um prazo. É impossível, quero esperar um pouco. Não posso ir agora. Seja como for, é necessário meu consentimento.

— De modo algum. Preparo-lhe um certificado de internamento, se for preciso, e meto-a na camisola.

— Você tem que ter uma autorização.

— Já tenho. Geneviève, não discuta. Deixei-a em paz enquanto supus que você estivesse em seu juízo; acabou-se. Diga a Claude onde estão suas coisas. Ela se encarregará disso. Ele tem uma chance de voltar enquanto a ambulância estiver aqui, terá apenas que pegá-la.

E por que voltaria ele agora e não antes, amanhã, ou nunca? Submeti-me.

— Estou muito mal?

— Sim. De qualquer maneira, você não pode fazer mais nada por ninguém, a não ser por você mesma, para dizer a verdade.

Alex é partidário da verdade para os doentes.

— Eu queria. .. dizer até logo... apenas isso.

— Faça uma carta. Curta.

— Para onde me levam?

— Para Assy.

Escrevi que me levavam com urgência para Assy. Que tomaria providências, caso ele voltasse. Que lamentava não lhe ter dito adeus. E não ter servido para nada. Geneviève.

A frieza de minha carta acabrunhou-me. Nada

mais me ocorria. Afinal, era uma carta a um homem que não me amava, que poderia eu ter-lhe dito? Procurei pensar num pós-escrito: amei-o muito. Ridículo. E inútil. Como o resto. Ao invés, introduzi, furtivamente, enquanto Claude não olhava, — quanto a Alex, era-me indiferente — um cheque ao portador para a passagem e a subsistência de alguns dias.

— Acabou? Vista-se depressa.

Não consegui manter-me de pé. Claude teve que me vestir.

— Hein, — disse Duthot — você está vendo?

Afinal, minha mãe, complemento indispensável do quadro, estampou sua silhueta enlutada na moldura da porta. Havia-na colocado sob seqüestro para os últimos momentos.

— Minha filhinha...

— Não fale com ela — cortou Alex, que conhecia, havia dez anos, sua habilidade em reanimar as pessoas.

Calou-se e limitou-se a olhares. Os olhos fizeram a volta do quarto, viram a sujeira, a desarrumação, as pontas de cigarro; o nariz farejou o cheiro, que devia ser abominável — eu já estava habituada — de meu desmantelamento geral. Balançou a cabeça e pôs-se a chorar silenciosamente, como se eu já estivesse morta e aquele fosse o momento de me colocarem no caixão. Claude fechou a valise. Ouvi a ambulância. Atordoei-me, falei de guarda-livros, de coisas que eu havia esquecido. Cuidaremos disso, disse minha mãe.

— Não! — gritei. — Se há algo a fazer, Claude se encarregará. Tome minha chave, Claude.

Minha mãe mordeu os lábios, que eram finos. O

enfermeiro entrou e me tomou nos braços, enrolada numa coberta. Madame Pia nos viu passar com um ar de comiseração, impregnado de "isso tinha que acabar assim, eu sempre achei..."

E então, Renaud aí está. Desta vez abandono-o; mas, de algum modo, com os pés juntos. Não lhe fiz bem nem mal, perdi-me para salvá-lo. Não permiti que você morresse: era preciso que você passasse por cima de meu cadáver para consegui-lo. Pois bem, você passou, sem nem mesmo vê-lo, inocente como de costume. Seguramente, não o amo menos. E então? Você não me prevenira de tudo? O *Blokkhaus*, as vítimas da irradiação "fatais para seus semelhantes, que o próprio amor, Geneviève, não protege". E, para certificar-se de que eu compreendia, você gritou: "OuvIU? Não protege!" Decididamente, meu querido, sempre compreendo com atraso o que você diz. "OuvIU?"

Sim, agora, ouvi, Renaud. O que me entedia, é que nos dirigimos para cemitérios diferentes.

SEGUNDA PARTE

I

Bastava-me ouvir a voz das enfermeiras para que eu soubesse onde me encontrava. Velho hábito. Elas nunca haviam sido tão meigas; e eu nunca estivera tão mal. Perfeito. Como não gosto de deixar desordem atrás de mim, aproveitei a energia que me restava para pedir minhas contas a meu tabelião. Havia gasto muito desde novembro. Renaud custava caro. Mas eu não gastaria mais, as contas estavam definitivamente encerradas. Fiz um testamento: deixava tudo para Claude Amyot, bem como a atribuição de realizar meus acariciados projetos; Claude ficava encarregada de fornecer uma quantia mensal ao Sr. Sarti, enquanto ele vivesse, o que, com os seus métodos, não se prolongaria muito; talvez acabasse mesmo conseguindo matar-se, sem que outra idiota se lhe atravessasse no caminho. Legava-lhe também o apartamento, onde ele tinha, se não recordações, pelo menos hábitos, e uma cama das suas dimensões. Caso encontrasse papai lá em cima — não estava absolutamente segura de que não — contar-lhe-ia que espécie de homem dormia em sua cama; talvez ele achasse engraçado. Não deixava nada para minha mãe, que estava amparada. É preciso que não vá tudo para as mesmas pessoas, eu tinha senso de justiça.

Tampouco deixava o que quer que fosse para a liga antialcóolica, cuja eficácia não me parecia clara. De resto, parecia-me vã qualquer luta contra uma aberração no fundo tão lógica e que o mundo bem merecia. O mundo, eu o odiava, não sentia a menor dor em deixá-lo. Esperava tranqüila, completamente pacificada, o fim dessa viagem inútil. Eu havia sido um bilhete em branco. Deitara-me inteiramente no prato da balança, sem que ele cedesse um milímetro: eu não era nada. Nada mais que uma vagina, em ambos os sentidos, e daí? As duas iam perecer juntas, após alguns sonhos abomináveis, e, como dizia Renaud, morra-se a primeiro de maio ou a 14 de julho, que diferença faz, já que, de qualquer maneira, nada vale nada?

Dizia para mim: Onde andaré ele? Que estará fazendo? Era mais para me proporcionar o prazer de pensar nele que por inquietação. Ele estava em qualquer lugar em cima da terra redonda e comportava-se como de costume.

Apesar de meus rogos, Claude não me dava notícias dele; sem dúvida, não ousava dizer-me sequer que ele nunca mais voltara... Céus!, eu fizera bem em cair doente, senão teria enlouquecido. Ao passo que agora tudo corria normalmente, era questão de tempo. Suportava passivamente os cuidados, a bondade com que me cercavam cheirava a abnegação, a doença constrangia-me mais do que me fazia sofrer: sofre-se quando se está dentro da vida, porque a dor no-la arranca, subtrai-lhe as forças. É a recusa que faz o mal maior. Eu não ligava. Eram apenas pequenos tédios, aborrecimentos dentro de minha grande preguiça.

Vinham visitar-me. Notei minha mãe, Claude, e até Pierre; a presença deste afligiu-me retrospectivamente. Seus traços, seus gestos eram marcados pela insignificância; decerto, eu não mais poderia, se, por falta de sorte, sobrevivesse, freqüentar esse gênero de pessoas: quem, então? Bom, tudo ia bem. Ele me suplicava que fizesse um esforço para viver. Dizia-me que me amava. Ah, ah. O que seria que ele chamava amor, quando Renaud, que não me amava, "amava-me" mil vezes melhor?! Eu refletia sobre o amor, sobre o que comumente se chama amor, sobre o não-amor que vale mais, sobre o que deve ser o amor quando é amor — quando digo que refletia, exagero. Entregava-me ao fluxo da idéia do amor. Refletir, eu já não refletia.

Contudo, encontrei forças para escrever a Renaud uma carta de despedida, que enderecei, fechada a Claude, para que lha remetesse; em anexo, uma lista dos postos de abastecimento do beberão.

Nessa carta eu falava do *blockhaus* japonês, creio que dessa vez eu o compreendera: que, não obstante, se tivesse compreendido imediatamente, talvez tivesse feito o mesmo. É possível que tivesse tomado um pouco de precaução com minha saúde, o que me teria feito ganhar algum tempo, porém um pouco mais, um pouco menos de tempo, para não progredir, o belo progresso, tudo estava bem. Confidenciei-lhe que, engraçado, tranqüilizava-me mais a idéia de ter que morrer que a de ter que viver. Felizmente, retiro-me. Você, meu pobre, você fica. Achará que não é justo que logo eu, que não estou perdida, esteja cada vez mais salva: era o cúmulo da sorte. Lastimava, amando-o, deixá-lo vivo. Agradecia-lhe ter-me feito gozar tão bem e, por assim dizer,

até o fim. Confidenciei-lhe, com ousadia, que aquilo era a única coisa que me restava, posto que em condições um tanto precárias, necessário era dizê-lo. Mas que sempre lhe era dedicada. Pedia-lhe que agradecesse a Mina a parte que lhe era devida.

Concluí: "À saúde!", e assinei, abominavelmente: "Tua linda vagina. Inutilmente tua".

Era uma carta ignóbil, desalinhavada até a incoerência; eu a havia escrito sob o delírio; escrevera a diversas vezes, mas sempre sob a ação do delírio.

Decididamente inspirada, mandei comprar e expedir uma caixa de *Black and White* para o Sr. Jean Renaud Sarti, a/c *Black-Out*, Rue Delambre. E que o barco corresse, eu podia partir.

Fui retida ainda um instante por meu maldito médico, cuja descompostura valeu-me um derradeiro lampejo: minha doença era mais mental que pulmonar, e eu não era um caso perdido, se bem que estivesse por um fio; era de Villejuif que eu precisava, se não tivesse dado um jeito de me manter na tangente, num ponto que me permitia escapar ao tratamento psiquiátrico de que realmente necessitava. Para ele eu era um fracasso humilhante e ridículo. Teria sido um sucesso em medicina psicossomática.

Sob o carão eu encontrava, e era a lógica a instância a morrer mais lentamente em mim, o sangue frio suficiente para garantir que não, que eu não teria sido um sucesso. Em Villejuif tratam de estados subjetivos, e eu não ouvira dizer que cuidassem ali de fatos objetivos, que me pudessem restituir um Sarti amoroso e sóbrio. Não me lembro do que ele respondeu, e voltei ao meu nevoeiro, suave apesar de tudo, perturbado apenas pelos soluços vagamente

percebidos de minha mãe, que era trazida por alguém. Chegara o momento, adeus, Renaud.

.....
"Filhinha, estou chateado. Sou contra a morte inútil, não quero sua morte." Oh!, aquela voz viva, viva entre mil. Renaud, o morto, mais vivo que os vivos — aí está, pois, o que ele tem, esse famoso Renaud, e eis porque eu o amava, não é preciso procurar mais longe. "E depois, era demais para mim que você nunca fosse me buscar — você não pode saber como eram tristes aquelas noites que jamais terminavam com o célebre número da Aparição do Anjo: as noites abortavam, desembocavam num vazio em que eu estava mais perdido que antes, se bem que antes eu estivesse perdido também. Ah, a primeira noite sem você!, como eu estava desorientado! Estou sempre desorientado, mas estava desorientado mesmo em minha desorientação. Entretanto, eu estava num lugar ideal, aonde você sempre vem, o *Black-Out*, e me sentia mais triste do que nunca, e disposto a lhe fazer uma cena terrível, que você não teria suportado. . . então, por meu turno, fiz a ronda dos botecos, procurando-a, procurando você à minha procura, e não a encontrei, estava louco de raiva de você, você era uma traidora, eu a odiava, era quase amor. . .

— Basta — disse uma voz dura, a voz de Madame Charron. — O senhor está cansando-a.

— No estado em que ela se encontra, que mal lhe pode fazer o cansaço?

— O senhor está louco. Venha. Saia daí.

— Não — disse ele tristemente. — Não estou louco nem sairei daqui.

— Vou chamar o médico.

— Por favor — disse Renaud, sem se mexer em sua cadeira.

Em sua cadeira. Madame Charron jamais figurava em meus delírios; à sua voz, eu abria os olhos, e meus olhos viam Renaud sentado numa cadeira, rente a mim. Renaud, em carne e osso.

— Esses patifes — disse ele. — Com suas precauções. Belo momento para precauções, quando não há mais nada a perder... Em suma, minha querida, tenho necessidade de você, você me proporcionou um anseio terrestre, um anseio humano. Uma amarra. Era tudo que lhe tinha a dizer. Acompanho o senhor — disse ele ao interno que surgia com Madame Charron e mais um enfermeiro. — Estou morando na vila, Geneviève, e sou seu. Por favor, não me deixe a ver navios.

— Renaud...

— Não fale. Sei de cor o que você tem a dizer. Até amanhã.

Beijou-me a mão e saiu, com dignidade, entre os guardas. Imediatamente, toquei a campainha chamando Madame Charron, a qual, ao surgir à porta, recebeu contra o rosto o relógio de cabeceira.

*

Madame Charron reconciliou-se comigo nos dias subseqüentes, verificando que eu não morria; depois, arranjou-se com o próprio Renaud, que se apresentava religiosamente no horário permitido; contudo, ela não tirava os olhos de cima dele, não nos deixando nunca completamente em paz; mas dava no mesmo: Renaud teria feito as mais íntimas

comunicações diante de uma assembléia geral, desde que julgasse necessário. Entendi-me com o médico. Mas, sobretudo depois da reaparição de Renaud foi que os tratamentos contra os quais eu me rebelava tornaram-se realmente eficazes. Não era nenhum milagre: fui curada pelos médicos, desde que me pus de acordo com eles. Quando a melhora foi constatada oficialmente, escrevi a Alex que uma cura por "fatos objetivos" estava em curso, com resultados notáveis.

Quando me anunciaram minha mãe, recusei-me a vê-la. Mandeí-a voltar. Teve que tomar seu trem, e a simples idéia de sua proximidade fez-me subir a temperatura. Fiz ver aos médicos que deviam desaconselhar-lhe, em meu interesse, qualquer outra visita.

Renaud havia esperado que eu recuperasse as forças para me narrar o melodrama que se desenrolara em Paris, durante minha ausência.

*

"Após tê-la esperado durante três noites..." assim é que ele expressava a coisa, sim. Realmente, não tinha medo de nada. "Acabei por me sentir inquieto e fui dar uma olhada na toca. Desde a entrada, fui sufocado por um medonho fedor de água sanitária e clorofila. Bem que gosto de clorofila, no campo; mas o interior das casas não é o seu lugar. Eu vinha de lugares que tinham um cheiro bom de aguardente, de fumo, de lavanda sintética e de éter sulfúrico. Cheguei após a desinfecção. Disse para mim: desta vez ela se saturou. Nem é preciso que eu diga: você não estava lá. Não ria, conto-lhe a coisa tal qual se passou, para um sujeito que não estava a

par dos acontecimentos. Olho por toda parte. Nada. Detalhes horríveis: a cama estava feita, sem lençóis; minha escova de dente encontrava-se sozinha no porta-escova. As persianas estavam fechadas e as poltronas cobertas por capas monstruosas.

— Capas?

— Capas. Cinzentas.

— Eles já me haviam enterrado!

— Eu não sabia de nada. Ao contrário, tudo indicava uma partida voluntária, e eu me dizia: desta vez, realmente, ela se saturou; é uma garota capaz disso: decisões impulsivas, sentimentais, com aparência de realidade. Transmito-lhe as impressões que tive na ocasião, agora elas estão caducas. Como quer que fosse, sentia-me despedido e, como não sou do tipo que insiste, peguei minha escova de dente, meu D. Quixote e me retirei. Você vai me desculpar por ter ficado com o casaco de lã, fazia um frio dos diabos.

— E meu bilhete? E meu cheque?

— Que bilhete?

— Cachorros. Miseráveis. Não entregaram!

— Foi aí que, de repente, me senti só. Já lhe expliquei, mas como você estava em seus azeites, vou recomçar. Com você, também me sentia só — entenda um décimo, se quiser, a verdade é sagrada, não desistirei dela: estava só, com você, como quando estou só, ou só com qualquer pessoa, enfim, só como sempre, só como a gente está só ao abrir os olhos. A gente está só porque todo mundo está consigo mesmo. A esse respeito você é típica, meu benzinho, você está terrivelmente com você mesma. É o que estou dizendo. Seu amor é, ainda, você. Então, por que idiota transferência psíquica eu me sentia "a-

inda mais" só sem você? Resposta: eu não era tão completo quanto pensava, havia contraído uma dependência, estava debilitado. Havia em mim também uma criança perdida. Eu era pouco orgulhoso; mas tenho por princípio ver os fatos antes de reagir. O fato é que eu sofria com o seu abandono; sofrimento que agravava a necessidade de álcool. Eu não tinha com quê — e você sabe que você me havia tornado abominavelmente alcoólatra...

— O quê! . . .

— Claro, meu anjo: antes, eu era limitado pela erva. Trabalhar para matar a sede, dava-me náuseas. Eu estava imprensado entre minha grande preguiça e minha sede. Com você, em compensação, era a abundância.

— Merda. Merda. Merda.

— Não interrompa o narrador. Minha necessidade de você era estimulada pela necessidade de beber, a tal ponto que, às vezes, eu mal distinguia uma da outra. Disso resultou, acompanhe meu raciocínio, um contágio de intoxicações, veja-se Pavlov, eu ouvia a sineta e sentia fome — eu tinha sede e procurava Geneviève, queria Geneviève e ia beber. Troço esquisito, bastante apaixonante, não fosse o lado doloroso. Era minha loucura, cheguei a fazer uma diligência humilhante junto à porteira. Esta olhou para mim com profunda repugnância, aliás eu estava sujo, informando que Mademoiselle Le Theil havia ido embora. Desci mais um degrau e perguntei para onde. A mulher não sabia. Confesso que senti uma dor. Ela esboçou um sorriso perverso, fez uma medida, e depois, Deus do Céu!, foi arrebatada pelo espírito de rancor e pela incapacidade de refrear a língua, e lançou-me no rosto, antes de bater a porta:

"De ambulância, senhor!" Isso me salvou, meu anjo. Você acredita? No mesmo instante, meu coração derreteu-se.

Acreditar nele... Deixou cair a cabeça no bordo da cama, enfiou-a na coberta, e vi-lhe a nuca estremecer. Jean Renaud chorava. Acariciei-lhe os cabelos. Não acreditava em meu coração.

Endireitou-se rápido, como se eu não devesse ter visto nada. — "Humana fraqueza — disse. — É preciso considerar que minha situação era particularmente aguda, que eu estava praticamente sem comer, que me encontrava em estado de carência. Você, pois, não havia ido embora deliberadamente, tinha sido obrigada; não era você o autor daquela abominável arrumação, destinada a me pôr em fuga. Outros haviam feito aquilo. Vi sua mãe chegar com três empregadas em armas, não havia sido preciso menos; aqueles traços lembravam o rosto que eu havia entrevisto; se eu tivesse conseguido o endereço dela, tê-la-ia submetido a torturas. Além disso, você estava doente — como vê, eu raciocinava. Talvez morta: as capas dos estofados. Se estivesse morta, seu assassino não estava longe; perambulava dentro de minha pele. Isso me chateava. Minha responsabilidade era evidente. Eu bem que tinha visto você tossir, as consultas médicas regulares, as radiografias, etc, e Mina me havia dito que você devia estar tísica. Mas, a meu ver, o fato de você estar tísica não queria dizer que você não fosse de maior idade, que não fizesse o que queria, você assumia os riscos, eu não tinha nada com isso. Escute aqui, minha jóia, pois o que você está vendo aí é o desenrolar do pensamento de um ser íntegro, coisa que eu já não sou; essa maneira de ver é a única correta, não me esqueço dela, se bem

que a tenha abandonado: ninguém é responsável por ninguém, eu tinha razão, e hoje estou errado. Mas a vida, bem, bem, a vida é feita de erros. Você morreria, com a razão; com a cretinice, você vive. É atroz, eu sei. Mas a vida é assim mesmo".

Esse relato me era feito aos pedaços, segundo minha capacidade de suportar. Renaud guardava longos silêncios contemplativos. Talvez ele também fizesse sua cura. Agora eu me demorava, por vezes, no terraço; entrava no período da *chaise longue*. Contemplava as montanhas, onde a neve recuava, dia a dia, com o avanço da primavera. Tinha Renaud a meu lado, calmo, pacificado, meditativo. Era o bastante. Eu não dispunha de uma energia considerável, essa felicidade era suficiente para minhas forças.

"Havíamos ficado no momento em que o sentimento da responsabilidade pessoal, sentimento abjeto que um verdadeiro homem não devia abrigar, mas recusar, em proveito da responsabilidade impessoal, que ele devia, esta sim, carregar em todos os momentos de sua vida, mas perco-me..."

Renaud perdia-se freqüentemente, de uma história particular desviava-se para o universal, voltava, tornava a desviar-se. Eu estava habituada, pois gostava de sua voz, podendo ele dizer o que bem entendesse sem jamais me aborrecer.

"... No momento em que o sentimento da responsabilidade pessoal penetrou em meu coração. Era inútil e estúpido que você morresse por um fantasma, o qual, por seu turno, já estava morto. Eu não merecia isso, objetivamente. Por mais orgulhoso que eu fosse, conhecia meus limites. Não havia querido isso, como dizem os generais. Tinha querido derru-

bá-la de barriga para baixo e não jogá-la na sepultura. De barriga para baixo, sim: o puritanismo liberal, pelo qual morremos lentamente, revolve-me as entranhas, causa-me vômitos, literalmente: ver uma garota com um traseiro tão bonito e uma doença tão feia puah! Seus *chemisiers* de gola branca, minha belezinha, eu quis abri-los até as profundezas, e as calcinhas-velas-brancas de sua alma mal lavada. Eu não a amava, nem sequer a desejava — salvo na medida, que é grande, em que desejo tudo aquilo com que se fornicava, sempre disposto — eu expulsava o demônio, era São Miguel Arcanjo, perseguia-o, ia perfurá-lo com minha espada aguda, como você sabe. Havia-me com um deles, só o largaria quando o tivesse posto para fora: a puritana desmascarada, a razão delirante — enfim, franca, ora vejam, proclamando a importância de seu traseiro, que em você tem primazia sobre o resto, não é?, você não concorda?

— Ahn...

— Hipócrita! O que você escondia sob suas golas brancas e seus cabelos presos! Você entre milhões, por certo, não era contra você que eu investia, você não é uma exceção, é a regra geral. Pois é isso o que eu odeio. Quando a coisa terminou, disse para mim: agarrei um! Como quando se tem piolhos: a gente sabe que não pode matar todos eles, mas fica contente de esmagar pelo menos um. Foi então que me senti vazio: não me restava nada. Pois, fique sabendo, o importante para mim não é o sexo. Não faça cara de espanto, trata-se de uma evidência. Se alguma coisa estava ausente de mim, essa coisa era a sexualidade, eu pouco estava ligando. O que importa na orgia é o Deus, não é o prazer, e o Deus também

está sempre ausente, mas eu me perco. . .

"Dizia eu que queria expulsar o demônio de você — e não matá-la com ele. Isso seria cretino. E essa necessidade, se você morresse, o que é que eu ia fazer com ela? Sentia-me perdido, perdido e responsável, em outras palavras, eu não era mais um homem, havia caído. Era minha queda. Até então, eu havia cuspidos nos bens deste mundo, era puro, estava no céu, um céu que não existe em parte alguma, mas eu estava nele, em contradição com tudo, mas não abria mão. E eis que eu soltava isso. Escorregava-me por entre os dedos o pedaço de paraíso; a espada trespassara-me o coração — desta vez ferira-me. Caí. Reconhecera minha culpa, meu pecado, meu tentador: o amor pessoal. A terra me vencera, o temporal me apanhara, agarrava-me, apertava-me as entranhas, puxava-me para baixo, despenquei em queda livre, do alto, de muito alto — você não sabe como eu estava alto — solto na queda, doente de receio, em pleno pânico, telefonei para todos os hospitais de Paris. Perdi o fôlego nas casas de saúde, elas são por demais numerosas. De suas amigas, só tinha o endereço de Marie-Agnès..."

— Ora vejamos...

".. Mas vocês não se viam mais. E a indicação de Claude Amyot, estudante de medicina. Punha-me a vagar naquele lugar melancólico, e o que pude ouvir ali, em matéria de cretinice. . . Encontrei-a ao cabo de duas semanas, e seu rosto assumiu uma expressão de espanto, que ela controlou prontamente. No recanto para onde a levei, soprei-lhe no rosto meu hálito empestado de álcool, o que logo lhe provocou uma náusea de bom tom, vou quebrar-lhe os ossos, disse-lhe, se você não me disser onde está mi-

nha mulher. Eu não devia ter-lhe feito medo, isso lhe deu coragem, eu havia despertado Joana D'Arc, Hachette, Bayard, Du Guesclin e Turenne, ela nos mediu com o olhar, a mim e a meu hálito, e nos declarou nobremente: faça o que quiser, mas não direi. Seguiu-se um filme de Fritz Lang: macilento, descarnado, os olhos ardendo de febre, a barba crescida, persegui essa moça que se cercava sempre de colegas virtuosas. Espreitei-a até encurralá-la, certa noite, quando voltava sozinha para casa; havia mudado meus métodos, apresentei-me suplicante, angélico, derrotado. Mas essa heroína da amizade não cedeu às minhas súplicas mais que às minhas ameaças: não esclareceu sequer se você estava viva ou morta; esses altos moralistas têm suas altas crueldades, é sua maneira de gozar. Aleguei que não comia há três dias e sugeri-lhe que me convidasse para tomar alguma coisa. Eu tinha um plano idiota, mas fui obrigado a levantar o bloqueio nessa ocasião: uma vez em casa dela, negociava sua virgindade contra o endereço; a raiva me teria fornecido a força, como acontece muitas vezes com os homens; em caso de recusa, arranjava-lhe um traumatismo sexual para o resto da vida. Ela me frustrou o intento com uma habilidade de santa: "Tome, meu velho", disse-me, abrindo a bolsa e entregando-me mil francos. Recebidos e estendi a mão: "Quando como, como no Lipp". Passou-me mais mil francos, com uma careta: aquilo lhe custava. "E deixe de importunar, acrescentou, pois já avisei a polícia, o que não será nada interessante para você." Era verdade: sem papéis, sem residência, sem meio de vida, tendo perdido você. Era um prazer ver como ela se sentia do lado bom, então desaparefusei-lhe a cabeça com dois cachações bem

mais fortes que as tapas com que eu costumava acariciar você.

"O golpe valia mais de dois mil francos, essa mulher é sovina. Contudo, aquela caridade não foi inútil: dirigi-me imediatamente para um lugar querido, do qual sentia saudade e de onde me afastara por causa da falta de dinheiro, pois trata-se de um lugar caro, refiro-me ao *Black-Out*, você está vendo que minha história chega ao fim. Ali me esperava, havia uma semana, uma caixa de uísque com um cartão de visita de Geneviève Le Theil e o carimbo do correio de Assy. Tomei o primeiro trem da manhã.

— Com quê? Você não tinha o suficiente!

— Vendi o uísque.

"Esta história está repleta de sutis conclusões morais: nela se vê como sua porteira, querendo abater-me, salva-me; como sua mãe, querendo separar-nos, nos une; como sua amiga, pagando para me extraviar, coloca-me em seu caminho. E como sua única ação diabólica para comigo transforma-se em benefício, *amém*. Pergunte a seu médico quando você pode sair e ter novamente um amante. Sou seu."

*

Mandeï interditar meu quarto a Claude Amyot assim como a minha mãe. Pretextei fadiga, o que era ao mesmo tempo menos ofensivo e mais inquietante. Sentia-me sedenta de vingança e fazia meus exercícios de crueldade. Essas mulheres deviam estar enlouquecidas. Supliquei a Alex que não fosse mais explícito do que eu, se queria agradar-me e, por conseguinte, ajudar minha cura; lançava mão de minha histeria como de uma chantagem, comecei a mano-

brar a partir do momento em que me capacitei do efeito que ela surtia. Aliás, esse homem inteligente disse-me que ele também estava furioso com as providências imbecis tomadas por minha mãe e que, se por acaso tivesse encontrado esse Sarti cambaleando pelas ruas, tê-lo-ia trazido para mim, pendurado pelo couro do pescoço. Felizmente meu médico tinha mania da medicina psicossomática.

Fiz uma carta a Mademoiselle Amyot: agradecia-lhe por haver fornecido meu endereço a Renaud Sarti; seus generosos dois mil francos haviam-me salvo a vida; uma pena para ela, pois fizera dela minha legatária, e eis que o testamento estava caduco. As crianças infelizes que se arranjassem: tendo em vista o quanto ela entendia de relações humanas, convencera-me de que os pequerruchos estavam em melhor situação, cobertos de manchas arroxeadas, do que nas mãos de uma mulher que não gozava.

Dando-me por contente com redigir a carta, não a enviei; o silêncio e a dúvida satisfaziam-me mais. Deixei suas cartas sem resposta; ela enlouquecia, estava em maus lençóis, dizia-me, desta vez sem mentir, que não conseguia encontrar Renaud: com minha carta de agonizante em punho ("Agradeço-lhe ter-me feito gozar", era delicado imaginar aquele envelope entre os dedos de uma virgem), fazia ela conscienciosamente a ronda dos lugares de libertinagem, vestindo *chemisiers* ainda mais brancos que os meus e que, esclarecia Renaud, continham apenas tesouros limitados. "Ela tem os seios escassos e as coxas áridas." Abominável, eu mandava que Renaud me lesse suas cartas. Inspirado, ele endereçou cartas aos frequentadores habituais de seus lugares prediletos, recomendando-lhes especialmente uma jovem assim e

assim, com uma gola branca e um ar de pureza, que iria procurá-lo. Coco foi genial: arrastou-a para uma sala, nos fundos, a pretexto de confiar-lhe uma informação sobre Renaud Sarti, e, dando-lhe o endereço de um local de encontros clandestinos, ali mesmo em presença dela aplicou-se uma injeção com toda a naturalidade. Nossa Mina fez-lhe uma corte obscena, seguida de uma cena licenciosa, em público, à maneira das prostitutas, e mandou-a procurar Renaud no hospício. Paluche, biscateiro no mercado de Halles, fingindo conduzi-la até Renaud, tentou violentá-la numa entrada de edifício, junto à lixeira, e depois, declarando que ela não o excitava bastante, deixou-a escapulir, as nádegas cheias de sementes de melão. Ela não ousava contar-me nada disso, mas acreditava-se firme no *millieu*.

Esse divertimento intelectual preencheu o restante de meu tempo, Renaud ficava; preferia: que teria feito mais em Paris? Tinha medo de perder-se; num lugarejo, corria menor risco. Encarregava-me das despesas de bar. Com que passaria ele seu tempo? Assy não é nenhum deserto, reina aí uma febre especial, e eu podia imaginar como ele ocupava suas noites. Pensava nisso o menos possível, Renaud não tocava no assunto, era angélico, estava ali apenas por minha causa, e o resto, afinal, era apenas um exutório. Entretanto, eu recuperava a sensualidade ao mesmo tempo que a vida, é natural, e Renaud, manômetro instintivo, tornava-se menos prudente em suas investidas à medida que eu me mostrava capaz de suportá-las. Recomeçava a olhar para meu busto que, com isso, eriçava-se. Decididamente, eu estava melhor. E aquele monstro sistemático — que faria ele para ser sistemático na febre? — consultava meu

boletim de temperatura, ao chegar, para ver até onde podia ir. "É engraçado", dizia ele, "quanto mais você desce, mais eu subo." Eu tinha todas as razões para não duvidar. "Nessa desordem, há um fato objetivo: você é excitante; mesmo sem demônio; tornou-se tão fornicável quanto uma prostituta." Tais declarações só podiam levantar-me o moral. Lá se ia ele, velas enfundadas, ao encontro de quê?, e deixava-me entregue ao horror das compensações solitárias, que me davam vergonha.

— Acho que seria melhor sair agora — disse eu, por fim. — Enervo-me. . . inutilmente. . .

— Oh!, sim — disse ele. — A caminho, sem perda de tempo. É preciso que eu durma com você. Já é tempo.

Obtive alta. O médico falou com Renaud, que me deu conta dos prudentes conselhos que havia recebido. Duvidei que os seguisse. Mais ele me surpreendeu: de onde esse bruto tirava aquelas reservas de brandura, aquela indiferença, tanto altruísmo? Vivi algum tempo no povoado, numa tal felicidade, que me encontrava quase sempre na iminência das lágrimas. Renaud parecia resignado à vida tranqüila; bebia quase continuamente, calmo, em seu canto. Satisfazia conjuntamente sua necessidade de beber e a outra, que me havia confessado, de minha presença. Cuidava de mim. Não esquecia de nada, fazia com que eu me recolhesse logo que chegava o frescor da noite, trazia uma coberta e, sem me perguntar nunca como eu ia, sabia em que ponto eu estava. Em Paris, fazia as compras e procurava táxi para mim; foi ele quem contratou uma arrumadeira; era ele quem atendia o telefone. "Você me permite?", perguntava, cada vez. Se eu permitia! Que segredos po-

deria eu ter para ele? Eu esperava, ao contrário, o momento em que meus assassinos, informados de que eu havia deixado o sanatório, e não de pés juntos, empreendessem novo trabalho de salvamento. Primeiro foi minha mãe.

"Não, minha senhora, ela não está aqui. Não sei, minha senhora. Não, não me consta. Mas a senhora sabe muito bem que estou sem notícias desde fevereiro. Talvez tenha morrido. Não? Experimente a posta-restante. Perfeitamente. . . moro aqui. . . claro que estou autorizado. Por quem? Pela lei do mais forte, e se a senhora quiser experimentar, dou-lhe um pontapé no traseiro. É isso mesmo, meus respeitos, minha senhora." Desligou. "Ela me chamou de rufião. Não é exato, não mando você fazer o *trottoir*. Aliás, a faculdade proíbe."

Quando chegou a vez de Claude, pus o ouvido no receptor.

— Geneviève está aí, não é?

— Quem está no aparelho?

— Claude Amyot. Geneviève...

— Aqui é Sarti, bom dia, como vai?

— Não estou para brincadeiras. Passe o fone para Geneviève.

— Mas ela não está aqui.

— Onde está ela?

— Ora, você sabe melhor do que eu.

— Ela saiu do sanatório, tenho certeza de que está aí.

— Sanatório? Que sanatório? Ela estava no sanatório? Você não me disse isso, quando lhe perguntei.

— Para que você acabasse com ela?, muito

brigada. Você já fez bastante, foi você quem a mandou para lá. Por favor, diga-me onde está ela.

— Vá à merda, putinha safada — disse Renaud, com calma. — Trate de arranjar alguém que lhe arranque esses tampos.

— Sua vulgaridade não me perturba. Pela última vez, passe o fone para Geneviève, que está aí, eu sei, viram-na chegar.

— Ora, minha querida amiga, se ela estivesse aqui, há muito teria corrido para o aparelho, a fim de atender sua melhor amiga. Geneviève, sua melhor amiga ao aparelho! Venha falar com ela. Não vem. Logo, não está aqui. Silogismo impecável.

— Lavo minhas mãos.

— Pois é, já que não lava o rabo, e não esqueça: se puser o pé aqui, violo-a na entrada.

Ela o chamou de sujo, prometeu avisar a polícia, "outra vez", disse Renaud, e desligou.

— Boa idéia — disse eu. — Está certa de que eu não estou aqui. Que você fale diante de mim em violá-la, está além de sua compreensão.

— Mas é verdade, meu bem, que eu a violo e na entrada, e diante de você, e por cima da compreensão dela. E a maneira pela qual farei a coisa não deixará você com ciúme. Agarro-a com traumatismo e tudo, estou dizendo!

— Até parece que você tem vontade. . .

— Um homem com raiva, minha gatinha, lança mão de sua melhor arma, e minha arma está aqui: grande como um elefante, suave como uma borboleta, escorregadia como um peixe, e sempre pronta para ser usada, merda, eu não devia falar nisso. Pelo menos depois do almoço. Não sou homem para mulheres doentes do pulmão, sou a reencarnação do

grande Pã, isso me deixa bloqueado, Geneviève, vá comprar fósforo na tabacaria da esquina.

— Mas fósforo é o que não falta nesta casa.

— E ela se despe. Que fazer?

— No ponto em que estamos, não fazer era ainda mais prejudicial para mim. . .

— Isso é uma chantagem. O que devíamos fazer — disse ele, desafivelando o cinto — era não pensar nisso. Mas como? Comprar histórias em quadrinhos. Não basta. A Bíblia. Excitante como o diabo. São Paulo, talvez? Fala da carne o tempo todo, é um patife recalçado. Só vejo Heidegger. E, mais uma vez, estou lhe dizendo: não sou homem para você, serei sua desgraça, no final de contas.

— Tanto pior — disse eu.

— É verdade. Sou sua perdição ou você é a minha. Assim é o amor humano. Não podemos nos salvar juntos, eis a verdade. Esperando, goze enquanto é jovem, entregue o corpo à alegria durante os dias de sua juventude, antes que o pó volte à terra e o espírito a Deus, pois tudo é vaidade.

Apertou-me até a sufocação.

— Tentemos — disse ele — esquecer.

II

Ele tinha, pois, seus limites. Diante da morte, detivera-se. Não tão forte assim, como dizia. Eu recuperava o fôlego. E ele náufrago que descobriu no meio do mar uma tábua podre, que ele sabe podre, mas mesmo assim se lhe agarra, iludindo-se propositadamente a respeito de sua solidez: agarrava-se a meus micróbios. Micróbios salvadores: mas eu não tinha mãos a medir.

— Ponha um agasalho. Não quero vê-la em pêlo um minuto mais que o necessário. Sou sua perdição, não há dúvida, mas ganhemos tempo.

Renaud enfermeiro. Incrível.

— Recebi toda sorte de recomendações. Todos os dias, não. Durante a tarde, também não. Nada de filhos. Quando um de seus malditos médicos dá comigo, põe-se a tremer. Duthot odeia-me: foge de mim como de um assassino. O que eu não deixo de ser.

Evidentemente, não era verdade. A simpatia de meu médico por meu assassino saltava aos olhos. Ele se submetia ao seu fascínio e, além disso, ao interesse do caso. Nossa associação capenga, em que a psicologia e a fisiologia interferiam, ora para melhor, ora para pior, excitava um lado charlatão que a prática ainda não fizera desaparecer: em que dará esse negócio?, era evidente que ele se fazia essa pergunta, ou: quem vai salvar quem, quem vai matar quem?

Eu sentia que ele estava pronto para cair em cima a qualquer ocasião em que as luzes das ciências exatas fossem requeridas. Acompanhava-nos com o microscópio, salvando de passagem alguns móveis, restringindo os estragos, concentrando o combate por partes, porém seguindo sempre uma linha bem definida; sem nada dizer, veladamente e sob pretextos diversos, procurava um tipo de vida para Renaud, um clima, um ambiente, uma ocupação, quem sabe. O método de recuperação pela marcenaria muitas vezes revelara-se eficaz em cabeças obstinadas; devagar, Alex procurava uma marcenaria para uso da de Renaud, além do mais astuciosa. Pouco a pouco introduzia-nos em seu círculo de amigos, e nossas relações tornavam-se mais estreitas; desse modo, ele nos tinha a seu alcance.

Alex era cunhado do editor De Royer, conhecido pelo ecletismo de suas coleções e de seus hábitos. Exercia sua clínica na Rue de Verneuil e, por um concurso de circunstâncias, cuidava da *intelligentzia* desse bairro "outrora palustre, hoje em dia etílico". Seu amigo, o psicanalista B. . ., e ele próprio, que, diante do caráter específico dos males de que se queixavam as pessoas daquele lado do Sena, fizera-se psicossomatista, partilhavam entre si os resíduos eliminados pelas superabundantes proliferações espirituais do lugar. Vários gênios "que deveriam ter apodrecido em algum manicômio deviam a B. . . o fato de atualmente terem mulher e filhos para alimentar, e a capacidade de fazê-lo", dizia Renaud.

— Ah! é o senhor quem aborta os Rimbauds? Tem razão, já não há necessidade de Rimbauds.

— Você é um deles? — perguntou B. . ., que não se ia deixar intimidar por um intelectual.

— Sim — disse Renaud, com simplicidade. — Mas não se excite. Já me abortei a mim mesmo. "Peço que me deixem, — declamou — costumeira lepra sensitiva, aconteça o que acontecer — deixem-me sofrer, se quiserem, mas deixem-me acordado. .."

— É seu? — disse Royer.

— Não. De um poeta, de verdade.

— Onde está ele?

— Morto.

— De quê?

— De cansaço.

Renaud possuía o dom de se fazer ouvir por toda uma assembléia. Eu é que não me surpreendia com isso, tendo passado vários meses pendente de seus lábios. Ele sabia silenciar um grupo barulhento e deixava tombar no silêncio frases definitivas. "Ele bem que gosta disso, murmurou Alex, sarcástico, não é tão largado quanto pretende. Deve ter, escondida bem no fundo, uma vontade de poder." Alex, demoníaco, procurava a falha na couraça.

Por ser encontrado nos meios literários, dissertando e virando o copo soberbamente, todo mundo de pronto tomava-o por um escritor. Tinha ele uma maneira de desmentir que ainda adensava mais o mistério. A limalha hipersensível do mulherio caía direito em cima e perguntava-lhe "o que era que ele escrevia". Não escrevia nada. Você não é editado por Royer? "Sou um autor que não escreve." Isso deixava-as atônitas. Seus ares de quem paira nas alturas, sua eloqüência, o favor das mulheres, tudo isso conferia-lhe uma reputação que não era fundamentada por qualquer referência visível, ao que se ajuntava o rumor ditirâmico de um amigo de juventude, encontrado no burburinho, porém nadando melhor do

que ele. Bertil Clement havia publicado dois livros; li essas narrativas puras e sutis, repletas de amor, mas desprovidas de cama, e Renaud me revelou depois que as personagens batizadas com nomes femininos eram na verdade rapazinhos. Eu era ingênua: quando, ao reencontrar Renaud, Clement atirara-se-lhe nos braços, em arroubos apaixonados, "que linda amizade", dissera comigo.

— Onde estive escondido todos estes anos, na Trapa? — E, virando-se para os convivas: — O grande amor de minha juventude, sabem?

Tranqüilamente, Renaud havia pousado a mão na nuca do pegureiro e dizia-lhe que, de fato, estivera na Trapa, ou melhor, numa trapalhada.

— Mas agora que saiu, felizmente, que está fazendo?

— Nada.

— Nada?

— Nada.

Clement calou-se, desconcertado, com ar de criança decepcionada, e olhou para mim, sem malquerença, devo dizer.

— Não acredito. Jean Renaud aos vinte anos era um sol. Irradiava.. Esperávamos que deslumbrasse o mundo ou enlouquecesse. Não me diga que não fez nem uma coisa nem outra, não acredito.

— Alguém passou adiante de mim para deslumbrar o mundo — disse Renaud. — Nada mais tenho a fazer.

— Não, não é verdade. A gente teria ouvido falar. Quem?

— Tibbets.

Ninguém perguntou quem era esse fabuloso Tibbets. Todos deviam sabê-lo e, mais uma vez, eu

sentia minha nulidade literária, que a leitura assídua de revistas não conseguia corrigir; ao passo que Renaud, que nunca lia nada a sério, brilhava em toda parte com uma erudição de fonte das mais misteriosas, repleta de nomes, desconhecidos para mim, de poetas dos quais, de resto, ele escarnecia, sem o pejo que lhe deveria vir do fato de nada possuir de seu para lhes contrapor.

— Tibbets ou não, é uma sujeira que você não escreva mais.

Renaud não achara bom confiar-me que alguma vez o tivesse feito.

— Eu tinha certeza! — disse Simone de Royer, tocada por uma intuição tanto mais viva quanto procurava agradar Renaud, e talvez mesmo o conseguisse. — E tampouco ele me havia dito.

— Ele escrevia o quê? — disse Royer, com instantâneo faro profissional.

— Troços sensacionais. Retumbantes.

— Em que gênero?

— Em todos.

— Admiro sua amizade mais que sua exatidão, meu caro. Talvez Renaud nos pudesse dizer algo mais, ao invés de comportar-se ostensivamente como quem nada tem a ver com isso.

— Não tenho nada a ver com isso.

— Ele nunca está no sério, Geneviève?

— Jamais deixei de estar, nem por um segundo.

— Onde estão esses textos famosos?

— Na privada — disse Renaud. — Às vezes a gente se vê num aperto.

— É um escândalo — disse Clement. — Você não tem o direito. Essas obras não lhe pertencem.

— De acordo, minha lontra — disse Renaud.

— A quem pertencem? O dono não foi encontrado. Aliás, nunca pude me reler. Enfim, escrevi, em seguida, um romance definitivo, que anula tudo.

— Traga — disse Royer. — Pago consultores para isso.

— É de uma chatice de morte.

— É o que agrada — disse Royer. — Você é o tipo do animal para ser lançado. Estou farto de ver as grandes personalidades, que convido por causa de meus potros, darem as costas para eles em proveito de um elemento improdutivo, sobre cujas divagações não percebo qualquer direito de posse. Todo mundo me pergunta: Quem é aquele grandalhão lá no canto? Tenho que responder: Um amigo. É idiota. Um a quem o apresentei ainda agora, disse logo: "Jean Renaud Sarti, esse nome me diz alguma coisa, o que é que ele faz?" É um sintoma da trovoada. E era um acadêmico. Um Goncourt. Poderemos lançá-lo até na poesia, se for preciso!

— Não tenho mais oito anos, cavalheiro — protestou Renaud, dignamente.

— Pois bem, escreva prosa.

— Não tenho nada a dizer.

— Perfeito: nada vai tão bem quanto o romance vazio.

— Escrevo como um porcalhão.

— Temos funcionários para reescrever.

— Minha grafia é ilegível, tenho reumatismo num braço e não consigo firmar a pena.

— Compre um ditafone! — urrou Royer, — pois falar, isso você sabe!

— E depois, o que é que eu vou escrever?

— Quer que eu dite?

— É de uma faceirice — disse Alex. — No fundo, é uma verdadeira cocote.

— Adoro que me lambam as botas — declarou Renaud. — Quando penso nesses pobres diabos que andam de porta em porta com seus originais debaixo do braço e que pagam aos editores para serem publicados, acho minha situação divertida. Gozo por não ter manuscritos.

— Veja como está feliz — soprou Alex.

De fato, Renaud divertia-se como podia no papel de gênio estéril e, no arame das elucubrações que não eram sustentadas por nenhuma obra, executava sem rede números de funâmbulo.

— Tenho vontade de ler esse romance definitivo — disse Simone com um sorriso-pernas-abertas; e, pensava eu, afinal era preferível ser enganada com as prostitutas de San Martin.

— Se uma mulher pede, então é diferente — disse Renaud. — Já não se trata de literatura, isso é o menos.

Juro. Quando, em casa, vi Renaud abrir, sem chave (será que eu havia sido tão louca de desajeitada na noite em que não o conseguira?) a famosa pasta, tive raiva que fosse para outra que não eu.

— Será que eu poderia ler também, apesar de não ser Simone de Royer?

Retirou uma folha.

— Putinha safada — disse-me sorrindo. — Você está sempre um pouco por fora do assunto. Venha cá. Venha pagar a multa prevista pela legislação em vigor (quanto em vigor você pode ver) pelo delito de ciúme com cena. Aqui, mais perto. E de joelho; de quatro, não. Assim. E trate de conseguir o perdão.

Enquanto isso, vou ler o romance para você, assim não se perde nem um minuto.

"No dia 6 de agosto de 1945, às 8,17 da manhã, fazia um sol magnífico em Honolulu. Graham van Catin, em férias, lavava os pés em sua piscina enquanto lia as novidades petroleiras no suplemento financeiro do Superman; em Douglas, uma camponesa felizarda acabava de dar à luz tri-gêmeos, e o pai dos três pequeninos condenados chorava de alegria pensando no abono; em Londres, outro condenado à morte esperava sem pregar olhos a madrugada de seu enforcamento; em Kayamayaana, casavam uma menina de nove anos com seu avô, segundo o costume, para perpetuar a raça; em Paris, alguém dizia a alguém: "Eu te amo", e eu me dirigia alegremente a minha reunião de célula. Com a mão na maçaneta, contemplei o céu; havia estrelas, pois estávamos em agosto; uma, até mesmo, apagou-se-me bem na cara. Não tive tempo de fazer um pedido. Aliás, que pedido? Eu era um homem que se encarregava, pessoalmente, de seu destino e ainda por cima do destino do mundo ou do universo, como queiram, e eu era monista. Entretanto, eu não apoiava a mão numa maçaneta que abria para os amanhãs que cantam; de repente, eu não ouvia cantar nenhum amanhã, os amanhãs haviam-se calado, e uma força que não era, juro, Mac Carthy, imobilizava meu braço direito. Era o primeiro acesso do reumatismo

que devia me levar. Levou-me, para começar, ao boteco mais próximo, onde pedi um *pastis*. Era o meu primeiro. Seguiu-se outro, depois cem, cem mil outros, e aqui estou, Senhor. .."

— Boneca, parece-me que você não presta atenção no que faz.

— Como é que você quer — ousei dizer — que eu cante e assobie ao mesmo tempo?

— Essa expressão merece uma comutação da pena em esquartejamento.

— E a continuação?

— Que continuação?

— Do romance. Estou em suspenso.

— Eu também, meu anjo, estou em suspenso.

— Mas você parou em "aqui estou, Senhor!"

— E então? Aqui estou.

*

André de Royer virou a folha.

— E a continuação?

— Não há continuação alguma. Depois disso, você pode me dizer que diabo poderia acontecer?

— Você é um pândego.

— Sou apenas um charlatão — disse ele — e consciente de meu anacronismo. Sirva-me mais um pouco de veneno adaptativo. Não sabe quanto é duro viver entre vocês, para um homem de minha época. Bebo unicamente porque não posso matar todo mundo, aí está o célebre segredo que levarei para o túmulo.

Aqui ele já não era o bebereão clandestino e crapuloso, mas um alcoólatra oficial e distinto; pode-

ria ter mandado imprimir em seus cartões de visita: "Jean Renaud Sarti, alcoólatra.", se tivesse cartões de visita. Simples mudança de escalão: eu havia pensado que seu vício causaria escândalo entre pessoas bem educadas; ao contrário, era de bom tom. Pouco a pouco, dei-me conta de que todos estavam atingidos pelo vício, em graus diversos, e que Renaud, muito ao contrário, figurava como campeão, aureolado do prestígio de quem está mais avançado que os outros. Aqui não se distinguia muito bem se avançado para cima ou para baixo; saber-se-ia, de fato, onde era em cima e onde era embaixo? E depois, não eram eles que lhe seguravam a cabeça, quando ele precisava, ao voltar para casa, eles tinham apenas o lado brilhante, e com certeza os cartazes do metrô não eram para aquela gente. Até mesmo a mim não me acontecia ser arrastada a virar alguns daqueles copos elegantes, nos quais eu teria cuspidos, no mercado de Halles? Não era a mesma coisa; eu necessitava daquilo para não dezoar; senão, eu daria parte de tola e desonraria o Sr. Sarti. Aquilo me dava a triste coragem de ouvir os homens que me faziam a corte — isto é, que tentavam ir para a cama comigo, — enquanto Renaud a fazia às mulheres, escandalosamente, segundo o costume do ambiente; o álcool anesthesiava um pouco a dor insuportável que causava aquele espetáculo, todavia tão banal, na opinião dos outros; eu bebia levada pelas circunstâncias, senão como o Sr. Sarti, por "necessidade interna". O pesadelo havia mudado de bairro, eu adotava métodos novos a fim de me integrar naquilo menos custosamente; a coisa assumia cores menos sórdidas, menos sombrias: não era mais inverno, não eram mais as ruas e sim os salões bem iluminados, ou

mesmo casas de campo muito bonitas; não mais os botecos, e sim as *caves*; era um pesadelo de luxo, cintilante, espumante, em trajes de seda; havíamos evoluído do baixo meretrício em San Martin para a benevolência das recepções íntimas. Minha escolha era a da lebre, entre o guisado e o refogado: o refogado é mais interessante. A própria besta ataviara-se, eu me havia engalanado; divertimentos episódicos me eram proporcionados pelas figuras secundárias, enquanto a principal estava ocupada e, se eu os recusava, a culpa era minha. Ninguém me impedia de divertir-me com André de Royer, por exemplo, um belo homem, e muito disposto a me distrair, enquanto Renaud distraía sua mulher: um falar direto muito bem instruído por Renaud e que o uísque tornava mais fluente, permitia que se deduzissem prazeres quádruplos de meu eventual consentimento. Mas eu não ia além do gracejo. Não podia. Só posso entregar-me a um homem por amor, esse ato não é uma distração. Suportava o ridículo de ser a mulher de um só homem, ainda que ele me fosse infiel e devessem considerar-me uma tola: não via como ele me enganasse menos, tivesse eu feito outro tanto. "Você parece que tem o erotismo dos puritanos", dizia-me Renaud. Tanto pior para minha reputação. No fundo do coração, eu desprezava aquela libertinagem, sabia-a vã e decepcionante: o próprio Renaud. que levava dela? Esquecia no dia seguinte os idílios de corredor: como se teria lembrado do resto, quando esquecia a si mesmo todas as noites, ao adormecer? Era a mim que ele incumbia de ir buscá-lo pela manhã, quase recolhê-lo do ventre materno, cortar o cordão umbilical da noite e sacudi-lo para arrancar-lhe o primeiro vagido, grito de dor semelhante ao

vagido original, salvo que, a essa altura, ele já havia aprendido a dizer "merda".

O despertar de Renaud!; agora, eu já estava habituada. Abre um olho, apenas um, a princípio, por prudência — depois, horrorizado, torna a fechá-lo, para em seguida enroscar-se, resmungando, em sua matriz, o lençol cobrindo o rosto. Inútil insistir. Diz merda e mergulha mais fundo.

Paciência!, chega o momento em que o sono se farta e ele é expulso da mãe-noite; geme, agarra-se, os membros enervam-se. Vou preparar-lhe o café — o meu, já o tomei há horas; a arrumadeira, que não dispõe de outro momento, já veio e já se foi. Segundo episódio: chego com a bandeja, sou agarrada e atirada novamente na cama; ou então é a garrafa que é agarrada; antes, ele não vive, esta é a escala indispensável entre a paz do nada e o horror do dia. Bebido o primeiro gole, empertigado como um demônio, ainda inchado mas já de olho vivo, reclama seu café, que já esfriou. O dia começa, o primeiro da criação, como os precedentes; ignora tudo a respeito do dia; coloco-o diante dele, ao mesmo tempo que a bandeja com o café requentado, passo para trás o dia anterior, restabeleço para ele a continuidade. — Você tem um encontro com Clement, ao meio-dia. — Meio-dia? Que hora horrível! Por que você marcou um encontro tão cedo? — Foi você quem marcou. — Ah!, bom, não irei. — Ele tem que apresentá-lo a Naudin, que deve lhe oferecer a coluna de notas de leitura em sua revista. — Quem? — Yves Naudin, você sabe. Não, ele não sabe, não sabe de nada, o pior é que não está representando. "Eu disse que ia fazer notas de leitura? Mas se eu nunca leio!" Não, ele não sabe quem é quem, que compromissos idiotas

pode ter assumido um Renaud Sarti de ontem e que o de hoje pouco se preocupa em honrar. Quanto às mulheres com as quais foi para a cama, nem sob tortura reconheceria os filhos que por ventura lhes tivesse feito. Não necessito preocupar-me com elas.

Comigo, é diferente, estou sempre ali, sou eu quem é encontrada ao amanhecer e comigo é que começa o novo dia: como seria possível esquecer-me?

Esse sistema do plantão tornou possível que ele, sem resistência, partisse em férias comigo: certa manhã, deparou com as malas feitas, seus pertences arrumados, o carro na porta. Para onde vamos? Para a Suíça. Acompanhou-me à Suíça. Ter-me-ia acompanhado à China, desde que se tratasse apenas de acompanhar.

Por mim, teria preferido a Riviera, para onde iam todos, mas Alex permitia-me a Suíça, o norte da Itália e depois o interior da Provença, se eu estivesse suficientemente repousada.

*

Ascona ter-me-ia parecido encantadora e o lago admirável se eu tivesse podido dividir com Renaud um mínimo de meus deslumbramentos. Em férias, ele era um problema permanente: detestava o *bridge* e não distinguia os ouros das copas, por causa, alegava, de sua miopia; o contato de um remo repugnava-lhe, bem como o de uma raquete e, em geral, de todo objeto de uso esportivo; não queria ir ao lago, pois "os lagos exercem atração"; nem à montanha, pois "os caminhos sobem". De qualquer maneira, andar era-lhe cansativo, e, de automóvel, ele achava que tudo era parecido. Ficava, pois, no quarto. Saía à

noite, quando já não se enxergava, e descansávamos, num bar, das fadigas do dia.

Nada mais que um desesperado tédio infundiu-lhe o desejo de seduzir uma mulher, que usava vestido de musselina branca e uma maquilagem de morta, que não devia ultrapassar de muito os sessenta e que morava em nosso hotel; quando soube que se tratava de uma poetisa, não se conteve mais; quis ouvir versos; desenrolaram-se cenas terríveis, no curso das quais Renaud, sentado em puffes, escutava, abismado, os trechos em que o amor se entrelaçava com a Botânica no perfume de íris do qual a autora, para completar, estava impregnada. O idílio acabou em escândalo anti-suíço, tendo-se o monstro introduzido, durante a noite, no quarto da sexagenária, com aparente desígnio de violá-la, pelo menos foi o que ela acreditou e o que ele deixou que ela acreditasse, mas tocando, por inadvertência, a campainha do copeiro, da arrumadeira e do moço de mandados, tudo ao mesmo tempo. Depois disso, tivemos que partir como réprobos, sob o opróbrio geral, que era como um favo de mel para Renaud: havia escandalizado a Suíça; ele contraíra ali um ódio enraizado, uma angina, um reumatismo e, incompreensivelmente, frieiras. Comprou dois relógios, "para homenagear o país". Um em cada pulso, e acertados conjuntamente no momento da partida, daí por diante não marcaram jamais a mesma hora: havia vencido até mesmo a relojoaria deles.

Experimentamos viajar; Renaud confirmou sua insensibilidade à natureza, e achava excelente o expediente italiano de ocultá-la, ao longo das autoestradas, "com maravilhosos painéis de anúncios que

lembravam ao homem, a todo instante, que ele estava num mundo de queijos e chapéus". Florença, entretanto, reteve-o por vários dias. Não por causa de seus tesouros de arte: dessa vez ele se apaixonara por uma juvenzinha impúbere que vendia sorvete nas cercanias do Palazzo Vecchio. O temor à lei não lhe permitiu levar além do sorriso equívoco uma empresa que aos demais parecia embaraçosa, mas à qual ele se entregava sob meus olhares sem a menor hipocrisia. A criança era bela, sem dúvida, e não o seria tanto, passado algum tempo; e, como dizia Renaud, "agora é que preciso pegá-la". Mas o pai, no expresso, e a mãe, na caixa registradora, estavam vigilantes, apesar da evidente disposição da filha. "Nunca tive uma menina-ta", suspirou Renaud. Quando digo "tive" não quero dizer possuir, não fui feito para "possuir" meninas, seria o mesmo que matá-las, e não é isso o que eu quero. É difícil arranjar uma menina-ta, mesmo da maneira humilde que eu ambiciono: são tão vigiadas! Tornam-se necessárias tantas circunstâncias favoráveis: só se encontra isso em família..." Escandalizar-me, provocar meus ciúmes, obrigar-me a fingir cumplicidade, eram coisas que faziam parte de seu prazer. "Nós" íamos enlanguescer à volta de Silvana, que fazia ademanos de bailarina para seu apaixonado e lhe deitava olhares conscientes.

Silvana só tinha rival no claustro de São Marcos, onde Renaud podia passar horas seguidas. Ai eu o deixava — pois eu estava em Florença — para visitar a Academia e os Ofícios: os museus o esgotavam, ele suportava apenas os que encerrassem uma única obra e fossem mal iluminados. Nesse caso, a pintura, ou o silêncio, ou a penumbra, inspiravam-lhe não gozos estéticos, mas impulsos carnavais. As igrejas não o re-

freavam; não que ele procurasse o sacrilégio — saberia sequer que estava numa igreja? — mas creio que a luz de ouro e sangue dos vitrais era a causa disso; devia ser nada mais nada menos que um tropismo; as cores excitavam-no: sem lhe passarem pela consciência, iam afetar-lhe diretamente os sentidos. Em Assis, indiferente aos afrescos, freqüentava a igreja por causa de um monge de quinze anos e, nas estradas da Úmbria, cego às curvas das colinas, interessou-se por um cabreiro escuro e barbudo com o qual dividiu a botella de que sempre estávamos providos. O homem entrou com seu queijo. Almoçamos à sombra suave das oliveiras, diante de uma paisagem admirável, e pensei que ele afinal amasse a natureza, quando me dei conta do sonho abominável que ele acalentava sozinho. Felizmente o cabreiro tinha uma alma simples, comia queijo e acreditava em Deus, tanto quanto pude depreender da conversação que eles mantinham em italiano, que Renaud me fizera a surpresa de falar correntemente, uma vez naquele solo. Em suma, deixamos o casto pastor com suas cabras, Renaud havia sonhado em pura perda. Que estranho animal eu arrastava por entre as criações do gênio humano e as maravilhas da natureza! A Itália o excitava. Muitas coisas excitavam Renaud, mas a Itália era uma doença. Ele emagrecia como um bode na entressafra. A imagem que ele me oferecia, nu, era inalterável. Por ela tomei-me de uma adoração provavelmente idólatra que não lhe passou despercebida e da qual ele se utilizou prontamente: em Fiesola, certa tarde, não tive que tecer coroas para ele? Sem dúvida ele estava possuído, sem sabê-lo, do gênio do lugar. Havia-me preparado para que o papel de vestal, que me coubera, me parecesse nada menos que natural. Eu o amava

loucamente e fazia o que ele queria. Admirava-me que ele não me tivesse arrastado ainda mais na libertinagem e no delírio erótico: ele mantinha as estribadeiras, nisso e em outras coisas.

Nunca me permitia dirigir mais que duas horas seguidas. "Você está cansada, dizia, e eu estou vendendo lá adiante um hotelzinho que é uma simpatia; vamos parar." Ele não tinha noção do tempo mas sabia estimar duas horas ao volante e conhecia as piores do dia, durante as quais providenciava para que repousássemos; previa o meio-dia como um quadrante solar e sentia a aproximação do nevoeiro com uma hora de antecedência. Se me via caminhar ao sol, agarrava-me e empurrava-me à força para a sombra.

— Quando a vejo em pleno sol, começo a sofrer — disse-me, encostando-me a uma árvore. — É como se me dessem uma paulada. Passou a ser um reflexo. Não quero que lhe aconteça nada de mal. Não sei o que tenho.

Pôs-se a beijar-me com fúria.

— Meu Deus! — disse ele. — Talvez eu a ame. É horrível.

Fechei os olhos. A terra girava. Teria caído, se não me tivesse apoiado com toda a força naquela bendita árvore. Um pinheiro. Seus braços tremiam em redor de mim. Tudo aquilo que eu havia arriscado numa parada voltava-me centuplicado. Para sempre, adoraria a Itália. Íamos deixá-la mas eu a levaria comigo e lhe ergueria um altar em meu coração. Cada vez que ouvisse o nome desse país, que visse um cartaz numa estação ferroviária, que lesse uma palavra em *i*, em *o* ou em *a*, sentiria uma lufada de felicidade — *gelati Silvana Borsalino*.

No jantar, Renaud bebeu muito vinho. Olhava-me com uma expressão meditativa e triste, e sorvia copo após copo. Estávamos em Lucca, numa pracinha, e um tocador de guitarra oficiava na orla dos buxos. O homem, que nosso silêncio e nossos olhares só podiam encorajar, aproximou-se com *tremolos* cúmplices.

Renaud bateu na mesa.

— Ah, não! De modo algum! — urrou, em meio ao escândalo geral. — Vá embora! — E depois, controlando-se subitamente: — Queira desculpar, cavalheiro. Essa canção faz-me lembrar algo. A guerra.

Aquilo, até um seresteiro podia compreender; ele sorriu, recebeu as duzentas liras que Renaud lhe estendia e atacou outra canção. Renaud virou seu copo, tornou a enchê-lo, esvaziando-o sem olhar para mim. Antes fazer como ele, pois eu estava triste. Depois foram os *grappa*, e ele estava tão bêbedo que caiu em seu sono-coma logo que o pus no leito. Entretanto, o que eu não havia esperado daquela noite! No dia seguinte, encerrado o tradicional cerimonial do despertar, o merda, a primeira dose e o resto, deparei-me com meu Renaud fremente e atencioso: de que se lembraria ele? Dentre os acontecimentos da véspera, de quais, realmente, não estaria lembrado? Mistério. Será que tinha conhecimento da palavra fatal que lhe passara pelos lábios? Teriam estes retido tal palavra? Com ele, nada se confirmava, era o que ele mesmo não cessava de me ensinar.

Dirigindo rumo à fronteira, pelos Alpes — Renaud proibira-me a Riviera — eu já não sabia se gostava da Itália.

*

No alto do último desfiladeiro, saí da estrada, desci do carro e quis, apesar de tudo, volver um derradeiro olhar às planícies piemontesas, que, aliás, eu não via, pois estávamos dentro de nuvens. O vento jogou-me grossos pingos de encontro ao rosto. Renaud apareceu, agarrou-me pelo braço com violência, aplicou-me um par de tapas e empurrou-me para dentro do carro, levantando os vidros das duas portas. A mistura me havia sido administrada com tal presteza que mal discernia os componentes cuja adição proporcionava um tal furor. Minhas faces ardiam e era delicioso, não havendo, por conseguinte, qualquer dúvida quanto a que um dos componentes fosse amor." "Vagabunda", disse-me ele, sem olhar para mim; pensei que fosse por eu me ter exposto ao frio; mas não era. Pousou a cabeça em meus joelhos. "Vagabunda. Por que é que você me faz isso?", gemeu ele e, em seguida, inspirado pela posição, passou a outro exercício, desembaraçando-se de minha saia e do que mais o perturbava. Estávamos muito apertados, mas não tinha importância; ocorria-me comprar outro carro, mais espaçoso, eu não havia pensado em tudo. Agora chovia copiosamente, os raros automobilistas que cruzavam decerto não podiam ver o que se passava na casa do vizinho, a chuva fazia um barulho terrível no teto e Renaud me amava.

— Vamos rodar — disse ele, como eu me mostrasse compadecida. — Vai ser todo tempo assim, estou conformado. — Saíamos dessa mijada de cavalo. Não vale a pena vestir a calça novamente, você pode dirigir sem ela, não pode? Vagabunda! Por que é que fui me apaixonar por você! Merda, merda, merda! Porcaria de merda. Sou um patife.

Na outra vertente, cessara de chover. A grande

floresta de coníferas estendia-se de cada lado da estrada, trespassada pelos raios de sol. "Venha, disse Renaud, e coloquemos calços nas rodas porque isso pode durar. Ah, se eu apanhasse uma indigestão!"

Eu gostava da Itália? Eu não gostava da Itália?

Ao transpor a fronteira, fui acometida de angústia. É idiota, disse para mim, ser sentimental a ponto de fazer transferências supersticiosas e, a pretexto de estar apaixonada pela Itália, ter medo da França. Essa impressão funesta talvez viesse do fato de haver-mos passado da vertente leste, exposta ao sol, para a vertente oeste, mais escura; é verdade que a vertente leste estava dentro de nuvens. Em suma, eu me comportava como um chefe de trem que, ouvindo o sinal de alarma, pensa: ainda mais essa brincadeira de mau gosto!

III

Deixara-me ficar na Colombe, em Saint-Paul, da qual todos falavam. Por que não? Era preciso ser feliz e, nascida com o gosto das coisas estáveis e previstas, eu havia contraído o hábito do provisório. Sabia agora que, quando morremos, não lastimamos nenhuma das coisas boas e custosas de que gozamos, e o diabo leva o resto do capital.

Os Royer estavam em Gassin, outros em Biot, na Tourette e em outros lugares. A Riviera estava povoada de amigos, e de amigos de amigos, não corríamos o risco da solidão, bastava-nos percorrer as estradas para que nos acreditássemos em Paris. Alex, esse estava em Antibes, de onde subira, "para poupar-me o trabalho de descer"; não lhe agradava saber-me nas proximidades do mar, para junto do qual não me faltava uma grande vontade de correr. Como boas-vindas, e porque eu me comportasse particularmente bem, tive direito a um banho no Garoupe, após o qual Renaud envolveu-me num roupão e carregou-me por sob as árvores.

— Seu monstro cuida de você — disse Alex, durante um intervalo, no hotel, onde viera jantar.

— Tornou-se maravilhoso. Era imprevisível, mas aconteceu.

— Apesar de tudo, talvez a ame.

Baixei a cabeça; estava terrivelmente ruborizada.

— Quem o vir, dirá que sim — disse Alex. — Sujeitos dessa espécie, quando tocados pelo amor, são sempre os mais atingidos. Talvez isso o salve.

Reunimo-nos a Renaud no terraço. Achava-se ele abancado, ou melhor, estatelado diante de um *pastis*. Passara do Valpolicella-e-grappa para o Rosé-e-pastis: em matéria de bebida, sua capacidade de adaptação era infinita. Se a tivesse aplicado à vida, ter-se-ia tornado milionário em seis meses. Admirei, mais uma vez, a singular disposição de seus membros, a arte espontânea de suas atitudes, aquela maneira de estar tão perfeitamente à vontade — num mundo em que isso tão raro lhe ocorria — e ao mesmo tempo ensimesmado. Jamais havia eu notado essa combinação em quem quer que fosse.

E eis que, no instante em que eu meditava sobre essa singularidade de Renaud, chamou-me a atenção, numa jovem sentada duas mesas adiante, idêntica atitude. Refestelada em sua poltrona, ela deixava pendurar os braços de cada lado; as pernas, comprimidas em calças de xadrez cinza, repousavam, estiradas, sobre a mesa. A pose de ambos era exatamente a mesma, sem que tivessem podido ver-se. A jovem não era nenhuma *pin-up* estonteante, mas tinha traços curiosos: cabelos castanhos muito curtos, à exceção de uma franja, ou antes um tufo na testa que lhe caía quase sobre o nariz, bastante comprido, aliás. A cabeça um pouco abaixada, olhava o mundo com uma indiferença atenta e o mesmo ar caprino de Renaud. Seios pequenos apontavam sob uma camisa de homem, tão aberta que se via que ela não usava sutiã. Levou o cigarro aos lábios, com displicência.

Na Riviera, vêem-se muitas jovens displicentes; ou que representam o papel de displicente. Mas essa não tinha artifícios; a que cria o tipo, não a que o adota: um protótipo. Recolheu as pernas, cruzando-as, à maneira desenvolta dos rapazes, o tornozelo contra a coxa e, nesse movimento, percebi-lhe a mobilidade graciosa dos quadris.

Caía a noite. Senti uma contração no estômago,, como quando está prestes a acontecer algo.

— O que é que você bebe, filhinha?

— Um *pastis*.

— Outro? Você já bebeu um, lá embaixo.

— Quero um *pastis*.

— Escute. . .

Alex pôs-se a rir.

— Sim, eu sei, isso me fica bem — disse Renaud. — Mas ela não é como eu, ninguém é como ninguém. Renée, mais três, sendo que um fraco.

— Acho que você tem os olhos brilhantes — disse-me Alex. — Aquele banho deve ter-lhe dado febre.

— Ela está linda, esta noite — disse Renaud. — Aliás, ela está sempre linda — acrescentou, com tristeza. — É uma armadilha. Um dia, acabarei casando com ela, chegarei até lá. Talvez daqui a vinte anos. Ou talvez nunca. No fundo, retiro o que disse. Foi uma palavra solta. Esta região torna-me sentimental, mas na superfície, isso passa, assim como veio. Faz um tempo lindo, hein, filhinha?, hein, que tempo maravilhoso!

Defenda-se, meu querido; recue, agora. Sim, isso lhe escapuliu, uma frase desnorteada. Beberico meu *pastis*, forçando a indiferença. Não é o momento para volver-lhe um olhar enternecido.

— Sim, o tempo está lindo — disse eu, aparentemente interessada nos vizinhos.

O companheiro da jovem, uma espécie de gigante, debruçava-se sobre ela e, provavelmente, segredava-lhe algo a respeito de seu decote, pois ela baixou os olhos nessa direção. Esboçou um gesto vago. O homem, ouvindo vozes masculinas atrás de si, agitou-se. Devia ser ciumento.

— Como é, decidimos a parada? — disse Alex.

— Vamos jantar aqui — disse eu.

— Absolutamente — disse Alex. — Lá dentro.

— Então, quero ficar mais um pouco. Sinto-me bem.

— Ela está querendo coisas, esta noite — disse Renaud.

Alex, que começara a levantar-se, ia sentar-se de novo, quando, decididamente alertado, voltou-se: "Katov!", e avançou, a mão estendida. Congratularam-se por estarem ali. Naquele lugar, todo mundo se conhecia. Alex trouxe para nossa mesa a espécie de rapazinho e seu gigante. Este, vendo-se entre machos, lançou um olhar desesperado à camisa da amiga; não havia nada a fazer, faltava o botão, realmente.

Ao lado de Renaud, Rafaele reassumiu a pose que havia mantido no outro lugar, a mesma que a dele. Parecendo, de longe, um adolescente, revelava, de perto, seus vinte e seis, vinte e sete anos, mas conservava o ar infantil. Sentia-me mais adulta que ela. Os cabelos não chegavam a cobrir-lhe as orelhas, e ela sacudia, vez por outra, a mecha falsamente rebelde. Mesmo estando em moda, eram um penteado engraçado e uma moça engraçada. Tirou um cigarro do bolso; Renaud ofereceu-lhe fogo, as mãos em concha; tornaram a assumir a pose deles, descontraídos, esti-

rados; Rafaele fechou os olhos por um instante. Parecia-me que cada um de seus gestos encerrava um sentido, não sei por que, e, de novo, senti uma contração no estômago, um pouco de suor nos lábios.

— Está começando a fazer frio — disse Alex.
— Vamos entrar. Você sentiu arrepios. E vocês, fiquem para jantar conosco, caso não tenham mais nada a fazer. Em Paris, a gente nunca tem tempo de se ver.

Moravam ali mesmo, em Saint-Paul. Katov, pintor abstrato de certa nomeada, possuía ali uma casa do tipo ruína restaurada. Muito bonita, haveria de nos mostrar.

Renaud, tendo permanecido em silêncio por um tempo fora do comum, acordou sob o efeito do *Rose* e disparou, como uma flecha, a falar sobre pintura, e sobre a sorte que tinham os pintores, particularmente os abstratos, de não saberem o que faziam.

— Nós outros, que lidamos com a escrita...

Alex e eu arregalamos os olhos: Renaud, escrita? Que acontecera com ele, de repente?

— . . .é preciso, aí de nós!, saber para onde vamos.

— E o automatismo? — disse Katov. — É o abstracionismo das letras.

— O automatismo, em si, é uma blague. Foi o conteúdo que fez o surrealismo. Veja: agora que não há mais posição política oficial entre os artistas, ou melhor, agora que eles são oficiosamente burgueses, o automatismo não tem sentido. A virtude era a revolta. E agora, a revolta é sem esperança.

— Com esperança ou sem esperança — disse Rafaele, cuja voz era ouvida pela primeira vez — o que é que isso altera no que se tem a fazer?

Renaud olhou para ela, abriu a boca, calou-se. Fez-se silêncio. Aliás, traziam o peixe. Metemos mãos à obra.

— Você é comunista? — começou Katov.

Renaud comunista, que pergunta engraçada! Assim como Renaud pederasta.

— Sim — disse Renaud. — Tanto quanto se pode ser comunista atualmente. Tanto quanto se pode ser qualquer coisa atualmente, exceto burguês e fascista, como todo mundo. Isto é, como um morto.

— Vou lavar as mãos — cortou Rafaele, que acabava de roer, com a ajuda dos dedos, o espinhaço de seu peixe, e não parecia interessada em outra coisa.

Renaud não prosseguiu. Katov reconheceu que, na verdade, era bem mais agradável, numa época como a atual, ser um artista cego que não sabe o que faz.

— Relativamente, sou um homem feliz — disse ele, agarrando na passagem Rafaele, que voltava, e estreitando-a contra si.

Fomos convidados a tomar café em casa deles. A casa, estreita, tinha, dando para a rua, uma fachada quase sem janelas, e, por trás de um grande muro, um jardim que dava para o vale. Pirilampos voavam. A paz era profunda.

— Oh!, — disse Renaud, extasiado — um claustro é a esposa que me convém.

No mesmo instante,, decidi comprar uma casa daquele tipo, com grossos muros e silêncio, em algum lugar por ali. Ele iria sentir-se feliz.

— Conhece o teste do jardim, você que é psiquiatra? — disse Renaud a Alex, que não era psiquiatra. — Aqui está meu jardim.

— À falta de tordos — mofou Rafaele.

— Mas onde estão eles, os tordos de antigamente? — disse Renaud.

— Nunca existiram, — disse ela — sempre foi preciso inventá-los, não é novidade.

— Que teste? — disse Katov. — Adoro testes.

— Se você tivesse uma chave — disse eu, pois queria, de qualquer maneira, que minha voz fosse ouvida, pelo menos uma vez eu sabia alguma coisa, e a psicologia era minha especialidade, — se você tivesse uma taça, se. . .

— Uma taça, não, — disse Renaud, com ar doutorai — um cofre.

— Tanto faz. A nós, deram-nos uma taça.

— A mim, — disse Renaud, — deram-me cofres. Muitos, mesmo. Toda uma sala cheia de cofres, sem lugar para pôr os pés.

Cachorro. Percebi uma surda hostilidade em sua voz. Estava contra mim, de um momento para o outro. Descobri, por fim, que era a contrapartida de seu pedido de casamento; viera de qualquer maneira, apesar de meu bom comportamento. Em matéria de amor, ele não podia avançar um passo sem recuar dois, nem fazer uma fineza sem cobrar o preço. Era preciso que eu me desse uma razão: ia ser maltratada durante um período de duração indefinida, até que ele tivesse digerido suas bondades. Preparei-me para isso com coragem. O que quer que ele fizesse, não apagaria o que estava dito.

— Oh!, quero compreender — disse Katov. — Vocês falam por enigmas. Vamos fazer o teste. Entremos, já viram bastante meu jardim, quero ver o de vocês. Rafi, você quer fazer um bom café para nós?

Segurou-lhe a frágil nuca com a mão enorme e empurrou a amiga para a frente. Ela parecia um cabrito sacudido por um urso.

O cabrito desapareceu num quadrilátero que se inscrevia numa grande peça quadrada, dividindo-a em duas alas. Deviam ter acrescentado posteriormente a cozinha e o banheiro. A ala em que estávamos era uma espécie de sala comum, com uma enorme lareira e dois divas. Uma rede separava a outra parte, onde se percebia um cavalete e a correspondente desarrumação, e um enorme piano. Uma escada, à vista, devia conduzir a um ou dois quartos. Era o ideal. Bastava que eu conseguisse uma tão boa quanto essa, mesmo por adaptar. . . É o tipo de reflexão que nos ocorre, sempre que entramos numa nova casa. Adoro casas, definitivamente. Sou louca por casa. E depois, seria tão bom para Renaud; parecia que ele se agradava dessa.

Katov mandou que nos sentássemos e trouxe-nos copos com uísque. "Enquanto isso, você trará o gelo, meu bem." Volveu, na direção do quadrilátero, onde se ouvia um rumor de xícaras e de água, um desses olhares involuntários que testemunham um vivo sentimento de posse.

— Precisa de ajuda? — gritei, lembrando-me, de repente, que era uma tradição colaborar com a dona da casa, ou pelo menos mostrar-se disposta.

— Não, não — disse ela. — Não é preciso.

Não obstante, fui até lá. Ela me atraía.

— Não repare. É uma bagunça.

— Não reparo; e depois, para mim, não faz diferença, se você visse minha casa. . .

Era mentira. Mentia-lhe para lhe ser agradável.

— É preciso moer?

- Já compro moído.
- Não é tão bom.
- Sou muito preguiçosa.

Aquela conversação era puramente intelectual; estaria ali aquela jovem, ainda há pouco tão oportuna, que conseguira calar o bico de Renaud? Ela retirava os cubos de gelo. As xícaras estavam na bandeja. O café era passado numa máquina italiana. Rafaelle não se preocupava comigo e, aparentemente, nada tinha a dizer-me. De fato, seus seios estavam à vista, Katov tinha razão, e perguntei-me se minha atração não era simplesmente desejo. Como mulher, era um achado. É verdade que Mina. . . Mas Mina era diferente, era um divertimento. Se eu me metesse a gostar de mulheres, onde iríamos parar!

- Você mora ordinariamente em Paris?

Eu enchia lingüiça.

- Depende; divido-me.

- O que é que você prefere?

Papai, mamãe, prefiro toucinho. Ela devia achar-me uma imbecil.

- Não sei, depende. A terra é redonda. Tome, já que você quer ajudar, pegue o balde de gelo, não há lugar na bandeja.

Peguei docilmente e fiz a distribuição. Ao vê-la inclinar-se sobre as xícaras, Katov teve um sobresalto; pegou-a pela abertura e disse-lhe três palavras ao ouvido. Ela subiu a escada e desceu com uma ampla marinheira de algodão azul desbotado, cuja gola enrolada e dilatada conferia-lhe o porte de um jovem cavaleiro que ainda não tivesse colocado elmo. Ela o amaria? Aquela criatura tinha antes o ar de ter sido feita para se deixar amar. E mais, não por quem quisesse, mas segundo suas conveniências.

Um pouco sem coração, talvez?. . . Aqueles traços não me eram estranhos. . . Mas claro, os de Renaud, por certo! Eis porque aquela jovem me interessava: parecia-se com ele, como se fossem irmãos. Meu coração, pois eu tenho coração, contraiu-se um pouco. Que liberdade proporciona a falta de coração! Que dificuldade encontrava o de Renaud para despertar, e como ele nos fazia pagar caro se porventura nos concedia uma partícula! Bem, eu pagarei. Eu era forte, também, porque, no meu caso, ao contrário, eu havia apostado tudo.

— Uma chave de adegas — declarou Katov, innocentemente. — Haviam começado o teste enquanto eu sonhava. — Ou talvez uma chave de prisão, pendurada na cintura. E das grandes.

Rápido olhar para Rafaele, sentada ao lado dele, num dos divãs. Eu estava no outro, em frente, entre Renaud, evidentemente meio reclinado, e Alex, encostado à parede. Alex refletiu profundamente e disse:

— Quero uma bonita, de fino lavor, gênero Toledo, que abra um *boudoir* ou uma escrivaninha de mulher, contendo cartas.

— Você lê Laclos — disse Renaud — e Sade, Restif e o resto.

— Bem, não é crime. Mostre-nos a sua, então.

— Oh!. . . — disse Renaud, chocado.

— Quero dizer, descreva-a.

— Tenho várias.

— Trapaça — disse Rafaele. — Mesmo Deus só tem uma.

— Então, será um passe.

— Uma gazua — ironizou ela. — À falta de tordos. . .

Renaud olhou para ela, não encontrou que dizer, e voltou-se para mim, com fúria.

— Então, e você?

— Conheço a interpretação; logo, não me sinto à vontade. . .

— Mas em que isso a impede de ter a sua chave? Estou perfeitamente seguro de que você tem uma — disse ele com uma agressividade que me fazia lembrar os tempos em que queria mostrar meus seios a todo mundo. Fiz um esforço.

— Se tenho uma, em todo o caso ela abre apenas uma porta. Mas é de ouro!

— Tenho certeza — disse ele, sarcástico.

— A minha, é de ferro — disse Rafaele. — Velha e enferrujada. Muito gasta, há muito fora de uso. É de um jardim. Uma chave para sair, não para entrar.

Era a primeira vez que eu ouvia uma resposta desse gênero. Desejo de evasão? Mas estava-se nos cofres, Katov atirava-se ao seu, de pirata, transbordante de ricas tapeçarias; Alex sugeriu sândalo e pérolas; era banal e lógico; aliás, eu também: veludo vermelho, no qual eu não encontrava, tendo-o aberto, mais que uma simples aliança, evidentemente de ouro; não me permiti confessá-lo e declarei que havia velhas cartas; uma aliança, eu dava por visto, com o atual humor de Renaud. Agora, ele nos levava através de sua sala repleta de cofres.

— Há alguns feios, empoeirados, cheios de trapos roídos de traças, ou de miçangas de feira, ou de velhos cartões-postais pornográficos. Uma bela bagunça. Alguns completamente vazios, apesar do fundo falso. Vejo um contendo ossos: alguém se escond

condeu lá dentro e lá o esqueceram. O de veludo, — ah!, aqui estou eu — de veludo negro, cuja fechadura só abre se a forcamos, contém, contra um acolchoado de seda branca, um frasco verde-escuro cheio de, vejamos o que é isto, um filtro, veneno? — Renaud suspirou, como após um número de vidência. — Ainda não sei, o futuro dirá. Eis aqui uma caixa de madeira sem maiores aparências, que abre para uma palavra, é preciso saber qual, tendo no fundo nada mais que um seixo cinzento, que bem poderia ser nada menos que a pedra filosofal, que confere a vida imortal. . .

— E então, Rafi? — disse Katov, após o silêncio respeitoso que habitualmente se seguia às tiradas de Renaud. — Você não disse nada. Quero ver seu cofre.

— Não tenho cofre — disse ela.

— Trapaça — disse Renaud. — Até Deus tem um.

— Oh!, mas sem limites, logo não é um cofre. Na verdade, creio que o perdi. Ele bóia num barco que perdi. Não se fecha, mas quem pensa em abri-lo? Aliás, o capitão está sentado em cima e escreve o diário de bordo: é bem mais importante. Quem ousaria dizer ao capitão: tire as nádegas daí, para que a gente veja o interior do cofre? E depois, pelo que está lá dentro: quase nada. Um livro que não foi escrito. . .

— Será que vocês têm discos? — disse Renaud. — Há tanto tempo não ouço música.

O quê? Era a primeira vez que eu ouvia aquilo. Não podia dizê-lo em Paris? Eu teria corrido para comprar-lhe carradas. Poderia adivinhar que ele gostava de música? Quando voltasse, compraria, sem perder um minuto.

Estirada de barriga para baixo, Rafaele mergulhava num pequeno móvel junto ao diva, enquanto Katov acariciava-lhe as costas sob a marinheira. Que iria escolher a jovem sem cofre, cuja chave abria para fora? Jazz? Voltou-se. Na peça mal iluminada, elevou-se a melodia mais triste deste mundo, a princípio solitária, depois misturada, entrelaçada com outras.

— Oh!, — gemeu Alex — não vai ser possível continuar com isso.

— Pelo contrário — disse Renaud. — Meu jardim está justamente deste lado. Esqueci-me dele há tanto tempo.

— Cheio de fontes — disse Rafaele. — Repuxos.

— Sim — disse Renaud. — Água, água sobretudo. Para a sede.

— Com altos muros — interveio Alex.

— Não — corrigiu Rafaele. — Nada de muros.

— Mas um guarda — disse Renaud — com ordens de impedir a entrada.

— Mas podem enganá-lo — disse Rafaele. — Por um lado, ele é bobo.

— Não é garantido — disse Renaud. — Por outro lado, ele é diabolicamente astucioso e cheio de manhas: o outro é de nos levar a crer que isso não existe.

— Queria saber como é que vocês podem falar e ouvir! — resmungou Katov. — Calem-se um pouco, crianças.

As "crianças" calaram-se. Katov tinha a mão em cima de Rafaele, que repousava em seu vasto peito. Renaud fumava, os olhos perdidos na parede. Rafaele virou o disco e a coisa tornou-se ainda mais

triste. Sentia-me excluída de toda aquela gente que parecia encontrar um terreno comum e familiar; mais uma vez lastimei minha falta de cultura em matéria de arte. Nem mesmo conseguia identificar o trecho; era muito longo. Evadia-me a todo instante, meus ouvidos eram verdadeiros crivos. Os outros fumavam em silêncio, perfeitamente atentos; à vontade.

O órgão, sucedendo-se, de repente, à orquestra, tirou-me de um princípio de sono. Que vergonha! Contanto que eles não se apercebessem de nada. Lembrei-me, pálido consolo — de que Renaud havia dormido durante a Nona; mas ele não tivera vergonha; havia achado natural; por que, então, enquanto ele tinha o direito de dormir eu devia ter vergonha? O sono espreitava-me, abatia-se sobre mim à menor falta de atenção, eu me sentia terrivelmente desgraçada, travava um tal combate com as pálpebras que já não ouvia a música; esta terminou de maneira estranha, em rabo de peixe, sem que eu me desse conta. Eles permaneceram prostrados um bom momento.

— Que coisa! — disse, afinal, Alex, rompendo o silêncio. — Tenho isso em casa e nunca ouço. Até tenho medo.

— Outro artesão cego — disse Katov. — Não sabia o que fazia.

— Aposto que sim — disse Rafaele.

— Difícil verificar.

— Bach está morto — disse Renaud, lúgubre, como se Bach acabasse de morrer.

— Será que vocês são surdos? — disse Rafaele.

Renaud voltou-lhe um olhar de criança infeliz.

— Já é tarde — disse Alex, levantando-se.

Aquela música parecia ter encerrado a noite, nada teria cabimento, depois dela.

— Oh!, — disse Katov — esquecemos os jardins. Vamos fazer.

— Nem mesmo vimos seus trabalhos — disse Renaud. — Foi uma grosseria.

— Prefiro mostrá-los durante o dia. Venham amanhã; voltem quando quiserem, a casa é de vocês.

Segurava Rafaele pelos ombros, como um urso a um cabrito. Eu os imaginava deitados juntos, depois de nossa partida. Ele se apressaria — feliz ele; ela, eu não sabia.

Ao levantar-me notei que Renaud havia deixado metade do uísque no copo. Esquecera-se de acabar.

*

— Como foi possível que você não se apaixonasse por Geneviève? — disse Renaud, bruscamente, diante do hotel, enquanto Alex tinha a mão na maçaneta de seu carro. — É o tipo da mulher para você, com suas chaves de Toledo e seus cofres de veludo.

—Ahn, — tartamudeou Alex, perturbado. — Você sabe, conhecia-a tão pequena. . . não pensei nisso. E depois, ela não era a mesma, antes...

— Bem, — disse Renaud, consolador, dando-lhe palmadinhas nas costas, — não se desculpe. — Teve um sorriso perverso. — Seja como for, temo que seja tarde demais.

Que tinha ele, novamente?

Sentado na beira da cama, ele me fixava, enquanto eu me despia. Seu olhar era frio. Dir-se-ia que me julgava. Eu não tinha por que temer tal exame. Entretanto, súbito me senti feia. Refugiei-me no banheiro, espavorida. Com Renaud, por vezes, as

coisas de repente perdem, desse modo, todo o seu sentido. É a aura.

Ouvi-o abrir a garrafa que, constantemente renovada, mantinha residência fixa em sua mesa de cabeceira. O líquido escorreu no copo; uma segunda vez; e uma terceira.

— Que diabo você está fazendo? — gritou.

— Nada, já vou...

Evidentemente, minha voz soava em falso. Oh!, quando esse demônio tiver passado!

Provocou-me uma grande crise durante metade da noite. Como era comum, em tais ocasiões, tomou-se de ódio por mim; pensei que me fosse arrancar todos os cabelos, por pouco não fugi; chamou-me, aos brados, e foi para me impor as mais humilhantes carícias de seu repertório. Que limite procurava ele, desta vez? Eu já não podia, detestava-o. Todavia, sob o excesso mesmo de suas crueldades, eu percebi que ele se debatia contra o próprio coração. Seriam os últimos sobressaltos? Essa esperança restituiu-me a força de suportá-lo: não, nem mesmo no final você me vencerá. Meu amor é mais forte que você, Renaud. O fim está próximo, aproxima-se, é por isso que você enlouquece, investe com paus e pedras. Faça o que quiser, você não cansará minha paciência, e, por fim, consentirá na felicidade, dentro em breve você e eu encontraremos a paz, repousaremos. Repousaremos.

IV

Seria, realmente, o último sobressalto? Estaríamos avistando o porto? Parecia-me emergir para o ar livre, após uma caminhada por dentro dos esgotos: respirava-se. Eu já não sentia nos ombros o peso de Renaud; ele caminhava à minha frente. Já não o reconhecia naquele ser leve que assobiava, que chutava as pedras.

"Crianças", dizia Katov, como se fosse um velho: tinha trinta e quatro anos.

Preparava sua exposição de inverno, um gigantesco quebra-cabeça de telas suntuosas, cujas formas escapavam-me, mas cujas cores me arrebataavam. Tomei gosto pelo abstrato: em suma, foi bastante um pouco de boa vontade e de hábito.

Ele deixava conosco Rafaele, que, de outro modo, teria ficado confinada ao jardim e aos caminhos das cercanias. Ela não incomodava; era um gatinho, à vontade em toda parte, desenvolta, graciosa, um pouco assexuada em suas calças apertadas e seus corpetes decotados, nos quais eu reparava, creio, mais que o próprio Renaud: ele não a via como uma fêmea; ela era um companheiro, uma irmã mais jovem. Divertiam-se; transbordavam de idéias, explorávamos toda uma região, e eis que Renaud amava a natureza: nela descobria, como uma novidade, árvores, vales, montanhas. Foi preciso escalar o Baou;

não os acompanhei até o fim, mas eles me trouxeram, do pico, como prova, um seixo "garantido", e uma intensa sede que Renaud aplacou com suco de limão. Na região agreste, onde nos internamos certo dia, pusemo-nos a procurar, a pé, os lobos que, segundo diziam, ainda andavam por ali; para atraí-los, tivemos que imitar o balido das ovelhas. Felizmente, os lobos não vieram, mas, ao que parece, era divertido. Para mim, nem tanto; esses folguedos eram por demais infantis, e eu não experimentava um desejo tão intenso quanto o deles de regredir ao verdor dos anos; romantismo um pouquinho forçado; senti-me mais adulta, ainda que a mais nova dos três. Dava-lhes conselhos prudentes, às vezes bastante necessários, de tal modo eles bancavam os loucos. Por outro lado, minha saúde exigia certa prudência. Contudo, eu ia, às vezes, até o mar; de qualquer maneira, não queria que Renaud se privasse do mar, do qual ele gostava, e onde parecia reviver; era o único prazer saudável que ele conhecia. Depois de um banho muito rápido, eu ficava à sombra das árvores enquanto eles, com óculos submarinos, brincavam nas locas, sem caçar, do que tinham horror. Rafaele fazia o papel de peixe, e deixava-se arrastar pelo mar, como um afogado; a princípio, levei a coisa a sério. Renaud limitava-se a rir: ela não lhe despertava qualquer sentimento protetor; ele não a considerava uma mulher e parecia cego aos atributos que ela não deixava de possuir.

— Ofélia! — gritava ele, as mãos em concha.
— Ofélia!

— Que quer o meu príncipe? — respondia ela, lá da angra, como se aquele tivesse sido, desde a eternidade, o seu nome.

— Saia, ainda não é o V ato, ainda não recebemos os nenúfares. E você está inquietando a rainha.

Era assim. Mais um brinquedo. Nele, minha prudência valia-me o papel de mãe nobre. Fantasias como essa surgiam incessantemente, o cérebro deles era uma natureza tropical. Sobre a espuma das palavras eles construíam impérios de nuvens, nos quais, incontinenti, era preciso se pôr a viver. Um corpo boiava, eis Ofélia, e, atrás, toda a família; retirava-se o corpo, lá voltava ele, mudava-se de pele a todo instante, embarcava-se em qualquer novo trem em movimento, senão a gente ficava na plataforma, enquanto eles desapareciam rumo a países estranhos cuja língua não se compreendia. Eles tinham códigos, indicadores em perpétua mutuação. Eram cansativos, como crianças. Eu os acompanhava em seus labirintos o melhor que podia, por delicadeza, temerosa de, uma bela manhã, encontrar-me distanciada, excluída. Estranha.

Tudo se esclareceu quando descobrimos que ambos haviam nascido no mesmo dia do ano, num vinte e um de julho; parece que era a cavaleiro do leão e do câncer, animais pouco compatíveis; Renaud, na ocasião, desenhou — o quê, ele sabia desenhar! — os retratos: um leão com cabeça de caranguejo para Rafael, nascida pela manhã, e o inverso para ele, nascido à noite. Até então, a astrologia me fizera rir; dessa vez, afligiu-me. Quanto a mim, eu era carneiro, disseram-me. Renaud suspirou, sibilino: "Evidentemente".

— Por que evidentemente?

— Você bem que sabe; quando um carneiro assedia uma porta, não sossega enquanto não a põe abaixo.

— Ele não tem razão?

— O carneiro sempre tem razão — disse Renaud, doutorai. — Ademais, é o animal do sacrifício: sacrifica-se para salvar os homens.

Era com alusões desse tipo que ele me obsequiava constantemente, desde a declaração de amor de Lucca e o pedido de casamento da primeira noite. Eu tinha por regra não lhe dar ouvido.

— Vocês não levam esse negócio a sério — disse eu.

— Levo, sim — disse Rafaele. — É muito prático.

— É um balizamento — disse Renaud.

— Balizamento do céu — disse Rafaele.

— Que necessita dele — disse Renaud — senão fica vazio.

— A gente se perderia — disse Rafaele.

— Enquanto que assim, a gente se sente em casa — disse Renaud.

Eu era de opinião que, antes de tudo, estamos na terra, e que ele fazia melhor batizando antes o lado de cá, com o qual, em compensação, ele não se preocupava bastante.

Como quer que seja, ei-los gêmeos; constituía-se, no momento, por assim dizer, uma família, e um nascimento mítico: Rafaele saiu primeiro e, como Renaud não quisesse saber de nada, volta para chamá-lo, esforçando-se por convencê-lo de que a vida é bela, vale a pena de ser vivida, e lhe descreve as maravilhas, a seu modo; a pobre mãe, com essas idas e vindas, sucumbe, deixando-lhes por pai um duque, atrás do qual perfila-se uma ascendência visigótica que produz de passagem um Tio Childenbroc, o

qual, ainda em estado selvagem, persegue Rafaele-menina nos corredores do castelo, por que não um castelo?, onde a viola diariamente. Púbere e saturado, Renaud, por fim, mata-o; para seus funerais, fazem uma canção, palavras e música, que Rafaele canta à noite, acompanhada ao piano por Renaud — mas o quê, toca piano?, compõe? — Eu não conhecia esse homem.

Não há piano em minha casa; não seja por isso, arranjarei um; fiz a lista de compras indispensáveis, a serem feitas na volta, piano, toca-discos, carro grande, casa. . .

Rafaele, no fogão, grelhava salmonetes ao funcho; Renaud saracoteava em redor, revelava-se um glutão; era o efeito do campo e do exercício; decididamente, o ar dali fazia-lhe bem à saúde; o fato de não mais beber também lhe restituía o apetite; e depois, finalmente, devo confessá-lo, Rafaele era boa cozinheira; esse particular jamais havia sido meu forte; acrescentei à minha lista um livro de receitas; sem dúvida era preciso incluir uma lareira medieval. Em suma, Renaud necessitava de encenação; nisso, Rafaele era mestra. E se não bastasse o presente, ela apelava para o passado: depois da geminação, as recordações de infância comuns proliferavam com êxito: o primeiro suicídio de Renaud, aos sete anos: "Desde que atingi a idade da razão, compreendi que era melhor não ser..." Ele havia bebido água no tanque das Tulherias em seu balde de areia. A irmã havia-lhe colocado quatro círios em redor do leito, e a família estava desesperada de ver extinguir-se o herdeiro do título, pois não era possível fazer outro, já que o duque, no decorrer de um adultério complicado, mutilara-se numa porta, para salvar a honra

da dama. No segundo suicídio, não tendo o primeiro surtido efeito, a água do tanque estava limpa demais — ele comeu, misturadas com rosas confeitadas, as aparas de unha de um mês, que a irmã piedosamente conservara para esse fim. Pois, evidentemente, se ele decidira morrer, ela, na qualidade de irmã, sentia-se no dever de ajudá-lo, e não de contrariá-lo. . . Era evidente que esse último aspecto endereçava-se a mim. Renaud fez nove tentativas de suicídio, com as quais foi feita uma canção calcada na ária de *Malborough*, em estrofes; apareci na décima, com uma chave, de ouro, por certo, que abria minha própria porta e a do Reino dos Mortos. Transformando-me de chofre em Eurídice, numa ousada inversão da lenda, pus-me a procurar Orfeu decepado pelas Eríneas, "como punição, dizia Renaud, por eu ter preferido o amor humano ao amor divino". Por lira tinha meu próprio coração, que levava na mão, à minha frente, e do qual eu arrancava acordes de cortar o coração dos demônios que detinham os pedaços de Orfeu. Eu já havia posto a mão — dizia Renaud-Orfeu — em vários pedaços, dos quais um muito importante, a respeito de cuja natureza ele me tirou qualquer espécie de dúvida, obrigando-me a constatar sua presença viva, espécie de audácia que ele se permitia sem que a presença de Rafaele o constrangesse.

Eurídice, conduzindo pela coleira um cão policial que havia sentido o faro da túnica de Orfeu, avançava em meio às piores dificuldades, das quais a menor não era a reencarnação de Puck, que surripia os pedaços, sucessivamente. Eurídice alugou um cofre no banco. Puck organizou um *hold-up*, houve uma batalha com a polícia, no decorrer da qual os próprios pedaços foram decepados. A cabeça de

Puck foi posta a prêmio. A coisa transformava-se num grande espetáculo operístico. Um oratório, dizia Rafaele, que queria que se começasse sobre os últimos compassos do Orfeu de Monteverdi; eu conhecia o de Gluck, mas não esse, pelo qual eles demonstravam uma comum predileção, evidentemente. Eurídice era agora acompanhada, além de seu cão, pelo detetive Lami-Cochon e por um cirurgião vestido de branco, com agulha e linha para coser os pedaços, uma vez recuperados. Orfeu, incompleto, gemia na padiola.

Eurídice lançaria mão de todos os meios. Tentaria seduzir Puck: cena encantadora, pois seria Puck um rapaz ou uma moça? Agora, Eurídice era acompanhada por um sacerdote exorcizador, tomar-se-ia um bailarino, bem como bailarinas para as Erínias: os exorcismos seriam arranjados por um professor balinês, com orquestra igualmente local. Pouco a pouco completado e reestimulado por aqueles sons mágicos, Orfeu tentava cantar as velhas árias de antigamente; mas era odiosamente falso, pudera!, ele não sabia mais. A voz de Orfeu seria deformada no ditafone, invertida, despojada de sons harmônicos, empalidecida "como a voz de um morto", a partir da própria versão de Monteverdi. Sacrilégio! Gritariam, quebrariam as poltronas. Tanto melhor. Em todo o caso, não tinha o Mestre, como tantos outros, herdeiros respeitosos, "impróprios, portanto". Aliás, engraçado como era — falavam dele como se o tivessem conhecido na escola — Monteverdi, hoje em dia, considerando a bagunça reinante, seria o primeiro a enxertar sua obra. Os criadores sempre se respeitam menos que seus herdeiros. Em suma, Orfeu cantaria Monteverdi ultradestonalizado, o que equivaleria a

Messiaen — o conhecimento musical de ambos espantava-me — e Eurídice, que cantaria ela? Ela não cantava, quem cantava era seu coração. — Renaud exigia um coração de verdade, ponhamos um coração de vitela — concedia que não fosse um coração humano — um coração de vitela que seria substituído todas as noites. Ela ficaria com as mãos cheias de sangue, seria repugnante! Tanto melhor, proclamava Renaud, isso é que era preciso — ele se entusiasmava, delirava desbragadamente, empolgado por uma musa voraz que não lhe dava tempo sequer para esvaziar seus copos, esquecia-se de minha presença e de que eu tinha um coração humano, não renovável cada noite, que ele espezzinhava alegremente em nome da poesia. Resumindo, meu coração produzia música concreta, ao que parecia: eu não estava à altura de julgar, mas aquilo não devia ser muito harmonioso, algo como um barulho de painéis... eles fariam a coisa no estúdio, Rafaele tinha conhecimentos lá. Seria formidável. Aí estava, era uma obra que nascia, uma realização concreta; anotavam-se as idéias, organizava-se; o jardim nas nuvens acabava por implantar-se em terra. Já se materializava sob a forma de uma montanha de folhas de papel, ilegíveis para qualquer outra pessoa que não Renaud, porém tangíveis. Renaud escrevia; já não tinha reumatismo no braço direito nem no outro. "Aquele" Renaud escrevia. Era alegre. Nada de "merda" ao amanhecer. Cantava no banheiro. Aquele Renaud gostava de música, e até do canto dos rouxinóis, que já não provocavam seus sarcasmos ("é a calhandra"); gostava da natureza, trepava em árvores, pulava cercas, pilhava os pomares com o elfo, enquanto que eu, morta de vergonha, nem tanto por causa do furto, quanto

por já termos passado da idade, ficava de tocaia na estrada. "Aquele" Renaud, em plena saúde física, se não mental, tinha um apetite devorador, deixava o uísque nos copos ou até mesmo esquecia-se de servi-lo. Não se lembrava de passar mal. Vivía. "Renaud, Renaud, que coisa poderá detê-lo? Viver, talvez, quem sabe? Mas, como viver?, eis a questão." Aí estava. Ele vivia. Até então, eu tinha visto apenas a paródia, obtida à força de embriaguez. Ele não estava bêbedo, e vivia.

E aquele Renaud, subitamente revelado, não era o meu, era o de Rafaele. Com um passe de mágica, ela o fizera surgir de si mesmo, carruagem de uma abóbora — sejamos gentis, broto de uma árvore morta. Fizera aquilo que o amor não havia conseguido, nada nas mãos, nada nos bolsos. Em suma, era uma fada. Ou melhor, uma feiticeira.

De fato, era o tipo da pessoa que outrora teria ido para a fogueira. Sua atitude nem de moça nem de rapaz, ou antes, as duas juntas, seu jeito largado, seus olhos claros, a íris furta-cor, cheia de matizes, cercados de sombra — traço típico —, tudo teria feito, naqueles tempos crédulos, convergir as atenções sobre ela. Era o que eu me dizia em minhas cismas, pois eu também me encontrava sob o encantamento, embora em outro nível; ao contrário do que seria normal, ela agia sobre o macho pelo espírito, e, sobre a fêmea, pelos sentidos. Eu detestava seu poder feito de nada, de imponderável — e, contra isso, qual a defesa? Ela não tomava nada do que eu tinha, simplesmente fazia-o parecer irrisório, transportava para além o importante: para as nuvens. E quando Renaud, sem constrangimento, tinha para comigo gestos familiares, a intimidade não era entre nós,

mas entre eles. Com ela invertia-se tudo, e, ainda por cima, era ela quem fazia a figura de anjo: assim a via Renaud.

Felizmente, estavam todos em desacordo com esse modo de ver, senão eu me teria considerado suspeita de parcialidade: Katov tratava-a como a um bebê; Alex tinha-a na conta de uma pedante e Simone de Royer na de uma semilouca.

"E ela quase não tem a conformação de uma mulher. A não ser pelos seios, e assim mesmo..."

Eu não ousava defendê-los.

"Com certeza, é temendo confusões que ela faz tanta questão de mostrá-los — prosseguiu minha rival, numa aproximação repentina. — Deve estar entupida de complexos, como todas essas malditas intelectuais. Uma boa psicanálise em cima dela, e sobriaria apenas um gato molhado. Enquanto isso não acontece, essa espécie de mulher constitui um perigo público; seu truque é convencer os homens de que elas são gênios."

Ri: tinha a língua afiada, aquela mulher de trinta e seis anos, que o ciúme aguilhoava.

— Às vezes, sinto-me inclinada a pensar que ela é uma feiticeira.

Mal fechei a boca, senti-me idiota.

— Você está louca, minha querida, não é possível — protestou Simone de Royer, do alto de sua experiência. — É muito bonito ser liberal, mas tudo tem seus limites. Eu também passo por cima de muitas coisas: daquelas que não oferecem nenhum perigo. Mas há algumas que fazem parar, em bruto.

Virou-se para mim, notando-me o rosto imobilizado.

— Ora, — disse ela — será que você, porventura, se deixou arrastar pelas confusões deles? Não me diga que não está vendo nada.

— Mas, Simone, você acha que...

— Ninguém é tão ingênuo: ele está louco por ela, ora! Quem não vê. . .

Dei por mim no bar, meio reclinada na banquetta. Simone passava-me água gelada no rosto e Renaud dava-me pancadinhas na mão.

— O que foi que você teve? O que foi que ela teve, Simone?

— Não sei — disse Simone. — Uma fraqueza, de repente.

— Ela estava no sol — disse ele — com certeza.

— Foi isto, insolação.

— Então, não posso largá-la um minuto?

— Decerto que não — disse Simone. — E depois, este clima, de qualquer maneira, não lhe faz bem. Meu irmão me disse que ela devia ir para a montanha.

— Bem, para começar, você vai para a cama. Eu vou buscar Alex.

— Oh, não! Quero ficar. Dê-me um *pastis*. Isso me reanimará. Aliás, Alex é esperado esta tarde.

Não era o momento de ausentar-me. Reuni minhas forças, engoli o *pastis*, respirei fundo e sorri.

— Está vendo?, passou.

Desci para a arena. A inimiga, resplandecente de inocência, voltava do jogo da bocha. Havia derrotado os homens.

— Não saia — ordenou-me Renaud, reunindo-se a ela.

— Desculpe minha grosseria — disse Simone.

— Pensei que você estivesse a par. Era impossível não ter notado nada.

— Eles não dormem juntos — adiantei.

— Faltou-lhes oportunidade. Aliás, dormir não é o pior — disse ela, defendendo, de passagem, o seu caso. — O pior é isso — acrescentou, mostrando-me os dois.

Estavam sentados num peitoril, balançando as pernas. Não se olhavam. Rafaela tinha uma rosa na boca, rosa que, momentos antes, eu havia visto entre os dedos de Renaud. Pareciam-se terrivelmente e sorriam.

— Que fazer? Não está acontecendo nada.

— Impedir que aconteça e fugir o mais depressa possível.

No vão da porta, ao lado de André, Katov observava-os. Nossos olhares cruzaram e ele veio para junto de mim. Simone carregou o marido. "Não é preciso que saibam como cuidamos de sua proteção" — murmurou ela.

— Acho que vou embora, sabe, Kat? — disse eu. — Afinal, o clima não me serve.

— Quando?

— Quanto mais cedo melhor.

— De fato, — disse ele, sem perdê-los de vista — será melhor para todos.

Lá adiante, os dois não suspeitavam de nada. Deitado no peitoril, Renaud fazia para os Royer a mímica de uma das cenas de sua comum Eurídice: arranhando a lira imaginária, soltava urros terríveis. Rafaela escalou o peitoril e pôs-se a dançar na aresta.

— Rafi, — gritou Katov — desça daí!

Rafaela fez-lhe gatimônias.

— Caliban! Caliban!

— Vais levar um pontapé no rabo.

— Em pássaro saltitante me transformei e pelo céu me largarei — cantarolou Rafaele.

— Oh, Magali, se você se transforma em pássaro, eu. . .

Renaud emendava, e ei-los em pleno duelo. Tudo lhes servia.

— É preciso que eu banque também o pai.

— Conheci Renaud tomando gardenal.

Jamais havíamos falado tanto um ao outro. Mas era evidente que nossos espíritos despertavam, ao mesmo tempo, diante do perigo.

— Vamos até lá — disse Katov.

De passagem, arrancou Rafaele do peitoril, colocou-a debaixo do braço e levou-a para o refeitório, onde devíamos todos jantar. Imediatamente, ela se pôs a balir, como um cordeiro nas garras do lobo. Renaud respondia na mesma linguagem.

— Mééé, e quem vem me buscar, a mim, ovelha desgarrada?

— Cabra desgarrada, isto sim. Eu, eu vou buscá-la.

— Oh!, — disse ele — bela chave, se bem que não seja prevista no judô. Continue, acompanho-a até o fim do mundo.

Palavra imprudente. Aproveitar-me-ia dela. Justamente para onde eu queria levá-lo.

Simone providenciara para que Renaud fosse colocado entre nós; oferecendo-me sua ajuda, contava com minha cumplicidade; era preciso que o perigo fosse grave, para uma aliança; a verdade, entretanto, é que agora ela já não me causava o menor temor; seus divertimentos não me roubavam mais

que migalhas, e eram esquecidos; sobre o outro flanco é que eu estava totalmente ameaçada.

Simone encheu o copo de Renaud; soberbo, ele mascarava nossos jogos dissimulados, espezinhando Heidegger. Eu também bebia grandes doses, sem me servir de água, e a atmosfera tornava-se cálida entre os Royer e nós; André entregava-se à espera, eu não era desencorajadora, Renaud não via nisso nada de mal, eu tampouco, enfim, não via eu, em tudo aquilo, senão um mal muito pequeno. Katov, sentindo-se demais, arrastara Rafaele sem que ninguém os retivesse. Reencontrávamos o antigo planeta e os tempos heróicos; eu entrava novamente no combate, disposta a arrancar o que quisessem. Em última análise, aquela fuga, para o anjo, não passava de uma variante das outras, não passava de um abismo como elas, se bem que invertido. Um abismo cavado para cima.

— Que sesta eu vou fazer! — disse Simone, arriscando um olhar para Renaud.

— Eu também — disse eu.

— Boa idéia — disse Renaud — para um domingo. Mas levemos a garrafa.

Era um dia esquisito. Um domingo de setembro, cheio de vapores quentes e pesados. Da janela, lá em cima, eu contemplava o vale; dentro em breve eu ia deixá-lo; o mais breve possível. Sob as oliveiras, lá embaixo, avistei uma delgada forma escura. "Ela" havia escapado de Katov, procurava, vagava na solidão longe de seu duplo; no interior do quarto, Renaud chamou-me; ele estava fora do jogo. Pela primeira vez, eu manejava o pesadelo a meu bel-prazer. André estendera-me um copo cheio de vodca que eu havia bebido de um trago. É preciso pagar caro para desviar o destino. A imagem de Rafaele sob

as oliveiras não me abandonou um instante. Eu matava a sede em fontes turvas.

Quando tornamos a descer, tarde, o ar havia perdido a estranha consistência pesada de momentos antes; o sol declinava; o demônio passara; quase refrescara; tornei a subir para buscar um xale.

No bar, Renaud já havia prosseguido com os *pastis*. Jogado em seu canto, sombrio, ele atingia seu teto, ou seu chão.

— Aborreço-me! — gritou, ao avistar-me. — Por que diabo você desaparece a todo instante? — Havia-me ausentado apenas três minutos, mas, quem sabe, para ele talvez isso representasse uma era geológica. — Sinto falta de alguma coisa! Preciso de alguém perto de mim, sempre, permanentemente, muita gente, senão fujo de toda parte. É preciso calafetar todas as minhas brechas. Não suporto solidão! Vejo morcegos.

— Não é verdade — disse Simone. — Ele não vê morcegos, é chantagem. Ele tem sua crise.

— Minha crise permanente — confirmou ele. — Sim. A alegria é que é uma crise. Uma crise rara, na merda da crise permanente. René, um *pastis*; não, dois, assim você não se incomodará duas vezes, escute, traga um de cinco em cinco minutos, assim não mais incomodarei você. Sente-se, minha jóia. Oh! não, não se levante — disse para Simone, que simulava uma restituição de meu legítimo lugar. — Nós nos apertaremos, sentirei mais calor, duas jóias não são demais, quando a gente perde a graça!... Onde está a graça? René, uma graça! E tome cem escudos. Encontrei minha Eurídice, nada igua-ala a minha dor! Para onde vai você, tesouro temporal?

Corri para o lavatório. Apesar de tudo, eu havia

excedido minhas forças, sentia enjôo até na alma.

— Está doente? — perguntou-me a atilada Simone, quando voltei.

— Um pouco.

— Ela sempre está doente, quando é preciso — disse Renaud. — Geneviève é perfeita. Nenhuma falha.

— Por que quando é preciso? — disse André, alheio ao curso dos acontecimentos, e fez uma careta ao receber na canela o pontapé da mulher.

— A graça — disse Renaud, melancólico. — A graça, essa comete erros. É indefesa. Ela acredita. Está segura de que isso basta: pois bem, não. Aqui, não. Ela oferece a outra face: o quê, você não tem uma terceira? Estou ouvindo o uivar dos lobos, meus amigos, protejam-me. . . A graça passeia sob as oliveiras e os lobos andam atrás dela. E eu fico aqui? Sou um trapo. Não, não dirão que D. Quixote de la Manara não tentou salvar sua alma, ao menos uma vez.

Levantou-se, empurrando a mesa.

— Renaud!

— Não se preocupe — disse Simone. — Ele não irá muito longe. Está maduro. À sua saúde — acrescentou, erguendo o copo.

Ele lhe fez o copo saltar das mãos. "Envenenadora!" gritou, e dirigiu-se para a porta, ereto como um círio.

— Agora não poderão mais impedir-me — disse, e estatelou-se no ladrilho.

Fui sacudida por um riso nervoso.

— Não, não foi nada — disse Renaud, ao ser levantado por André, batendo a poeira. — Um acidente, pisei em falso. É de família. Pois bem, desta

vez falhou, cheguei tarde demais. Geneviève, você ainda pode juntar os pedaços.

— Geneviève não pode juntar coisa alguma — disse Simone. — Ela é quem necessita ser juntada.

— Quem juntará quem? — disse Renaud. — Já não se sabe.

— André, telefone para Alex, que venha depressa, acho que Gigi está muito mal. Vou levá-la para cima.

Eu tinha 39,8.º. Alex ordenou que partíssemos para Walberg logo que amanhecesse; Simone tinha razão; Simone dirigiria e voltaria no carro do irmão. Absolutamente, aquilo não era incômodo, era um belo passeio; e depois, as circunstâncias exigiam. Simone era uma preciosidade. Foram buscar e avisar Renaud, o qual, no campo de bocha, em final de bebedeira, espiava as pombas, e o mandaram ao meu encontro.

Ele se mostrava repentinamente acabrunhado. Minha doença, para ele também era uma recaída. Traziam-no de volta para a terra. Quase não tocou no jantar, que eu mandara servir no quarto.

— Estou cansado — disse, empurrando o creme. — Cansado, esgotado, pregado, esvaziado. Lasso. Sabe, devo ter vivido mais depressa que todo mundo. Esta noite completo oitenta anos. É preciso comemorar — emendou, novamente empolgado pelo mecanismo das palavras. — É preciso que você me dê os parabéns.

Tocou a campainha e pediu champanha.

— Você pode beber champanha? Tomará um gole. Champanha nunca é proibido. Vamos, beba aos meus oitenta anos. Sim, nada de histórias. Dê-me os parabéns. Parabéns pelos oitenta anos, Re-

naud. Vamos, coragem. Reconheço que é preciso coragem.

— Parabéns pelos oitenta anos, Renaud — murmurei, debilmente.

— Aí está. Você está vendo que pode, desde que queira. Ê preciso que os dois se consolem, temos razões para estar tristes. Não as mesmas. Mas isso não obsta. Chego tarde demais. Estou muito velho. Há muito tempo, aliás. Desde o começo. Ê tempo de confessar-lhe a verdade; eu devia tê-la prevenido: não eram vinte e oito anos que eu tinha, quando a conheci, e que faria agora vinte e nove — ah, onde estão meus vinte e nove anos, será que já os tive alguma vez? Nem vinte e oito, nem vinte e nove, nem oitenta, não, a verdade é que sou velho como o mundo, com um dia de diferença, e tão cansado quanto o mundo, tudo se explica. Vivi cada um dos dias desse pobre mundo e, o que é mais, lembro-me disso e não é nada engraçado. Oh! neves de antanho que nunca existiram e não existirão jamais! A neve era quente naquele tempo, e eu lá estava. Mas aquele tempo nunca existiu, e não subiremos à fonte, porque nunca houve fonte, os rios, vêm do mar e Bach está morto. Não sobreviverei a ele. Amei demais o mundo e morro com ele, ó essências, ó claridades, ó embrulhadas!, desta vez estou mesmo bêbedo, é a primeira vez. Você não sabe o que fervilha no fundo deste mar, filhinha, e quanta palavra é preciso remover para ficar surdo. Toda a consciência do mundo está reunida aí, o que não passa de amor inútil, sem objeto, amor desesperado, gota d'água no deserto, você compreende afinal que eu possa ter sede? Não, você não sabe o que é o amor; sei o que digo, você não sabe. Ê impossível. Estou muito cansado. Faça-me

repousar. Você é o repouso do guerreiro, do guerreiro poltrão, do emboscado. Nossa Senhora dos Desertores, tende piedade de mim. Quero dormir-morrer e para isso uma mulher é o melhor sistema. O amor é uma eutanásia. Embale-me, leve-me de volta para o ventre de minha mãe, em outras palavras, ame-me. Tanto pior.

*

— Você apresentará nossas desculpas aos Katov, quando descer, é muito cedo para nos despedirmos deles. É um pouco grosseiro ir embora desse modo.

Era eu quem dizia isso, e não Renaud. Renaud não dizia nada.

— Não se preocupe com esses detalhes — disse Simone. — É um caso de força maior. Alex é taxativo. Deixe comigo.

É uma manhã radiosa. O arrulhar dos pombos nos acompanha até a partida. Simone ao volante, tomamos pela grande curva em forma de grampo. Por um instante Renaud levanta a cabeça na direção do contraforte de Saint-Paul.

*

Minha temperatura caiu em três dias. "Talvez seja um rebate falso, dissera Alex; com você, como é que se pode saber? Seja como for, aproveitemos, a ocasião é excelente. Em qualquer outro lugar você estará melhor do que aqui."

Rebate falso. Ou reflexo de defesa admiravelmente condicionado. Meu cérebro talvez tivesse en-

gendrado um novo centro vital. Sem sombra de dúvida, se eu me tivesse desvanecido em fumaça, instintivamente Renaud teria fugido para lá. Eu percebia sua atração; ele se encontrava num estado de nostalgia aguda. Acontecia que, por uma vez, a terra não era redonda, havia uma direção privilegiada, que se chamava, no momento, o Mar. Cicatrizava mal a carne cortada, ele tinha uma chaga do lado, como um irmão siamês recém-operado. Era do flanco que ele sofria. Havia contraído um sestro: olhava para o próprio lado, como que esperando encontrar alguém; mas não havia ninguém, era o vazio; distraía-se com uma ocupação qualquer; depois, tornava a olhar. Lembrava-me certas atitudes de Coco nos momentos de privação: metia a mão constantemente no bolso direito, onde estava a seringa; retirava-a; alguns segundos depois, tornava a colocá-la no bolso; do mesmo modo o fumante estende a mão para o cinzeiro; ah!, não há mais; torna a estender a mão; até o infinito; jamais se convencerá. Renaud transferia constantemente para o que ele tinha ao alcance: azeitonas, amendoins, batatas fritas, ou então, eu; o mais das vezes, um copo. Necessitava ocupar as mãos, ou os dentes, sabe Deus o quê; encher um buraco em alguma parte que não tinha nome. Esse nome, eu o sabia — daria o pescoço à força como não se tratava de amor, como pensava Simone, mas de alguma coisa muito mais confusa e indefinível, de uma escapatória, sempre a mesma, aquele desejo de dar as costas à realidade, de perder-se, de destruir-se, e que talvez fosse, no fundo, a atração da morte.

Ah!, mas, do outro lado, eu puxava, apesar de suas resistências sutis e complexas, nas quais ele a-

plicava toda a sua inteligência, ao invés de empregá-la em viver e ser feliz — enorme energia jogada a um abismo negro, em pura perda, quando, bem usada, talvez tivesse feito dele um triunfador, e, de sua vida, um êxito.

Arrastei-o rumo ao norte sem dizer palavra, logo que me refiz, em menos de duas semanas.

Ele era pesado de arrastar, embebia-se como uma esponja para fins de propulsão — a sinistra garrafa na mão, dentro do carro, bebia no gargalo, insolente e provocador, embora mudo, esperando uma censura indefinidamente adiada, à espera da qual eu respondia calcando o pé no acelerador, igualmente imperturbável e muda, secretando quilômetros com uma determinação inalterável, mesmo em se tratando de um tonel de uísque reprovador. Cada quilômetro posto no bolso, lançando ao meu crédito, em meu paiol, aumentava a distância salvadora entre ele e sua morte, cada quilômetro prendendo-o à possibilidade de viver, à sua revelia, atando-o, eu fazia a estrada funcionar como uma corda, o cabo que recolhe o naufrago encurtava-se, eu vencia, vencia, o espaço trabalhava a meu favor. Ele, a alma voltada para trás como a mulher de Ló, transformado a meu lado em estátua de sal, estagnado numa embriaguez indispensável para me enfrentar, mas que ao mesmo tempo o paralisava.

Breve atingiremos Paris: velha moldura, velhos hábitos, realidade onde inseri-lo firmemente, recolocá-lo de pé, que ele assim aprenda a manter-se, se Deus for servido, reconhecendo, afinal que se vive melhor com a cabeça em cima dos ombros.

V

Comprei primeiro o toca-disco. Era preciso suprir-lhe rapidamente as necessidades da alma. Música antes de tudo. Renaud, desconfiado, disse que não entendia nada do assunto; adquiri o que havia de melhor. Muni-o de um catálogo, a fim de que ele fizesse sua escolha. Essa leitura o chateou.

— Compre o que você quiser, minha querida — disse ele, bonachão.

— Não entendo nada do assunto.

— Eu tampouco.

— Renaud, não é verdade!

— Leve o que você quiser, é você que quer os discos.

Eu estava escandalizada e sentia-me uma idiota na loja, arrastando atrás de mim aquele peso morto, não obstante crítico; minha escassa cultura musical baralhou-se, não me restou na cabeça mais que as sinfonias de Beethoven, mas o pouco caso que Renaud fizera de uma delas levou-me a renunciar a esse autor. Balbuciei o nome de Mozart.

— Você gosta de Mozart, Renaud?

— Não é mau.

O vendedor apiedou-se de mim; forneceu-me todos os preços de disco e de algumas obras de vulto, Messias, Réquiens, Criações, Paixões.

— *La Jeune Filie et la Mort* — propôs, afinal, Renaud.

Deixei um cheque de duzentos mil francos. Anotaram meu telefone, acompanharam-me até a porta, colocaram tudo no carro, cuja porta fecharam com as demonstrações da mais viva consideração. Uma vez em casa, apressei-me em desembulhar tudo.

— O que é que você quer que eu ponha?

Renaud havia comprado romances policiais. Estava entregue à leitura de um deles, chafurdando na cama, a garrafa ao alcance da mão.

— Ponha qualquer coisa que não perturbe a leitura.

*

O caso do piano começou no mesmo estilo.

— Para quê? — disse ele. — É uma despesa enorme.

Caíram-me os braços. Aquele argumento em sua boca! Confundia-me. Insisti. Insisti!, parecia um sonho.

— Enfim, se você quer ter um piano, não vou proibi-la disso.

Bom, de fato, eu queria mesmo um piano. Ficava bem numa casa. É decorativo.

— Leve o que você quiser, minha cara — disse ele, revidando.

O piano que eu quisesse! Arriscava-me a levar uma espineta. Ele viu minha confusão e condescendeu, sim, condescendeu em afundar algumas teclas aqui e ali, dizendo: "Este aqui." Era para terminar. Aborrecia-se na "sala dos pianos perdidos".

Posto em casa com grande esforço, o instru-

mento aí não mais foi tocado. Duzentos e cinquenta mil francos, era muito dinheiro por um adorno. Coloquei flores em cima, para amenizar.

Às vezes, para minha cultura pessoal, eu punha um disco; não muito alto, para não incomodar Renaud. Entretanto, perdia-me nas obras monumentais que eu tolamente havia comprado. Não conseguia gostar de música. As condições não eram favoráveis a uma iniciação. Na verdade, eu ouvia através "deles", com um abominável sentimento de exclusão. Finalmente, supor-tei apenas Schubert; o único que Renaud tinha escolhido; sua ironia havia ainda encontrado o meio de atingir o alvo.

Não era muito lucrativo fazer gastos com Renaud Sarti. Rodávamos na nova Citroen havia uma semana quando ele deu pela coisa. E assim era com tudo mais. Eu podia grelhar meus salmonetes, mas era como se não comêssemos mais que arenques. "Por que todo esse trabalho?", dizia ele, candidamente, quando, cheia de despeito, eu lhe chamava a atenção para alguma coisa: deixava-me ridícula, com as oferendas nos braços, minhas despesas despropositadas de novo-rico. Todos os meus esforços eram um fiasco. Os foguetes que faziam maravilhas em Saint-Paul espocavam-me nas mãos. Eu era um Cabo Canaveral. "Ora, não era preciso, eu não tinha necessidade disto... Por quê, para quem tudo isso? Para mim? Quem sou eu... Eu não existo." E mergulhava em seu romance policial. "Você está sonhando, meu bem." Era o que me parecia. Para onde havia ido aquele Renaud maravilhoso, aquele homem transbordante como uma barragem que se rompeu? O filme passa ao contrário, a água volta para a

nascente, a bala para o fuzil, o rebroto para a madeira. Nunca mais aquele galho seco reverdecera. Nunca mais houve outra coisa além do Renaud de entre paredes, dos copos e das camas.

Nos domínios para os quais decididamente eu parecia ter vocação, "meu trabalho" compensava. De modo algum eu o economizava. Não se fazem omeletas sem quebrar ovos; foi um lindo estrago. Eu era exemplar. De uma vez por todas, resolvera a questão pela total obediência e a disciplina absoluta. Nada recusar, era meu ascetismo, e se me acontecia encontrar nisso algum prazer, era por antecipação, enquanto no fundo de meu cérebro eu acalentava o sonho de um futuro tranqüilo: um dia, tudo terá terminado, seja porque eu terei morrido ou porque terei vencido; obteria a paz, a do túmulo ou a do triunfo. Mas Renaud não via o fundo de meu cérebro, ou não o levava em conta. Numa neblina luminosa — em que, entretanto, por vezes dançavam, confessava ele, lantejoulas negras mais luminosas ainda quanto ao futuro que prometiam, e o alarido de mil rios nos ouvidos — ele derramava desordenadamente o excesso de vida, com o concurso de minha passividade, pela qual me felicitava. Meu querido ingênuo: sua Eurídice, meu amigo, não canta apenas com o coração, isso você não se lembrou de prever em sua ópera, contudo seria de um belo efeito cênico, ela canta uma música ainda mais concreta do que você imaginou: que fazer, na guerra como na guerra, quem quer os fins quer os meios, e por cima do cadáver! Dentro desse espírito foi que a aventura Royer, iniciada em Saint-Paul, prosseguiu em noites romanas em que só faltavam as criancinhas embaixo das mesas, noites que se prolongavam até a semana seguinte, em Paris

ou em Médan, com ou sem convidados adredes. Nessa nova vida Renaud podia mergulhar por completo, provavelmente sem saber mais onde estava submerso, sendo que o importante era estar submerso "no ventre da baleia, dizia ele; de onde Jonas, sabendo o que o espera lá fora e quão inúteis são as profecias da destruição de Nínive, e conhecendo a falta de coragem de Deus, e que Nínive nunca será destruída — de onde Jonas prefere jamais sair". Sua eloquência só o abandonava quando a embriaguez lhe cassava a palavra. "Por que ele não escreve tudo isso!", suspirava, profissionalmente, André. "E para quem?", dizia Renaud. "Nínive está sempre de pé. Não acredito na eficiência da imprensa no mundo pós-1945. Simples fato físico; este século foi ofuscado e ensurdecido."

— Você só pensa no século — disse André. — Por que procurar tão longe? Pense um pouco em você. Acredita que eu sou editor para assegurar a Difusão Universal das Mensagens? Acredito nelas tanto quanto você, transformo em prazeres o dinheiro que ganho.

— O hedonismo é a mais imunda das doutrinas, tenho nojo de você.

— Macaco não olha para o rabo. Olhe onde tem a mão, fariseu, enquanto deita falação.

— Sei onde tenho a mão — disse Renaud. — É secundário.

Era em mim. Sempre era agradável.

— Quando digo o dinheiro que ganho, — prosseguiu André — adianto-me. Minha alta literatura não conseguirá nenhum prêmio este ano, estou distanciado, e minha coleção de policiais *high level* que devia desencalhar, começou mal: que abacaxis!

Aliás, se você estivesse necessitando de quinhentos mil francos, se você quisesse provar que pode fazer o que quer tanto quanto crê, e entendendo-se que uma paródia nunca desonrou um gênio, você me improvisava, brincando, 180 páginas. Mas, naturalmente, você vai torcer a cara. Esqueça isso, e até logo.

Tínhamos uma estréia, uma ceia e, provavelmente, um após-ceia e uma noitada. Por conseguinte, devíamos voltar para casa e nos vestir convenientemente. No carro, não mais falei. Quinhentos mil. Eu acabava de pôr à venda os meus imóveis; meu capital líquido, ao invés de ser colocado, era devorado; restavam-me apenas, por assim dizer, os títulos. Incapaz de trabalhar, que faria eu dentro de algum tempo? E que faria Renaud? Sem ele, eu teria ficado tranqüila para o resto da vida, e à larga. Mas, nesse ritmo de milionária! Eu vivia como uma louca havia um ano, segundo o princípio de que podia morrer de um momento para o outro. Só que eu não morria, estava firme como um carvalho, e encontrava-me simplesmente a ponto de estourar a herança na dissolução, à maneira de um herdeiro romântico do século XIX, personagem antípoda de minha natureza. Para coroar a obra, Simone, amiga do peito, cheia de sentido prático, arranjava-me uma viúva de um acadêmico, cardíaca e desejosa de permutar seu apartamento de quarto andar, três peças, living-atelier com balcão-terraço dando para jardins do condomínio, um verdadeiro sonho, e quase uma necessidade, pois eu já não podia receber convenientemente as relações que tínhamos em nosso miserável duas-peças — permutar o seu de quarto andar por um térreo e mais uma determinada compensação, compensação que, com a minha atual leviandade, eu

havia prometido, não sabendo como sair dessa . . . O carro, o piano, a discoteca, o apartamento, os gastos miúdos de cada dia em boates e jantares — dez mil... — o uísque mensal, e havia aumentado, Virginie, etc. — em resumo, eu estava um pouco apertada e, quinhentos mil... Renaud, evidentemente, só via nisso o fervor: de uma vez por todas, eu era a cornucópia da abundância; eu jamais o surpreendera examinando uma conta de hotel, uma fatura, ou qualquer outro objeto sórdido; isso não lhe dizia respeito; mostrava, nesse particular, uma discrição de cavaleiro, e eu tinha razões para temer que o cavaleiro, ainda por cima leitor de D. Quixote, torcesse o nariz para os quinhentos mil francos. Desde um ano, entretanto, bem que lhe poderia ter ocorrido a idéia de, por seu turno, fazer um pequeno esforço, "divertindo-se" com a sua pretendida facilidade... Eu não abria a boca durante todo o trajeto.

— Filhinha, você está preocupada?

— Ahn...

Ora vejam, ele se dava conta. Novidade.

— Preocupações de dinheiro?

— Ahn...

Por outro lado, impunha-se a imprecisão. Nada de excessos, caminhávamos em cima de ovos.

— Estourou tudo?

— Tudo, não. Ainda não.

— Isso vai acontecer?

— Ahn...

— Ah!

Nada mau. Nem me queixar, nem inquietá-lo, nem tranqüilizá-lo. Discrição. Permanecer entre uma coisa e outra. Qualquer que fosse o motivo que o in-

citasse a trabalhar: afinal de contas, bendito seja. Nada podia fazer-lhe tanto bem quanto o trabalho. Ninguém escapava a seus efeitos salvadores, por que ele seria diferente dos outros? Em última análise, sua desgraça era a ociosidade. Meus meios talvez não fossem muito nobres, mas os fins o eram.

— Bah, isso não tem importância. Mudarei de padrão de vida. — Eu havia vestido duas anáguas pretas e um sutiã de renda *chantilly* branca.

— Você tem um belo padrão — disse Renaud. — Seria uma pena que você o mudasse. Não ponha ainda o vestido, preciso falar com você. Na verdade, um homem civilizado devia ter vontade de lhe pagar as anáguas. Serei um bruto? Venha cá, para que eu veja se isto vale a pena.

— Vale a pena — disse ele. — Não sou um bruto. Você quer que eu faça um pequeno romance policial para lhe pagar as anáguas? — Como aquilo me parecia estranho!, uma fantasia assim, de passagem. Renaud pagando-me as coisas, isso me faria bem na vida.

— Querido, não quero que você se comprometa.

Nada de entusiasmos excessivos. E mostrar honestidade.

— Isso é bem você — disse ele. — Comprometer o quê? Quem? Eu? Quem sou eu? Não sou nada. Não há nada a comprometer. Estamos comprometidos desde o momento em que vivemos neste estreme e consentimos em ficar nele. Um pouco mais, um pouco menos comprometido...

— Contudo, um policial, você...

Aquela noite eu era a astuciosa e ele o ingênuo. Sentia orgulho de mim mesma.

— Você não percebe, minha gatinha — disse ele, com candura. — Um policial é menos comprometedor que a literatura. A chamada literatura. É a diferença exata entre fazer o *trottoir* na Rua Blon-del e andar atrás do Aga nos salões. Na rua Blondel é mais honesto, eu me sentiria relativamente limpo num policial. Um lindo policialzinho rechonchudo, com belas nádegas, para você, meu amor, pesadas cadeias para mim, seu amor, perco-me, cadeias leves, correntinhas. Patifaria por patifaria, pelo menos aquela que traz o nome na fachada. Vi tudo que se faz sob o sol, e eis que tudo é patifaria, patifaria das patifarias, tudo é patifaria. Então, por que não um policial? Um policial para as anáguas de uma mulher? Venha cá. Chegue para perto.

Aproximei-me. Ele me agarrou bruscamente pelos cabelos.

— Percevejo!

Soltou-me com tanta força, que caí. Precipitou-se em meu auxílio, amparou-me, deitou-me na cama, cobriu-me de beijos. "Você não sente dores? Não a machuquei?" Eu não sabia. Ainda não sabia. Ainda não acabara de me habituar às suas rápidas mudanças.

— A culpa é sua — disse ele. — Para ser assim tão hipócrita, é preciso que o seja melhor, da próxima vez cuide de suas expressões até o mínimo detalhe: pensa que eu não a vi rejubilar-se. Exultar. Porcaria. — Bebeu no gargalo o resto da garrafa, agarrou-me como um bruto e rasgou-me a anágua de *chantilly*.

— Está aí — disse ele. — Agora é preciso que eu dê outra, é minha obrigação; era onde eu queria chegar.

— Não! — gritei. — Não, prefiro andar nua em pelo.

— Pois sim — disse ele. — Não é verdade. Você prefere que eu faça um policial e eu farei.

Renaud não podia suportar as próprias bondades, só sabia dar o petisco ensopado no vinagre.

— Há um Renaud que a ama — disse ele — e um que a detesta. A verdade é que eu detesto o que ama.

Bebeu ainda mais, antes de sair; depois, bebeu na rua. Havia saído sob uma das grandes crises agudas que pontilhavam sua crise permanente e contra as quais nada havia a fazer, pois, nelas, ele queria beber, decidira-o, livremente, segundo acreditava, posto que se tratasse apenas de uma liberdade relativa dentro de uma ausência total de liberdade, e liberdade no sentido dos grilhões, e que decerto ele teria sido incapaz de tomar a mesma liberdade em outro sentido. Mas, como se presumia livre, admitia menos que nunca as resistências que, aliás, jamais admitia. Resumindo, sempre o mesmo lindo círculo.

Estava tão bêbado que vaiou a peça — era ruim, é verdade; mas, em todo o caso, uma estréia, e ceariamos com o autor — que todos os demais haviam aplaudido. Nada covarde, a covardia não estava em seu caráter, ele dava tão pouca importância ao que quer que fosse, para ter medo de alguma coisa. À mesa, Renaud dissecou a pobre peça a tal ponto que o autor se aborreceu, quase atracaram-se. Alegou-se, à parte, que o autor estava lidando com um alcoólatra notório, que não valia a pena prestar a atenção. Eu me sentia um pouco envergonhada. Renaud, não. Divertia-se. Renaud prometeu a S. dar-lhe sua *Eurídice* para que ele vaiasse, como desforra; ve-

jam só, ele ainda pensava nisso. A coisa serenou, mas, à sobremesa, Renaud entou a *Internacional*. Estávamos no Tokay. A boate estava cheia de húngaros emigrados, que empalideceram. A situação piorava. E depois, "somos nós, os forçados da fome" depois daquela glotonaria, era ignóbil; o que, aliás, era do agrado de Renaud. Alex ajudou-me a tirá-lo dali, metê-lo no carro e levá-lo para casa. Estava tão doente que Alex teve que lhe aplicar uma injeção e, ainda de surpresa. Ele nos odiava.

— A coisa se acelera — disse-me Alex, logo que ele, afinal, adormeceu.

— É, sim.

— Que faz você, para impedir?

— Que quer que eu faça? — disse eu, irritada, pois ele assumia um ar de censura. — Experimento tudo. Pensa você que ele se deixa levar? Quando quer, quer mesmo.

— É isso mesmo, quando ele quer, sei que não há nada a fazer. Mas você não achou nada para impedi-lo de querer?

— Não! Não achei nada.

— Coitado! — disse Alex. — Se ao menos pudesse fazer algo que realmente o satisfizesse, que o totalizasse... Procure fazê-lo trabalhar, senão ele se acaba...

— É exatamente o que estou tentando neste momento! E o resultado é o que você está vendo.

Renaud despertou sem memória de seu escândalo da véspera, com um reumatismo agudo no braço direito. Evidentemente, eu não podia ser tão cruel para falar em escrever a um homem cujo braço direito estava paralisado. Ademais, não havia nada que o horrorizasse tanto quanto lembrar-lhe suas

promessas. Dei-lhe silicilato, mas seu estômago não tolerou; ficamos entre o reumatismo e a úlcera durante um bom momento, findo o qual ocorreu-me a idéia genial de um ditafone: "Que capricho engraçado!" disse Renaud, e indagou o preço. Cento e vinte mil. Não mais ousei insistir cerradamente. Esperei que sua inteligência fizesse o resto; em geral, ele captava perfeitamente os símbolos. Divertiu-se várias horas. Imitou chefes de Estado e animais, disse-me que um trem elétrico teria custado menos. Mas, no dia seguinte, quase morri de vergonha: à noite, ele havia empoleirado o microfone junto à cama. A exatidão desse excelente aparelho era de enlouquecer. Uma idéia genial, na verdade; ali estava, pois, a utilidade que ele encontrara para o aparelho! Durante alguns dias constituiu uma fonoteca especial, da qual só me restava esperar que ele não desse audições públicas. Quanto a gravar o romance policial, a idéia não lhe ocorreu. Entretanto, pensava nele: "O prometido é devido", sentenciou e, sentindo-se insultado ante meu ar de estupefação, decidiu, como prova, contar a história: aqui está a heroína, chama-se Claude Amieux — percebe a alusão?, — pela janela de um carro de corpo diplomático, em que ia com seu noivo, ela deixou voar o seu diário íntimo, inadvertidamente redigido no verso de folhas de papel contendo segredos de estado e pertencentes a seu pai, coronel atomista; lança-se ela à procura do diário. Partindo virgem, a pobre Claude é violentada, logo que empurra uma porta, seja por um espião que leu o anverso, seja por um sátiro que leu o verso, ou vice-versa, e o noivo, adido de embaixada e impotente, chega, em ambas as vezes, após a consumação do ato. O diário íntimo, do qual

seriam citados fragmentos truncados — daí os curiosos encadeamentos — à medida que fosse recuperado, isto é, à medida que ocorressem os estupros — você está me acompanhando?

Eu acompanhava; pusera o ditafone em funcionamento. "...o diário íntimo seria um abominável amálgama de modelos de tricô, de arroubos místicos, de sonhos obscenos, de reformas sociais e de receitas culinárias; recheados de horríveis detalhes sobre como desentupir lavatórios, falar aos pobres, livrar-se do mau hálito, esvaziar radiadores, sarjar tumores, e de hipóteses botânicas sobre como nascem as crianças, uma descrição do céu saint-sulpiciano à maneira de Dante, em versos brancos, uma exegese teológica sobre a questão do Santo Gral, etc. Seria a parte propriamente literária". "No final;, prosseguiu ele, em plena improvisação, os sátiros eram presos como espiões — os espiões ainda estavam correndo — e interrogados; aqui, diálogo salgado, carregado de mal-entendidos; podia-se até fazer uma peça, depois, se se quisesse." Abreviando, os pobres sátiros seriam fuzilados durante a missa de casamento entre a ex-virgem, grávida, e o adido, sempre impotente. O título seria: A Virgem Desfolhada. André, a quem transmiti essas informações otimistas, mostrou-se satisfeito. Renaud declarou que assinaria o próprio nome. "Inútil comprometer seu nome, disse o editor, de qualquer maneira ele é desconhecido fora de meus salões." Assinar não era comprometer-se, disse Renaud, ao contrário: era preciso assinar a merda, se se tinha honra. Renaud falando em honra! Afinal, de que é que ele não falava? Falava agora das verdadeiras obras que, de resto, ele jamais escreveria; mas, se isso acontecesse,

suponhamos, então, aí mesmo é que ele de modo algum assinaria. Anônima, eis o que deve ser uma obra, e não ligada a uma miserável pessoa limitada. Vejam a Bíblia, o Livro dos Mortos... Mas não se tratava da Bíblia nem do Livro dos Mortos, e sim do romance policial assinado por Jean Renaud Sarti, que só faltava ser feito, e nisso ele pensava seriamente; aliás, ele tinha até mesmo outra idéia por trás dessa. Pendurei novamente o microfone. A coisa desenrolava-se numa usina atômica, onde, tendo sido notadas certas esquisitices, e esquisitices numa usina atômica constituíam um grande perigo, chegara-se à conclusão de que um dos sábios estava a ponto de enlouquecer. Qual deles? Eram todos submetidos a testes, o que dava resultados contraditórios a respeito do nível mental de cada um; depois, a uma Máquina-de-ler-no-fundo-dos-corações que Renaud havia inventado e graças à qual, ver-se-ia, por fim, o que existe no fundo do coração dos grandes espíritos, dizia Renaud, que dizia, dizia, mas continuava a não fazer nada, como sempre, a não ser dizer, até o momento em que fosse atacado de afonia mais ou menos total. Como, por outro lado, não se falasse mais no reumatismo, ocorreu-me outra idéia genial ou melhor, dei-me conta de uma lacuna em meu apartamento, se é que ele devia transformar-se no *habitat* de um escritor: o escritor não tinha mesa. Bem que existia uma grande escrivaninha na outra peça, porém o ímpeto de Renaud jamais seria bastante poderoso para projetá-lo tão longe da cama. Era preciso uma mesa junto à cama, um recanto seu, o qual, em minha famosa falta de iniciativa, eu jamais cogitara de proporcionar-lhe. Eu era a última das criaturas. Mas ia redimir-me. Arrastei-o pelo

mercado de objetos usados, e esperei uma reação do tipo "discos". Ele foi possuído por um acesso maníaco: sim, uma mesa, era o que ele queria; mas era preciso uma certa qualidade de madeira, um certo brilho de tampo, uma certa altura suficiente para abrigar-lhe as enormes pernas, certa largura para que ele estendesse seus braços intermináveis. Depois de todo um sábado e metade de um domingo, foi encontrada uma peça rústica em carvalho, o tampo inteiro, sem a inadmissível fenda no meio, correspondendo a todos os requisitos. Adquirimo-la por um preço exorbitante, a meu ver indigno de regatear. Parecia ser Luiz XIII. Não era. Mas agradava a Renaud, o que era um estilo ainda melhor. Começou, então, o Romance da Cadeira. Primeiro, devia ser sólida, em segundo lugar, macia, pois Renaud tinha as nádegas ossudas e repugnava-lhe o artifício das almofadas. Afinal, suas dimensões deviam adequar-se às da mesa, às pernas, ao apoio dos cotovelos. Tais requisitos tornavam obrigatório o transporte da mesa a cada barraca onde uma cadeira era considerada. Passávamos por loucos. Quando, na tarde de uma segunda-feira, o denominador comum de tantos fatores foi encontrado, o vendedor estava alertado pelos colegas a respeito dos dois maníacos. Vendo que a escolha recaía sobre si, exigiu 18.000 francos por um vetusto assento que tivera seus dias numa cozinha de fazenda, e pela qual o cujo artífice camponês, por volta de 1880, não devia ter pedido mais de oito vinténs. A mesa havia custado trinta e dois mil. O total era redondo, e não demasiado para as esperanças que encerrava. Ademais, havíamos passado três dias encantadores, matando a fome com salsichas, num verdadeiro piquenique. Por meu tur-

no, levei uma anágua com certificado de antigüidade, e, se bem que não tivesse lareira, um par de admiráveis espevitadores de fogo: pensava, já, no apartamento da viúva.

Ao ser entregue, a mesa revelou-se demasiado grande, a menos que mudássemos o lugar da cama e alterássemos toda a arrumação da peça. Desarrumamos. A alegria de Renaud tornava-me hercúlea e ingrata para com o passado: eu havia feito mais ou menos o voto de conservar os móveis como meu pai os havia deixado. Mas, bah!, a vida é a vida, é preciso respeitá-la também, meus mortos que enterrassem meus mortos. Afinal, a mesa foi colocada de tal modo, que Renaud podia passar dela para a cama sem solução de continuidade, condição *sine qua non* para seu uso. Fazendo-o imediatamente, deu-me uma cambalhota e colocou-me em cima dela, "para o batismo". Experimentemos a cadeira, disse ele, amanhã, ela o merece, custou bastante caro.

Tendo "experimentado" com sucesso, Renaud sentou-se e passou o resto do dia provando o conjunto. Lá pela noite, até mesmo colocou a garrafa sobre a mesa, o que lhe sancionava a promoção. No dia seguinte, trouxe para ali folhas em branco e esferográficas de diversas cores. Era cada vez mais o escritor. Infelizmente, quando tudo estava no ponto, seu reumatismo fez uma nova e violenta ofensiva. Mudo, paralítico, era demais, deixou-se arrastar até Alex, apesar de sua repulsa pelo exame; mas tinha medo de estar com câncer, o câncer dos fumantes: andava já pelos três maços. Alex virou-o pelo avesso.

Não acreditava que fosse câncer, disse, prudentemente, pelo menos por enquanto. Por outro lado, ia-se ver o estreitamento mitral, o fôlego diminuía,

não era?; sim, com certeza; quanto ao reumatismo, que a investigação revelou passageiro, tratava-se, na verdade, de uma nefrite das boas, era forçoso, e Renaud sabia-o melhor que ninguém; de fato, o organismo estava completamente deteriorado e prestes a entrar em ruína. Mas, decerto, Renaud não o ignorava. Se havia alguma chance, Alex aconselhava fumar menos, ou mesmo deixar de fumar, etc. Mas, dizia ele, Renaud Sarti era maior e sabia o que fazia.

— Pouco me importa — disse Renaud, com atrevimento, num tom um pouco forçado.

— A mim muito menos — disse Alex.

— Então, não há nada para engolir?

— Se isto pode lhe causar algum prazer, posso dar-lhe vitaminas. Tome, — disse Alex, entregando-lhe uma amostra de vitamina B — isto nunca lhe faria mal.

Matamo-nos, ou vivemos. Os que fazem pouco caso de morrer têm tanto horror de estar doentes quanto os outros. "E, dizia Alex, não há nada tão mofino quanto um filósofo; e se têm que suportar mais uma arranhadela, então!"

— É preciso que ele se decida, você sabe, minha filha: no ponto em que você o deixou chegar, não há mais outra solução. Se você pudesse casar com ele! Ele falou nisso, certa vez; seria o meio de obrigá-lo a cuidar-se. Eu daria uma ajuda, isso se torna vital.

Casar com Renaud!, como era fácil. Não era nele que se podia dar o clássico golpe, por exemplo: com um atraso de dez dias, eu nem mesmo ousara dizer-lhe nada. Aliás, a Alex tampouco. Alex ficaria furioso, eu podia ouvir-lhe as palavras: filho de uma tuberculosa e de um alcoólatra, que belo pimpolho!

Quanto a Renaud, fugiria como um foguete. Todavia...

Todavia eu fizera tudo para chegar aonde estava, impelida por um conjunto de sentimentos disparatados, em cujo primeiro plano figura um desejo biológico incoercível, que me fazia, após o amor desejar sua conseqüência natural; retardava-me, então, sob diversos pretextos, as precauções me repugnavam, etc. No momento oportuno, esse instinto deixava-me cega quanto aos vários inconvenientes. Um de seus pretextos era que até mesmo um tipo como Renaud não podia, tão completamente quanto desejava, furtar-se à atração terrestre, a um impulso tão essencial; nunca nos libertamos totalmente da natureza. Em vão amaldiçoamos o dia que nos concebeu, ninguém tem a coragem de amaldiçoar cem por cento o futuro. Em suma, eu dera um jeito de ficar grávida, engravidara, e, acontecesse o que acontecesse, eu queria um filho de Renaud. Talvez o secreto desejo de recomeçar um Renaud da estaca zero e, resumindo, efetuar seu resgate através de outro caminho, se eu falhasse neste; um pequeno Renaud novo em folha, que nunca tivesse bebido, que nunca tivesse desesperado, e sabe Deus como eu tudo faria para que ele nunca desesperasse. Afinal, Renaud não tivera mãe, todo o mal talvez viesse daí. Um pequeno Renaud novo em folha — que sonho! Eu o mimava de antemão, em pensamento. E ainda que Renaud algum dia me deixasse, não me abandonaria por completo.

Não existe nada cujo desenrolar seja mais fatal que a gravidez; nada que torne tão fatalista e de algum modo invulnerável, monstruosamente egoísta, em nome do próprio contrário do egoísmo: a coisa primacial era minha preservação, minha preservação

como receptáculo de uma outra vida diversa da minha — e que vida! O filho do próprio Renaud Sarti. Sentia-me nada mais nada menos que um tabernáculo, um templo, e até mesmo meus gestos não eram mais os meus, e sim os de um humilde portador; tudo que eu temia era um acidente com o portador; repousava-o o máximo, alimentava-o cuidadosamente, cuidava dele como do jardim do rei; pensava — instinto de nidificação — em apressar a mudança; esperava; eu não era mais que uma longa espera imóvel — imóvel em meio aos avatares de uma existência que já não me pertencia. Alívio profundo, que paz! Outrora, sentia-me sempre um pouco culpada, quando me preocupava com minha simples saúde; agora, minha saúde era um dever imperioso, era a do pequenino Renaud. Aliás, eu nunca me portara tão bem: meu corpo, decididamente, era dotado de consciência! Sem me desligar, conservava-me um pouco a distância: em redor, podia acontecer tudo; no limite, pode desmoronar tudo, permaneço. Tudo, aliás, desmoronava. Não que isso me desse prazer. Mas eu não estava em condições de agir sobre os acontecimentos, não era a ocasião, providenciava-se depois.

Renaud ia-se aos pedaços, em frangalhos, fazia água por todos os lados, sofria de achaques por todo o corpo e de alucinações visuais e auditivas, e também mentais. Imaginava, por exemplo, ter feito isso ou aquilo, ter escrito um romance policial, entre outras coisas, vivia uma vida suplementar — não tão suplementar assim, pois quase não vivia a verdadeira, não suplementar mas suposta, se bem que de fato, não tivesse nenhuma delas. Noutros tempos, como me teriam feito adoecer os dias que começavam pelo

famoso "merda", chaga aberta simultaneamente com as pálpebras, e para a qual o único bálsamo era o primeiro trago; por sobre os dias logo se desdobrava um céu escuro, baixo, sufocante. "Estou só, estou só, estou só...", mas, se eu simulava uma retirada: "não me deixe!", contradição incessantemente repetida. Longas horas de completo embrutecimento, e os "eu vou fazer isto" que nunca eram feitos, as ilusões infantis: termino esta garrafa e depois paro; mas, você compreende, de onde extrair a energia para me deter, senão engolindo mais alguns derradeiros goles? E o perfeccionismo irrisório, a permanente mistura do verdadeiro com o falso. Os rasgos de euforia e as quedas brutais, e o gosto de tudo devastar.

Por sobre essa onda vertiginosa e incompreensível, que outrora me teria arrastado e despedaçado, sustinha-me contudo a coisa mais frágil do mundo, uma coisa que ainda não vivia, uma minúscula esperança: o pequenino Renaud conduzia-me.

VI

Finalmente, eles voltaram para Paris. "Ela" telefonou sem perder um dia. Fui eu que atendi. Convidei-os imediatamente para jantar. Não éramos, os quatro, bons amigos? Nada de estado de alerta ostensivo: -minha desconfiança ter-lhe-ia despertado o coração e perturbado a inocência. Preparei uma ceia fria, mariscos, *foie gras*, ananás, grande quantidade de doces, vodca e champanha. Intimo e delicado. Depois de tudo pronto, notei que nada daquilo era feito por minhas mãos. O coração traía-se nos detalhes.

Renaud não traía o seu, se é que o tinha. Pelo menos claramente. Bebera já uma meia garrafa quando eles tocaram a campainha.

— Você chega bem tarde — disse ele, melancólico.

Ela ainda tinha a pele tostada, o que, na presente estação, surpreendia. Usava vestido, o que a favorecia menos que as calças. A meu ver, a cidade não lhe ia bem. Eu havia anunciado a aquisição do toca-disco: ela trazia um disco. Não um oratório monumental, a meu modo, mas um simples 78 rotações, que Renaud pôs para tocar imediatamente.

"O Rei Renaud da guerra veio — trazendo as tripas na mão...

Renaud já sorria. Lá se fora a cara de réu. Satis-

feita, Rafaele nem mesmo havia inventado aquela canção: ela tinha séculos! Os recursos da natureza estavam pois, a seu serviço?

"Nem com a mulher nem com o filho serei capaz de júbilo..."

Ela não apenas tinha idéias, mas ainda o dom da dupla vista. Acaso, evidentemente. Mas o acaso é parcial; tem seus favoritos.

"E quando chegou a meia-noite, o Rei Renaud rendeu a alma..."

— Que horas são? — disse Renaud.

— Ainda não são nove!

Riram. O laço reata-se, de chofre.

— Em alguma parte, já é meia-noite — disse ele.

— É meia-noite onde se quer.

A esposa do rei perguntava "por que esfria a terra". Pois bem, ela não teria esfriado tanto se ao menos Renaud estivesse morto! "Renaud, Renaud, meu doce senhor, aí estás, pois, no reino dos mortos..." Rafaele sorria. Tomava-se, palavra, pelo Anjo da Ressurreição. Era precisamente assim: logo que aparecia, tudo se punha de cabeça para baixo. Aí estava o dom. Vida, morte; razão, loucura. Etcétera. Por um momento, pensei em matá-la, simplesmente.

— Estou com fome — disse Katov. — O folclore é muito bonito, mas as ostras não menos.

Ora bem, ele era mais esperto do que eu. Volvi-lhe um olhar de reconhecimento, mandei Renaud buscar o vinho que estava gelando, pus meus convidados à vontade, perguntei que tempo fazia por lá, e como ia a exposição. Coisas normais. Katov apoiava-me valorosamente, emendou com nossas próprias

notícias, e anunciei triunfalmente que Renaud escrevia um livro.

— Não?! — disse Rafaele, jovial.

— Não — disse Renaud, lúgubre.

— Ah, bom. — Ela tornou a mergulhar em seu marisco.

— Que livro? — disse Katov, que não ia largar o fio. — Que livro pode escrever um homem que tem tão belos problemas?

— Um policial, por quinhentos mil francos — disse Renaud, rangendo os dentes.

— Ora!, é preciso viver — disse Katov, bonachão. — Há tempos, fiz o Sagrado Coração em cartões postais.

— Não é bem um policial, — disse eu — é uma paródia. Ele improvisa no ditafone.

— Não se canse, filhinha — disse Renaud.

— Você tem um ditafone? — exclamou Rafaele.

Renaud fez um grunido.

— Fez os ensaios para Eurídice?

— Não.

— Você tem o Orfeu?

— Não.

— Ah!

Ela quebrou entre os dentes a pata de sua lagosta. Esvaziou de um só trago o copo cheio de vodka.

— Aliás — disse ela, após a ingestão do conteúdo da pata —, não se pode fazer grande coisa com um só ditafone; apenas divertir-se em família. Ou romances policiais. Para fazer alguma coisa, necessita-se de dois.

Atacou a outra pata, a maior, que guardara para o fim. Tinha a religião do "último bocado".

— Três — retificou ela. — Dois não dão para quase nada.

— Isso custa uma fortuna — disse Katov.

— Oh, mas é ótimo! — exclamei.

— Posso lavar as mãos?

— O rosto também — disse Katov. — Tome logo um banho.

Tinha lagosta até nas orelhas. Conduzi-a.

— Mentirosa! Você me disse que sua casa era uma bagunça!

— Acontece, às vezes.

— Quando o rei bebe — disse ela, alegremente. — Pobre gatinha! — acrescentou. — Você não está em boa situação.

Compaixão! Era só o que faltava. Mas, na verdade, ela aparentava sinceridade. De repente, desconfiei de uma total inocência.

— Ainda tenho?

— Claro que ainda tem. Espere.

Peguei uma esponja e lavei-lhe o rosto de ponta a ponta, bem mais que o necessário, não sei o que me acontecia. Arrancar a máscara, se houvesse alguma? Ela pensava que era brincadeira; ria; eu estava quase chorando e esfregava com mais força ainda, para me dominar.

— Vou ficar como uma lagosta.

— Não, você está bronzeada demais para isso.

Ela me enternecia. Aquilo não tinha sentido.

Enxuguei-a suavemente. Tê-la-ia beijado. Seria eu, pois, quem devia ter piedade dela? Inocente? A qualquer momento, era mesmo a fogueira o que lhe parecia mais adequado. Curiosa idéia.

— O que que você tem? Uma visão?

Ali estava eu, com a toalha no ar, bestificada.

Ri.

— Sim.

— Qual?

Dei de ombros.

— Vamos, — disse ela — fale! As visões são importantes. Nunca tive uma.

— Pois bem, você era queimada. Para dizer a verdade, — acrescentei, com prudência — era na Idade Média.

— Claro, agora não se queima mais. Amorna-se. Os demônios são fraquinhos.

— Os seus também?

— Não sei — murmurou ela. — Talvez sejam como os caníços. Você sabe, envergo-me mas não me quebro... Espere, deixe-me ajudá-la a levar, dê-me aqui. Oh, sonhos recheados! Foi você quem fez?

— Ahn. . . não.

Ela havia esperado até a sobremesa para assentar o golpe. Claro que se dera conta de que eu não me desdobrara para recebê-la. Nisso eu lhe fizera pouca honra, supondo que ela não desse pela coisa. "Foi você quem fez?" Notação à margem: enquadrava-se em seu modo de agir; o mesmo que o de Renaud; não tão inocente assim, afinal.

— Ora vejam, você tem um piano? É bom?

— Não sei ainda... É novo.

— Toque, Renaud.

Ele levantou-se docilmente. Eu ia, pois, poder apreciar o belo instrumento. Em suma, bastava esperar que Rafaele expressasse seu desejo.

— Você devia trabalhar um pouco — disse e-

la. — Seus dedos estão presos. Você tocava melhor em Saint-Paul, se bem que fosse uma lata velha. É idiota que você não se distraia.

— Não é isso: estou com uma nefrite.

— Onde foi arranjà-la?

— Aí — disse ele, designando com o queixo a garrafa de vodca.

— Você andou depressa.

— Eu tinha muita sede.

Prosseguiu, tocando *Que minha alegria permaneça*. Achei que ele não tocava mal. Eu me teria contentado, se ao menos ele tivesse consentido em tocar para mim.

— É reversível?

— Não depois de meia-noite — disse ele.

Arrancou as notas finais da canção do Rei Renaud e baixou com uma pancada seca a tampa do piano.

— Seu relógio deve adiantar — disse Rafaele, com voz rouca, agressiva, as faces subitamente afogueadas.

Para resumir, a questão era: que horas são? Só que o ponteiro daquele relógio, que mais parecia uma bússola, oscilava constantemente em torno dessa curiosa meia-noite, e o jardim de nuvens balançava, equilibrando-se, instável como o andar de Renaud, segundo as alternâncias de seu humor, e as quase intransponíveis, para ele, dificuldades da vida urbana.

Ah!, já não estávamos em Saint-Paul-de-Vence, não mais estávamos, como o jorrar de uma fonte, diariamente no terraço da Colombe. Os pirilampos não voam em Franklin Roosevelt; os rouxinóis não cantam em Richelieu-Drouot. O percurso Avenue de Saxe—Rue Vercingetórix estava semeado de cila-

das, a menor das quais, sobretudo se um boteco estava à vista, e em Paris há sempre um boteco à vista, a menor das quais nos fazia esquecer se íamos ou vínhamos, e onde nos encontrávamos no momento; como dirigir os passos, se não se sabe de onde para onde? Nem falemos do "quando". Rafaele queria levar Renaud ao estúdio para examinar a possibilidade de realizar Eurídice: quanto acidente sofreu esse projeto! Um esperava no Flore, uma quinta-feira, às quatro horas, o outro que bebia dose após dose, no Dome, numa sexta-feira, às seis horas. Dome, Flore, são tão parecidos. Rafaele não era lá muito pontual, é verdade,-mas, a Renaud, o que lhe faltava era a noção dos dias: como saber se era quinta-feira? Dizia facilmente: "Pois bem, quinta-feira, às quatro horas", mas não sabia identificar esse momento privilegiado em meio à homogeneidade do correr do tempo, sinal algum é acionado para nos avisar dos "agoras". E se, de todas essas perguntas sem resposta, perdido na cidade, naquela vacuidade do espírito, erguia-se ainda o "por quê?", então não havia senão arriar-se no primeiro balcão, o que, pelo menos, é simples, se nada ainda separa dele — pois o próprio ar poderia erguer-se diante de Renaud como uma coluna de ferro fundido transparente, e ele chocar-se com ela, machucando-se, se não a contornasse em tempo; eu havia verificado o fenômeno, andando a seu lado; ele perambulava num labirinto de vidro, onde se perdia, não mais achando a saída; seu andar era uma derivação de um ponto esquecido para outro ponto esquecido, uma curva que perdia o fim e não encontrava o ponto de partida. Eu conhecia a questão: Renaud só atingia o lugar para onde queria ir se eu o transportasse até lá.

E depois, além de tudo isso, queria ele ir até lá? Um obstáculo maior que toda a cidade erguia-se entre ele e Rafaelle — entre ele e ele — era ele mesmo. Obstáculos de natureza misteriosa, tanto quanto aqueles obstáculos imaginários que, numa calçada lisa, faziam-no tropeçar e cair, cavalo que tropica dentro da noite, cavalo enlouquecido por pavores infundados, cavalo doido que se assusta com os próprios passos. Um inferno parecia existir a meu lado, e nele morava Renaud. E nada neste mundo, nada, protegeu-me, Senhor, metia-lhe mais medo que Rafaelle!

Desse modo, meu melhor aliado contra Rafaelle era Renaud Sarti. Em segundo lugar vinha Rafaelle. Eram eles os seus piores inimigos. Em suma, eu nada tinha a fazer. As coisas sempre se arranjavam mais ou menos por si mesmas, era bastante deixar o mundo ir para onde quer.

Dizia ela: "Não se pode obrigar a beber um cavalo que não tem sede." Nobre divisa, mas de eficácia pouco pródiga. Ela telefonava. Renaud, nunca. Aliás Renaud não sabia telefonar; tinha medo do telefone. Era eu quem atendia as chamadas e, invariavelmente, era minha a voz que Rafaelle ouvia, quando esperava a outra. Aborrecia-se; eu era gentil: minha amizade crescia na razão inversa de seu poder, e, derrotada, eu gostava dela. Renaud, à menor manifestação do Anjo, ficava encurralado, contraía-se na toca, eriçado de recusas. Espavorido. Eu insistia para que ele viesse ao aparelho, a fim de que ela não tivesse feito em vão aquele esforço que lhe era cada vez mais penoso; eu era tanto mais generosa quanto mais inútil: ele se levantava como quem foge, andando de viés, como caranguejo; entabulava-se

uma conversação no estilo. "Então, como vai você", que caía em banalidades, na melhor das hipóteses num encontro que não seria honrado. Rafaele arrefecia. A cada reunião — as reuniões a quatro tinham êxito, pois eu me metia nelas — eu a achava um pouco mais derrotada. E havia também o inverno. Ela perdia a cor — o glorioso sinete solar, a desenvoltura solar — o frio ia matando-a pouco a pouco. Encolhida em sua capa de nylon, pálida, arrepiada, ela era o gato molhado previsto pelo ciúme de Simone, e que me lembrava de lhe haver pressentido a vulnerabilidade desde o primeiro minuto. Feiticeira, não, decididamente; ou somente ao sol, em férias. Feiticeria não: ingênua, eis tudo. Saberria, sequer, que amava Renaud? E depois, para o diabo!, talvez não amasse. Talvez de boa fé, como uma irmã. Esse estranho amor, em todo o caso, não tinha inveja do meu: "Coitada, você não está em boa situação." Ela estava a cem léguas do sacrifício. Não era feita para pagar o alto preço de um homem. Não era fêmea. Junto dela, apesar de minha frágil carcaça, eu era um Hércules. Todavia, esse débil amor, esse amor bizarro, causava-me sofrimento. Eu tinha pena. Mas, de qualquer maneira, eu não iria entregar-lhe Renaud à força. Ele estava muito melhor em seu lugar, comigo. Que teria ela feito dele, Deus do céu? Eu estremeia a essa idéia. Agora, ele estava de cama, atacado de uma espécie de apendicite nervosa, a não ser que se tratasse de uma nefrite, ou de colibacilos, ou sabe Deus que espécie de animal vindo de suas frementes células nervosas para suas tripas deterioradas. De comadre em punho, não, eu não estava em "boa situação" e Rafaele decerto não a teria disputado comigo. Ela a deixava para mim, talvez com tris-

teza, porém sem luta. Tinha horror a doentes, eles a aborreciam, nem sequer vinha vê-lo, e depois, ela trabalhava, tinha sua vida, afinal. E o jardim de nuvens esfarelava-se, de pura inconsistência, decompunha-se, e Renaud experimentava uma satisfação perversa, criança que conseguiu desmanchar o brinquedo acariciado, e agora nada mais tem a fazer, deixa-nos tranqüilos.

Novamente de pé, — se é que se podia dizê-lo a seu respeito — ele conservava chumbo nas asas. Não se dispunha a sair só: sabia que se deteria no primeiro boteco para nada mais que se dar coragem de continuar, e ali se perguntaria em nome de que continuar, e depois, onde estava, e, por conseguinte, como voltar. Permanecendo ali no meio de um tempo imóvel sem começo nem fim, pronunciando ou supondo pronunciar frases que ele acha geniais para um interlocutor casual, que aliás já se foi há muito tempo, sendo substituído por outro que também já partiu, enquanto é trabalhado pelo temor latente de perder-se completamente e jamais ser encontrado: teria sido preciso colocar-lhe no pescoço, como nas crianças refugiadas, uma placa com o nome, ou mesmo sem o nome, que importância tinha o nome?, mas apenas: "Recambiar para Avenue de Saxe, 44. — Gratifícase."

Mas eu lhe saía no encalço. Não me arriscava tanto a perdê-lo quanto ele temia, pois seus périplos eram mais rotineiros e limitados do que se me afiguravam ao espírito, que dilatava tudo. Ele se julgava em Batignolles ou nas índias e jamais ia além da tabacaria da esquina. Já nem mesmo tentava a fanfarronice: a mola, apesar de forte, não deveria mesmo ter agüentado tanto tempo, havia arrebenta-

do, ele vivia no medo e deixava ver a fraqueza essencial através dos farrapos de uma alma dilacerada. "Minha alma é imortal e a agonia começou — que digo?, sou um agonizante de nascimento. Dá pena ver, filhinha, não sei se você terá coragem de olhar até o fim." Acompanhava-me como um cão, tiritante. "Você, eu sempre encontro. Você, pelo menos, eu encontro sempre..." — dizia, furioso, com referência "àquilo" que não era encontrado: do que ele fugia como da peste, enfurecendo-se, não obstante, por não encontrar apesar de si mesmo.

Eu lhe suplicava que parasse, parasse: ele já não se rebelava com arrogância, ao contrário, admitia humildemente que eu tinha razão; se ao menos pudesse, obedeceria... ia tentar; e, para festejar a boa resolução, aplicava em si mesmo o golpe da despedida: não bebia mais, exceto as últimas, exatamente antes do encerramento final e definitivo, pois, de qualquer maneira, seria um grande dia aquele em que pararia, assim, de uma vez por todas — o que ele não cessava de se acreditar livre de decidir; — e, pensar em todo esse futuro sem uísque, era por demais acabrunhante, era preciso consolar-se com antecedência. E depois, como é que ele iria escrever, se deixava a bebida? Pois não lhe era possível escrever senão tendo bebido, ele fizera a verificação. Ia ser lançado, e depois a coisa engrenava por si mesma.

Refugiava-se em sua mesa com determinação. Gostava de sua mesa: agarrava-se a ela como a uma jangada, sintoma do homem de ação em que ele estava prestes a se transformar. Segurava com as duas mãos o belo tampo encerado. Permanecia sentado, em sua fúria. Rabiscava folhas de papel: eu as encontrava, amarfanhadas na cesta, cobertas de sinuo-

sidades incoerentes; a mão endurecida não podia formar as letras.

A boa educação por muito tempo não me permitiu abrir a gaveta onde ele trancava as produções consideradas dignas de escapar à destruição. Certo dia, entretanto, durante uma de suas falsas fugas que não mais o levavam muito longe, abri, fustigada menos pela curiosidade do que pelo bem que eu lhe queria.

Achei uma única folha, muito legível, em cuja redação, evidentemente, ele se havia aplicado. Li: "A marquesa saiu às cinco horas, a marquesa saiu às cinco horas, a marquesa saiu às cinco horas, a marquesa saiu às cinco horas, a marquesa saiu, a marquesa saiu, a marquesa saiu, saiu, a marquesa, às cinco horas."

*

Quando ele "escrevia", eu me comportava como se ele não escrevesse. Nem a mínima pergunta, do tipo: O que é que você está fazendo? Em que parte está? Trabalhou hoje? Eu evitava até mesmo o vago: Como vai a coisa? Nada de notícias, boas novas, assim era. Jamais havia quebrado essa disciplina, destinada a emprestar à nossa vida a aparência de vida normal. Tudo se passava como se ele fosse um escritor entregue à elaboração de sua obra, elaboração um pouco lenta, um pouco difícil, mas nem por isso menos real; enquanto que, de meu lado, eu me preparava para ganhar o pão do lar; isso, ao contrário, era verdadeiro. Vendia pouco a pouco os meus bens; dentro em breve não restaria mais que a casa, à qual eu me aferrava, devendo trabalhar para dois —

para três! Como iria eu sair desta, ainda mais com um filho, se eu tivesse aquele filho, que Deus o abençoasse? O futuro era sombrio, e dele, assim como do resto, eu nada dizia a Renaud, que parecia tê-lo esquecido por completo. Havia renovado minha matrícula na Faculdade de Direito, cortando sem demora e abandonando meus antigos projetos; aliás, eles se me haviam tornado indiferentes. Talvez ingressasse no Serviço Público, era mais seguro; queimava pestana, com vistas ao concurso; estudava com aplicação as matérias do curso, em casa, onde reinava, aparentemente, uma atmosfera saudável e laboriosa, um sentado à mesa, o outro na cama, ambos cercados de papéis, em pleno trabalho.

Renaud pousou a caneta e levantou a cabeça.

— Você não está farta disto? — disse ele.

— De quê?

— De tudo isso.

— Tudo isso o quê?

— Oh!, como enche, a inocência. Ajeite essa máscara. Você faria melhor tocando fogo nesta mesa. Comigo e tudo — acrescentou ele.

— Mas Renaud, o que foi que lhe deu, de repente?

— "Mas Renaud, nhãnhãnhã!" — macaqueou ele. — Santinha do pau oco. Quanto tempo vai durar essa comédia? Talvez você não tenha lido minhas obras completas, não é? Encontrei lá uma lágrima fresquinha, a tinta ficou borrada, que pena! Não sei se poderei reencontrar minha idéia.

Claro que não era verdade, eu não me divertira a ponto de chorar em cima de sua marquesa, ainda que houvesse de quê; a marquesa era, portanto, uma armadilha colocada ali de propósito para que eu nela

caísse; provocação, bem a seu modo, pretexto para o drama. Não poderia ele deixar que continuássemos, quase pacificamente? Desde que eu o aceitava sem ilusões, não poderia ele aceitar que eu o aceitasse? Era pedir tão pouco!

— Então, não é verdade?

Era inútil negar, ele insistia em sua tragédia, levá-la-ia até o fim. Baixei a cabeça. "Bom."

— Bom. Então, repito minha pergunta: Você não está farta?

— Nunca estarei farta, Renaud, você bem sabe.

— Ai de mim! — disse ele.

— Mas Renaud, eu não me queixo... não peço mais que isso.

— Pois bem, você não é difícil, minha cocote! Nem para você, nem para os outros. "Não peço mais que isso!..." Isto se chama viver. Felicitações. Então, se eu levar muito tempo para morrer, você vai passar os seus belos anos a brincar de Tudo vai bem, Senhora Marquesa? Com merda até o queixo, e sobretudo não façam onda? Porque o importante, não é?, é não sentir, não saber! Hipócrita!

Baixou a voz.

— Está vendo? Você é nojenta. Seu amor. Sua caridade. Já vi. Até o fundo, agora. Merda. Sua caridade você pode enfiar no rabo. Não, você ainda se esbaldaria de gozar. Sua piedade, você pode comer com salada, cuspo em cima dela.

Cuspiu no chão: jamais uma palavra gratuita; era Renaud; eu que fosse buscar o pano para limpar.

— Estou farto — disse ele, calmamente, — dessa boa atmosfera burguesa. Faça-me o favor de dizer a verdade, ou seja: Renaud, você está liquidado. A fim de que, se nada disso mudou, pelo menos

se saiba onde se está exatamente. Vamos, avestruz, saia da areia burguesa, venha daí e me olhe nos olhos. Bom: seus olhos estão úmidos, como você vê, as coisas não vão assim tão bem. Então, afine seus violinos, os olhos e a boca, e diga a verdade.

— Não! Se você me permite!

— Só permito a verdade: Renaud, você está liquidado. Quero ouvir isso fisicamente, você não compreende essa exigência legítima?

— Mas não é verdade!

— É verdade!

— Não quero! Não quero que seja!

— Esquizofrenia. Burguesia, eis o nome de seu mal. A realidade, você desconhece, não quer saber dela. E que a festa continue. Ah, estou cansado — disse ele, e sua voz se quebrou. — Como custa, como é demorado, isto não tem fim. Morro de tédio, e isso não anda depressa. Então, por favor, faça-me uma gentileza: que, enquanto dura, pelo menos respiremos ar puro! Será duro demais, se ainda for preciso que isto comece a feder! Vamos, diga-me a verdade.

Eu permanecia calada. Era-me fisicamente impossível soltar uma tal frase. Ele me segurou pelos cabelos — "diga" — e me arremessou contra a mesa, curvada para trás. Senti uma pequena dor no ventre, como uma agulhada. Pus-me a gritar.

— Não toque em mim! Largue-me! Esteja liquidado, já que insiste tanto, mas você não tocará em mim. Vá embora. Pode ir, tanto pior!

De repente, algo era mais precioso que Renaud. Ele o sentiu, e, surpreendido por esse mistério, largou-me. Reerguendo-me, enfrentei-o: que não se aproximasse. Que fosse embora.

Eu tremia de medo — mas não de medo de Re-

naud, ele bem que o via. Iria deitar-me indiferente ao que decidisse o Sr. Sarti. Era preciso que eu me pusesse nas mãos de Alex: quase quatro meses. E minha ficha de gravidez, que não havia sido feita; e eu não estava em dia com a Assistência Social. Já era tempo de me ocupar com coisas sérias. Se ao menos aquele bruto imbecil desistisse de ameaçar-me com suas sandices de intelectual fracassado: que fosse para o inferno.

Mas o Sr. Sarti não ia para o inferno; dava voltas sem saber o que fazer de si mesmo, num completo desalento por eu não mais ocupar-me de sua pessoa. O Sr. Sarti tinha seus hábitos. Pois bem, cumpria-lhe mudá-los ou ir em frente. Era um miserável, eu sentia um pouco de pena dele.

— Você quer que eu vá embora?

Eu o encarava firmemente.

— O que eu não quero são essas comédias cretinas.

Ele dançava num pé e no outro. Súbito, abateu-se sobre a cama, com enormes soluços. Chorou e chorou não sei quanto tempo, horas. Eu o tomara no regaço e o embalava. Eu tinha dois filhos. Ele não podia mais. Liquidava trinta anos.

*

Continuei a sentir pequenas dores que me causavam mais inquietação que mal-estar. Telefonei para Alex, ou melhor, mandei que Renaud telefonasse, pois eu não queria me mexer. Renaud, afinal, acalmara-se, mas dele restavam apenas frangalhos; mal podia falar.

"Você a matou?", perguntou-lhe Alex ao ver-

lhe o rosto devastado. Ele gaguejou miseravelmente. Mandei que se afastasse: ele franziu a testa; jamais mandava que ele se afastasse por ocasião dos exames, geralmente pulmonares, a que eu me submetia; ele não compreendia o que se passava dessa vez.

— Ah!, bom — disse Alex, examinando-me.
— Bem que pensei que você nos faria a surpresa, mais dia, menos dia. Então, é por isso que ele faz essa cara?

— Não, ele não sabe de nada. É outra coisa: está farto, não agüenta mais; há pouco, desmoronou.

— Pobre rapaz; então, é o fim. Agora, você vai poder botar-lhe o cabresto.

— Não o fiz para isso! — gritei.

— Naturalmente.

— Aliás, seria um péssimo cálculo, pois isso mais depressa concorreria para afugentá-lo.

— Claro — disse Alex. — Vista-se. Mas, diga-me, certamente não é de ontem.

— Novembro.

— E por que não fui avisado?

— Tinha medo que você não permitisse.

— E você não queria que eu impedisse?

— Não.

— Você sabe, a medicina não está autorizada a interromper a gestação à força, — disse ele secamente — e você não se enquadra nas leis de exceção. Ainda há liberdade de procriar idiotas.

— Oh, Alex!

Eu sabia que ele ia ficar furioso.

— Evidentemente não é fatal. Também pode acontecer que isso dê certo.

— Que quer você? Às vezes, é preciso arriscar.

— Sim, ainda que o risco seja para os outros...

— Você é muito pessimista. Se se tivesse sempre que exigir condições perfeitas, nunca se faria nada. É a vida. É possível também que seja um gênio.

— Você quer dizer: um Renaud? Admiro sua coragem e meus votos são que ela seja recompensada. O importante é que você esteja contente. Aliás, seu comportamento é bom. Talvez fosse isso o que lhe faltava para que você acabasse com todas as suas histórias.

— E as dores?

— Fique deitada; mas creio que isso é consequência de você andar por aí sem cinta, como uma idiota.

— Jamais teria coragem de me mostrar dentro daquele troço.

— Mas é preciso, minha cara.

— Só se ele não empreender a fuga, o que resolveria ao mesmo tempo o problema estético.

— Por quanto tempo você pretende ocultar-lhe? Quer fazer-lhe uma surpresa de aniversário?

— Agora, é diferente. Pode dizer-lhe, quando sair.

Que ele faça o que quiser. Menos os pontapés no ventre.

*

Renaud veio sentar-se à beira da cama, muito calmo.

— Vou casar com você — disse ele.

— Não! — gritei. — Agora, não. Não por semelhante motivo.

— Você não compreende: não é um motivo, é

um pretexto. Aproveito o primeiro que se apresenta, porque estou farto.

— Não quero que pareça que o fisguei.

— Faça o sacrifício das aparências, uma vez. Fisgue-me. Suplico-lhe. Estou farto. Afundo. Entrego-me. Estou saturado. Abjuro. Abjuro o meu nada. Aceite-me assim. Estou no chão. Recolha-me. A menos que você ache que eu não sirvo; neste caso, não insistirei.

— Você sempre me servirá, Renaud. Mesmo numa padiola, sem um dos braços.

— Sim, eu sei.

Ele teve um sorriso triste; desastradamente, eu acabava de oferecer uma réplica de Eurídice.

— O amor triunfante — disse ele. — Pois é. Ele venceu.

— Não quero me aproveitar de um momento de fraqueza para acorrentá-lo. Trataremos disto quando você estiver restabelecido.

— Não quero me restabelecer, como você diz, quero relaxar. Não é um momento de fraqueza, é minha fraqueza essencial que por fim se confessa: aproveite, você sabe que, às vezes, tenho momentos de falsa euforia, sobressaltos de orgulho idiota. Acorrente-me. Quero correntes, o máximo possível, e pesadas, de sorte que eu não possa mais me mexer. Caí. Não tenho o direito de esquecer-me disso. O negócio é que eu me acreditava um deus, que bebe para tentar acreditá-lo, mas não é verdade, acabemos com a cretinice dessas fantasias icáricas. Quero ficar aqui. Neste lugar. Peço-lhe que me retenha aqui. Segure-me. Com firmeza. Não me deixe subir ou imaginar que subo, segure-me com firmeza para que eu

acabe de vez com tudo isso. Não posso mais, compreende?, ficar sentado entre duas cadeiras, das quais uma é o Assento Perigoso, em que a gente não pode sentar-se a menos que seja puro, e eu não o sou, além do mais, é apenas uma porcaria de lenda, e o outro, o outro, você sabe, a vida simples e tranqüila à qual aspiro.

— Você aspira?

— Aspiro. À qual aspiro. Nesse momento não estou bêbedo, faço uso de minha cabeça, acredite-me, aspiro. Devolvo meu avental de idealista estéril. Não se pode conservar a Graça sem a fé, meu amor era uma ilusão, nada medra na lua, não se inventa a esperança. Passa de meia-noite, é muito tarde para o Anjo de Ouro. Adeus, não tenho coragem de morrer de cansaço, de morrer de lógica, estou cansado de representar o papel dos fugitivos que não têm lugar em parte alguma, quero repousar na paz das prisões, faço-me prisioneiro.

Estendeu-me os dois punhos fechados. Segurei-os de encontro a meu rosto.

— Não. Você faz o que quiser, fará sempre o que quiser.

— Não quero fazer o que quero, ponha-me as algemas, suplico-lhe. Não quero a liberdade, a liberdade de nada. Não há nada em ser livre. É preciso que, no final, eu o saiba. Ponha-me as algemas, suplico-lhe, rapidamente, eu ainda posso me debater, Deus sabe, ande depressa. Obrigue-me. Entrego-me a você. Você está ouvindo! Afinal, quero pertencer à espécie humana, a essa porcaria de espécie humana não acabada. Julgava-me pertencente a outra; louco. Sim, talvez. Sim, admitamos. Mas era uma espécie

não realizada, eis tudo; haviam esquecido de prever-lhe uma proteção, a coisa não podia funcionar. Sou um aborto da natureza. O homem é um aborto de macaco, sou um aborto de homem. Mas estou farto da vida de aborto, quero ser simplesmente um homem, quero dizer bom-dia, como vai, bem, obrigado, e você, quero entrar também na grande Máquina de Lavar, ajude-me, você que sabe. Ajude-me a viver. Obrigue-me a viver, juro que não desejo outra coisa. Você nunca me largou: não é este o momento; não me largue agora, não me largue nunca mais, não me largue até o fim. Falei a sério. Case comigo. Se lhe agrada.

*

Não quis que eu entrasse na clínica com ele. "Isso não é com você", disse. Tinha uma pequena valise e já um ar diferente. Nu, despojado. Partia, mais que um viajante, um viajante nunca parte, partia para muito longe, em toda a terra não havia lugar tão longínquo quanto o interior daquela clínica; nem mesmo em outro planeta. Ele mudava de mundo. De pele. De alma. Partia de si mesmo, deixava-se.

Fez-me um aceno de mão e atravessou a grade. Estava pálido. Sabia que não voltaria.

Alex veio de volta. O sacerdote exorcizador da Eurídice era ele, eu o reconhecia. Agora, somente ele teria acesso junto ao possuído do qual ia extrair o demônio, a fim de restituí-lo ao universo humano. À espécie humana, bom-dia, como vai, bem, obrigado.

Nem sequer debateu-se. Casamo-nos muito depressa, na intimidade, Alex foi minha testemunha,

André a dele. Simples formalidade. Formalidade por meio da qual ele me conferia o direito de obrigá-lo a viver, por processos à minha escolha. Confiança cega. Cega, "furar-me os olhos é que é preciso, dou-lhe a receita".

Bastava que "ele tivesse dito, diante da grade: Bem, afinal de contas, nada feito. Mudei de opinião. Era para rir — imediatamente, tê-lo-ia reconduzido para casa. A cem quilômetros por hora, a cem quilômetros... Mas ele queria, era ele quem queria. O poder legal que ele me conferira era de seu uso exclusivo, como uma espécie de muleta para ajudá-lo, a ir para onde quisesse, como um polícia para fazer medo; nomeou um policial para si, deu-lhe ordens, e agora faz medo a si mesmo com seu policial e lhe obedece. Necessita desse mecanismo, não sou mais que um instrumento, represento o papel que ele me distribuiu. É ele quem faz tudo, não eu. Não faço nada, não fiz nada, não sou eu, não sou eu, juro.

— Ande, vamos — disse Alex. — Afinal, não é a cadeira elétrica.

Um oferecimento do:

www.portaldocriador.com.br